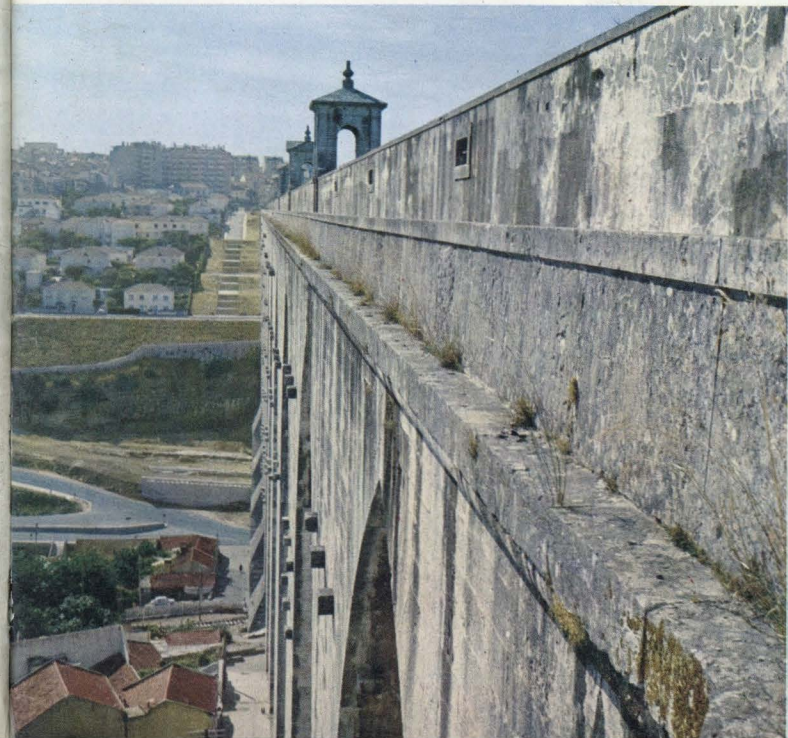


AS IMAGENS DE ADAMO PA...

JOSÉ NUNES CORREIA: MORTE AO SERVIÇO DOS LEITORES



A CORES E A PRETO A SUA ÚLTIMA REPORTAGEM



O AQUEDUTO: ÁGUA LIMPA EM PEDRA DURA

The Sands by Cutex

Este é um Verão para você ser admirada,
e não para ficar, de fora, a olhar.
Para ir à frente da onda. E não na onda.
Para viver na areia
as novas cores luminosas de CUTEX.
Sinta-se resplandecer!

Na sua boca, o brilho cantante de Sahara Sands.

Nos seus dedos bronzeados,
a cor viva violenta de Safari Sands.

Dance, descalça, sentindo as areias de CUTEX
nos seus pés... e nos seus lábios.



The Sands
de CUTEX é uma vaga de cor.
Está onde está a vida.
Está onde está você.

FLAMA

REVISTA SEMANAL DE ACTUALIDADES • DIRECTOR: ANTÓNIO DOS REIS

SUMÁRIO

COR

A última reportagem de J. Nunes Correia 28-33

A morte atómica tem 24 anos 46-53

NACIONAL

A indústria do tomate em Portugal (concl) 14-17

A juventude e a aeronáutica 20-22

Automobilismo em Montes Claros 38-41

Pirotécnicos 64-66

INTERNACIONAL

Papá Adamo 18-19

As férias do xá da Pérsia 24-26

Nixon na Roménia 60-63

A quarentena dos lunautos 68-73

CRÓNICA

Cinema 56-57

RUBRICAS

Em foco 4-10

Cartas ao director 12

TV programas 43

Discos 44

Crocodilo 54

Palavras cruzadas 74

Humor 74

NA CAPA: O Aqeduto:

Água limpa em pedra dura

EDITOR: ANTÓNIO DOS REIS / CHEFE DA REDACÇÃO: M. BEÇA MÚRIAS / SUBCHIEFES DA REDACÇÃO: CARLOS CASCAIS e J. SILVA PINTO / PROPRIEDADE DA UNIÃO GRÁFICA, S.A.R.L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA-2 — Telef. 44191/2-46174/5. Imprime-se na «União Gráfica», S.A.R.L., Fotogravura Nacional e na Neogravura, Limitada.

A «FLAMA» declina toda a responsabilidade acerca dos documentos que lhe sejam enviados. Os originais não publicados não serão devolvidos. A colaboração, geralmente, é pedida pela Direcção.

DIÁLOGO COM O LEITOR

VIDA E MORTE DE UM REPÓRTER

Convidamos o leitor a folhear a sua colecção de «Flama» e a reservar alguns momentos de respeitosa atenção às reportagens assinadas por José Nunes Correia ao longo de vários anos ao serviço do público. Não é difícil, mediante esta simples consulta, construir a ideia do homem para além do repórter. Como poucos, o querido camarada que tombou no desempenho da sua missão possuía a rara qualidade de se emocionar vivamente face ao seu semelhante. Os rostos que saltavam do quotidiano para a película da sua máquina eram filtrados por um grande amor de homem simples e puro. O Zé Correia retratava pessoas vivas. Mas também o comoviam as pedras inertes, testemunho dum passado que gostava de transportar para o dia-a-dia, as grafonolas antigas, os relógios velhos e desprezados, os telefones lançados ao ostracismo da sucata, coisas que ele comprava, reconstruía e guardava ao pé dos «bibelots» da «arte nova», na sua casa da Rua da Misericórdia.

Vindo da fotografia comercial, todos lhe acompanhámos o lento e desesperado esforço para ascender de fotógrafo a repórter. Cada serviço era para ele um exame, cada vitória um sorriso, cada fracasso um estímulo. Obrigado a prolongar a actividade profissional para além das horas que nos dedicava, a fim de garantir à família, que tanto estimava, um nível de vida acolhedor, nem por isso conhecia horas de descanso, nunca voltava a cara a nova tarefa. De cada contacto nascia um amigo, em cada companheiro ficará viva uma saudade pungente.

Há semanas, descobriu num alfarrabista uma brochura que versava episódios da vida lisboeta relacionados com o Aqeduto das Águas Livres. Apaixonou-se pela história dessas velhas pedras que matam a sede à cidade, com um entusiasmo que nos contagiou. Já na parte final da reportagem, e sem que a camarada encarregada do texto se apercebesse imediatamente da tragédia, o Zé Correia despenhou-se duma parede da «mãe-de-água», perto de Belas, caindo de borco sobre o leito seco duma ribeira. De nada valeram os esforços dos médicos para lhe salvar a vida. Mãos amigas trouxeram-nos a máquina que o acompanhou na queda. A última película impressionada no último rolo da que seria a sua última reportagem, registara com nitidez o local de onde viria a formar o grande salto para a outra vida.

Recusamo-nos a escrever que o nosso camarada ficou pelo caminho. Temos consciência de que a nossa tarefa, pela movimentação febril que lhe é inerente, implica um certo risco. Mas acreditamos na grandeza da nossa missão. Choramo-lo — porque não confessar? — mas cerramos os dentes, respiramos e prosseguiremos.

Adiante encontrará o leitor a última reportagem saída do talento e sensibilidade artística de José Nunes Correia.

EUSEBIO: «REI» E «SERVO DA GLEBA»

DANIEL RICARDO

Eusebio a teimar, o Benfica a resistir, ora conversando, ora desconversando: Arrastam-se as negociações, surge o impasse. Os «encarnados» partiram para Moçambique, no início duma digressão africana, sem levar o seu «maior» — esta a situação do «caso» mais falado do desporto profissional português, à hora a que escrevemos. A luta prolongou-se muito para além do que é habitual num país onde os futebolistas profissionais costumam apagar-se ante o poderio dos clubes que representam.

Eusebio o mais discutido jogador do futebol português. Assunto, também, quando se trata do seu contrato profissional.



À surpresa inicial da massa associativa e dos dirigentes do grupo da Luz substituiu-se uma grande perplexidade ou a indignação de quem assiste, impotente, a uma profanação: Eusebio ousara acometer contra a ordem institucional, nos quadros de uma gigantesca potência desportiva! O simples gesto de apor a sua assinatura no fundo de um contrato assume então dimensões de «problema nacional», e a verdade é que tem muito de simbólico, pelo parentesco com muitas situações da nossa conjuntura.

OS TEMPOS MUDARAM

Praticamente, começou o Benfica a carreira de Eusebio. A força de qualidades pessoais que não se diluíram no valor global da equipa (e, antes, o cimentaram), a breve trecho o jogador conquistou uma posição de relevo no panorama do futebol mundial. Há quem afirme que, sem o jovem moçambicano, nunca o Benfica teria alcançado os êxitos que marcam os últimos nove anos da sua já longa história e tornou-se quase impossível imaginar, em separado, o clube e o jogador.

«Os tempos mudaram», constatou, recentemente, um velho e conhecido internacional. Mudaram, de facto, «quando os futebolistas carregavam as balizas as costas e era em regime de puro amadorismo que suavam as estopinhas, no rectângulo», também ninguém se lembrava de lhes pedir

responsabilidades. Tinham «outro em prego» e a prática do futebol correspondia, apenas, a uma actividade de fim-de-semana, a um entretenimento. Hoje, pelo contrário, o futebol representa o único emprego dos jogadores. Em regra, por volta dos trinta anos, perdem a vivacidade, os músculos, o «valor». «Estão gastos, acabaram-se», dizem, então, com frieza os antigos admiradores. E pode recar-se pelo futuro desses homens ainda jovens que decidiram constituir o futebol em carreira.

CONTRA A MARÉ

Este ano, Eusebio procurou remar contra a maré. Para continuar a servir o Benfica, a dar-lhe vitórias, a decidir desafios, exigiu somas que, a massa associativa e os dirigentes do clube consideraram astronómicas. O jogador — afirmou-o — pensou na mulher, nas duas filhas, nos seus 27 anos. Mas é mais do que isso o que está em causa. No fundo, Eusebio limitou-se a pedir um aumento de ordenado ao patrão.

BLACK-OUT

Por muito que custe aos adeptos do Benfica, sem o concurso do «Pelé português», a equipa não será pelo menos imediatamente a mesma. De resto, a presença do jogador tem cons-

Estilo muito pessoal. Remate pronto. O terrível «chuto-cavão» do moçambicano. EM BAIXO: Melhor marcador do Nacional. A «bola de prata» é troféu habitual.



tituído cláusula obrigatória da maioria dos contratos firmados com o estrangeiro pelo clube da Luz. Eusebio tornou-se conhecido em todo o mundo, é um íman das multidões. Por isso, embora lesionado ou em crise de forma, é obrigado a entrar no relvado e a exhibir-se, nem que seja só por 10 ou 15 minutos. Para o Benfica, Eusebio significa muitos zeros antes do cifrão. E, no entanto, tal como as grandes empresas respondem à greve com o «black-out» sujeitando-se, assim, aos graves prejuízos que a paragem do trabalho sempre arrasta, também o clube dos «encarnados» decidiu não ceder e manter-se na posição inicial. Um dos dirigentes disse aos jornalistas: «Eusebio que arranje um clube e o indique ao Benfica». Quem ignora, todavia, que o Benfica pode fazer tais exigências aos clubes eventualmente interessados na colaboração do jogador que se gorem, desde logo, todas as tentativas de concretizar as transferências? Os servos da gleba medievos estavam presos à terra que cultivavam. Eusebio encontra-se acorrentado ao Benfica por uma carta de desobriga que constitui a autêntica negação da liberdade de trabalho.

A FORÇA DO DÉVEDOR

RAYMOND ARON

Sistema monetário internacional. tal como o previa e regulamentava a conferência de Bretton Woods, já não existe: sobre esta fórmula, a quase totalidade dos peritos chegou facilmente a um acordo. Uns atribuem esta mutação, esta deteriorização, a uma causa única ou, pelo menos, principal (por exemplo, o padrão do câmbio do ouro a utilização dos dólares como reservas das bancas centrais), enquanto outros pensam observar várias crises simultâneas, cujas origens não são susceptíveis de se confundir.

QUATRO PROBLEMAS DIFERENTES

Na hora presente, por exemplo, em qualquer reunião de banqueiros ou de economistas, a discussão versa, pelo menos, quatro problemas diferentes: o preço do ouro e convertibilidade do dólar em ouro, «dureza» do marco e revalorização eventual da moeda alemã, descida da libra. Destes quatro problemas, o problema do marco apresenta uma característica «conjuntural», dado que o balanço de contas da República Federal acusava um «défícit», há três anos.

Como era de prever, levanta-se a questão de a Alemanha Ocidental, graças ao dinamismo dos seus exportadores e à sua menor propensão para a inflação, beneficiar ou sofrer, em intervalos irregulares, de um excedente dos seus pagamentos correntes. Mas nenhum sistema monetário conhecido interdita, por não ser aconselhável, a manifestação, sob a forma de «défícit» ou excedentes, da desigualdade das pressões inflacionistas. Os sistemas monetários distinguem-se, neste campo, pelo grau de coacção imposto com vista ao restabelecimento do equilíbrio. O actual sistema, por comportar tarifas de câmbios fixas com uma margem de variação bastante restrita, implica, para os estados deficitários, a escolha das medidas restritivas internas e, se os responsáveis julgam o desequilíbrio fundamental, uma modificação da igualdade monetária.

O PROBLEMA DA LIBRA

Por entre os três outros problemas permanentes, o problema da libra apresenta uma característica particular. O «défícit» do orçamento de despesas americano, quer seja lamentável ou não, não se assemelha a nenhum de qualquer outro sistema económico. O dólar mais do que o ouro, constitui, acima de tudo, a base do sistema, e os estrangeiros, bancos centrais e particulares, guardam de bom grado os dólares, excepto nos períodos em que é descontada uma revalorização do ouro ou do marco. O mesmo já não se passa com a libra, cuja sorte corre o risco de se manter incerta durante longos anos.

BALANÇO DE DIVISAS

«The Economist» fez, recentemente, o balanço das dívidas da Grã-Bretanha em relação ao Fundo Monetário Internacional, dos bancos centrais estrangeiros e do governo americano. No decorrer dos próximos cinco anos, os reembolsos previstos ultrapassam quatro biliões de dólares, sem contar as dívidas a curto prazo em relação às bancas centrais estrangeiras nem as obrigações merecidas segundo os termos do acordo de Bâle, efectuada em Setembro de 1968. O montante destas dívidas ultrapassa largamente os excedentes previsíveis do orçamento de despesas britânico.

Se deixarmos de lado os quatro ou cinco biliões de dólares de dívidas em relação aos Estados Unidos ou ao Canadá, dívidas essas que remontam aos anos da guerra ou do pós-guerra, a situação da Grã-Bretanha resulta, para uma parte, dos «deficiências» dos pagamentos correntes, imputáveis à inflação interior e das despesas governamentais, e por outro lado, da decisão tomada pelos detentores de libras de converterem os seus capitais numa outra moeda.

A GRÃ-BRETANHA PERDEU A BANCA

Durante os anos do pós-guerra, a Grã-Bretanha tinha desempenhado o papel de banqueiro, papel que teve por muito tempo: exportações de capitais a longo prazo, constituindo uma contrapartida parcial de libras colocadas, por estrangeiros na Grã-Bretanha. Mas actualmente os estrangeiros perderam definitivamente a confiança, a situação tornou-se inextricável: qual o modo de mobilizar, para os reembolsos, os capitais colocados a longo prazo no exterior? Mesmo no caso de a liquidação destes investimentos ser possível, forneceria esta liquidação dólares ou moedas convertíveis em dólares?

GRANDE PENITÊNCIA

Se raciocinarmos segundo as regras da lógica económica e dos interesses internacionais, deveríamos chegar a uma conclusão morosa ou quase desesperada: a Grã-Bretanha seria condenada, durante vários anos, a grande penitência, por si própria susceptível de assegurar os excedentes anuais de algumas centenas de milhões de libras indispensáveis ao governo de Sua Majestade para honrar os seus compromissos. Mas como seria possível não levantar a questão de uma política restritiva, de tal modo prolongada, pertencer à ordem do possível? Algum governo, conservador ou trabalhista, dentro de um regime democrático, teria a capacidade «política» de restringir a exigência interior ao ponto de libertar, entre 1970 e 1975, um excedente anual de 300 a 500 milhões de libras?

O outro instrumento, teoricamente disponível, a desvalorização, foi uti-

lizado pela primeira vez sem sucesso notável. Nada indica que uma segunda desvalorização daria resultados diferentes. Que outros recursos existem? Alguns economistas indicam meios radicais, que conduziriam a uma ruptura com o sistema monetário actual ou ao aparecimento de uma moeda oscilante, ou ao abandono da liberdade de câmbios, por outras palavras, a uma limitação administrativa das importações.

A INSOLVÊNCIA TRAZ DESPRESTÍGIO

Falemos claramente. A insolvência (é por demais evidente) conduz a um atentado ao prestígio e ao amor pró-

prio de uma nação que ocupava um papel de relevo no mundo da finança. Nas relações financeiras entre particulares, na nossa época, as vantagens respectivas de credores e devedores não se deixam avaliar devidamente. Quando se trata dos estados, a incerteza torna-se não sómente maior, mas qualitativamente diferente. A interdependência dos grandes estados atingiu um ponto tal que, a despeito das posições e das rivalidades de interesses — oposições incontestáveis e rivalidades fugazes — procura-se salvaguardar o conjunto em face aos parceiros-adversários desde que um de entre eles se encontre à beira do abismo e ameace violar as regras do jogo.

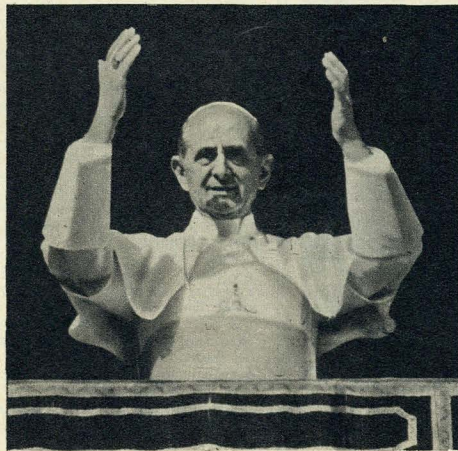
Ninguém pode acreditar seriamente que a Grã-Bretanha se irá submeter durante anos à disciplina interna que exige o divórcio dos excessos externos enquanto um método original não tenha sido descoberto e experimentado. Ninguém poderá acreditar que a Grã-Bretanha, de 1970 a 1975, venha a dispor de meios para reembolsar os seus credores. Os credores, Fundo Monetário Internacional e bancas centrais, darão novas facilidades ao governo britânico ou deixá-lo-ão comprometer-se num novo empréstimo? A resposta a uma tal interrogação interessa a todo o conjunto da economia internacional. A falha do devedor tem sempre possibilidade de atingir os credores.



PAULO VI NO UGANDA: UMA VISITA A TODA A ÁFRICA

Paulo VI considera a sua viagem como uma visita a todo o continente africano e não apenas ao Uganda», declarou recentemente aos jornalistas Mons. Paul Marcinkus, da Secretaria de Estado do Vaticano.

«É mais fácil organizar uma viagem à Lua do que uma viagem do Papaz», acrescentou, com uma certa dose de humor... O Papa encontra-se com sete



chefes de Estado africanos por ocasião da sua estada no Uganda que durou desde 31 de Julho a 2 de Agosto. O do Uganda evidentemente, mas ainda os da Tanzânia, Zâmbia, Congo-Kishasa, Ruanda, Burundi, República Centro-Africana e Quênia.

«A sua definição da tarefa apostólica levá-lo-á a visitar as diferentes regiões do mundo», declarou ainda. Pensa-se que Paulo VI poderá ir ao Japão para o próximo ano. Após a sua chegada, Paulo VI dirigiu-se ao Congresso

dos Bispos de África (o primeiro até hoje organizado), na catedral de Rubaga, perto de Kampala. Presidiu a uma cerimónia paralitúrgica, à qual assistiram os 45 participantes do Congresso, 100 bispos visitantes e convidados de honra da Igreja e do Governo. Pronunciou o discurso de encerramento que foi sem dúvida, a principal alocução da sua viagem. Paulo VI avistou-se com o presidente do Uganda, Milton Obote. O segundo dia, começou com uma missa concelebrada pelos participantes do Congresso. Consagrou 12 novos bispos africanos pertencentes a sete países diferentes. Ao meio-dia, dirigiu-se ao Parlamento encontrando-se com políticos e diplomatas dos países vizinhos. Teve outro encontro especial com os chefes de Estado que o foram saudar. Da parte da tarde, o Papa visitou o hospital nacional de Mulogo, um dos melhores de África e dirigiu-se ao bairro Mugo da cidade onde se misturou com a população. Inaugurou, seguidamente, uma nova ala do hospital católico de Rubaga e avistou-se com os representantes das organizações católicas. A 2 de Agosto, último dia da viagem, o Papa dirigiu-se a Nawugongo, perto de Kampala, para honrar a memória dos 12 mártires ugandeses mortos pela fé, em 1880. Rezou no santuário anglicano no preciso local do massacre, onde se conservam ainda os restos mortais dos mártires católicos e anglicanos. No santuário católico, consagrou um altar à memória dos mártires, antes de celebrar missa ao ar livre. Baptizou 22 convertidos, o mesmo número dos mártires, deu-lhes a comunhão assim como a 44 outras pessoas baptizadas um pouco depois. À tar, Paulo VI falou pela última vez à catedral de Kampala antes de deixar o país.

QUEM EMPUNHARÁ A BANDEIRA DOS KENNEDY

OBSERVER

Quando o mais novo dos Kennedy conduzia o seu «Oldsmobile» preto e a sua passageira e caía da pequena ponte, na ilha de Chappaquiddick, e a deixava morta à entrada da baía, estava também a fazer o último gesto, como o último sobrevivente de um fantástico Camelot. O final era de tal modo sórdido que poderia pensar-se que o senador de Massachusetts pretendia, subconscientemente, enviar uma mensagem para os familiares que se encontravam em Hyannis Port, dizendo que não queria ser presidente.

A FESTA

A festa que precedeu o acidente, segundo se sabe agora, era um aspecto

trabalho febril, que todos tinham vivido em Washington — e o senador estava pronto a sair cedo. O mesmo acontecia com Mary Jo Kopechne, embora as outras mulheres continuassem a divertir-se, passando mesmo a noite na quinta.

Todos os Kennedy conduziam a grande velocidade, e qualquer pessoa que visse Edward sair da sua casa, na Virgínia, e correr para Capitol Hill, poderia constatar que ele não era uma excepção. Com o escuro da noite e o pequeno estímulo extra, é fácil imaginar como se deu o desastre.

De qualquer modo, o acontecimento vinha dar o empurrão final na romântica imagem do cavaleiro Kennedy, embora essa imagem tivesse já sido bastante abalada pelo livro publicado



Mary Jo, 28 anos, colaboradora dos Kennedy há vários anos.

abalada. O desenvolvimento físico foi maior que o desenvolvimento intelectual. É o mais alto de todos os irmãos. No campo dos estudos as coisas começaram por correr mal, e depois do seu primeiro ano em Harvard, Edward foi suspenso por ter cometido a infantilidade de acreditar que o professor não iria notar que um outro aluno estava a fazer um exame de espanhol no lugar dele...

Mas como qualquer dos irmãos Kennedy, a sua capacidade para o trabalho tem aumentado, no decorrer dos últimos anos. A sua autodisciplina ficou demonstrada quando, em 1964, já no cargo de Senador, um desastre de avião que quase lhe foi fatal o obrigou a permanecer durante meses no hospital de Boston, numa maca metálica, deitado de bruços, e mal podendo mexer a cabeça. Não querendo perder tempo, conseguiu que alguns professores de Harvard e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts lhe dessem indicações sobre os complexos problemas correntes de ordem económica e militar.

ESPÍRITO ESPARTANO

Este espírito espartano, que, aliás, foi incutido na mente de todos os Kennedy, criou-lhe uma tensão interior que pode perfeitamente explicar o facto de um homem aparentemente vigoroso ter tido uma úlcera, antes dos 30 anos, mas que, no entanto, voltou a aparecer. A pressão familiar teve muita influência, embora o pai tivesse sido obrigado a dizer que poderia não seguir a carreira política e dedicar-se simplesmente aos negócios da família. No entanto, esta ideia foi posta de lado quando a sua irmã Jean casou com Stevie Smith, que demonstrou ser uma pessoa competente para orientar as fortunas da família.

Os directores da Universidade de Edward recordam que a sua disciplina favorita, e na qual tinha melhores notas, era Discurso Público. Embora, hoje, a sua articulação não seja tão clara como a do seu irmão John, é bastante melhor do que os seus irmãos em técnica oratória. Tem também bom aspecto, sorriso fácil, piadas fáceis e consegue captar simpatias. Por tudo, tem mais amigos e menos inimigos do que qualquer outro membro da família — embora exista um razoável número de americanos que detestem todos os Kennedy, indiscriminadamente. O seu irmão John costumava dizer que era «o melhor político da família, dado que o era naturalmente». A despeito dos tristes acontecimentos que sacudiram a família, Edward parece ter continuado a manter a alegria natural que herdou do avô materno «Honey» Fitzgerald, maior de Boston. As qualidades de Edward recomendaram-no para o Senado, para o qual foi eleito, com o auxílio do prestígio dos irmãos, quando contava 30 anos e os seus projectos de ascender à Presidência pareciam ainda remotos. Contrariamente a toda a expectativa, Edward levou a sério o seu trabalho legislativo. Qualquer dos irmãos tinha sido demasiado brilhante e demasiado impaciente.

se candidatou, pela primeira vez, e sem êxito, contra o irmão mais velho de Edward.

A DECISÃO QUE COMPETE

O que parece ser certo, contudo, é que, embora há algumas semanas competisse, em absoluto, ao jovem Kennedy decidir se iria ou não candidatar-se em 1972 — e, ainda no começo do mês de Julho, dizia não ter tomado, na altura qualquer decisão definitiva — tal decisão não tem agora qualquer base para ser tomada. Edward não pode contar mais com a alavanca que o poderia conduzir ao Poder, e que assentava no prestígio na glória dos seus dois irmãos, nem pode, sequer, continuar a apoiar-se na fortuna familiar.

Para voltar a obter a confiança do povo, necessária para conseguir chegar à Casa Branca, terá que retroceder. Em Massachusetts, o estado em que nasceu, é natural que volte a ser eleito, no próximo ano, para o cargo de Senador, dado que o último inquérito junto do público lhe era favorável em 86 por cento.

A dificuldade em se poder dizer, desde já, que o mais novo dos Kennedy tem, ou não, os requisitos necessários para vir a ser presidente, assenta no facto de se encontrar ainda, tanto fisicamente como politicamente, em processo de maturação. O professor Kenneth Galbraith, que conheceu intimamente, e quase desde nascença, os irmãos Kennedy, diz que todos eles amadureceram tarde. Mas, no entanto, é da opinião que Edward tem «pelo menos as mesmas qualidades que os seus irmãos mais velhos».

Certamente, todos os que trabalham mais em contacto com o senador concordam que durante os últimos seis meses, e desde que alcançou o cargo de dirigente democrata perante o Senado, Edward tem conseguido afirmar-se como figura política. Mas, agora, a sua autoridade foi fortemente



Edward Kennedy, a mulher e dois filhos, à porta da sua residência.

desconhecido do conjunto de cérebros, pessoas e capitais normalmente associados ao clã dos Kennedy. Pelo contrário, parece ter sido um encontro de pessoas dos «velhos tempos», após a regata anual, para a qual os convidados tinham sido seleccionados pela sua lealdade para com a família — as mulheres eram solteiras, a maior parte delas andavam pelos últimos anos da casa dos vinte, e sempre tinham trabalhado devotamente na campanha eleitoral de Robert Kennedy. Como era natural, havia bebidas em grande quantidade — suficientes para apagar a recordação da semana de

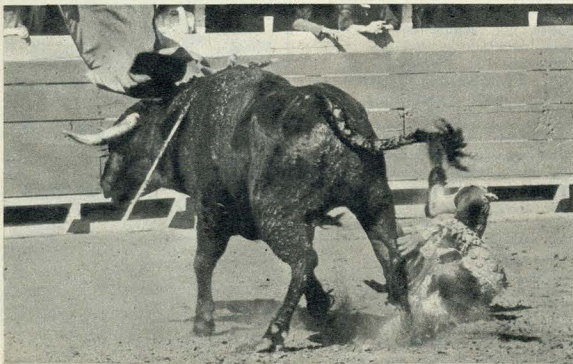
por uma secretária da Casa Branca, e que narrava toda uma série de incidentes domésticos e públicos, entre eles chocantes afirmações sobre a queda da lenda não significa necessariamente que a família Kennedy não tenha já futuro político. É conveniente fazer notar aqui que o jovem Kennedy tem muito tempo à sua frente para tentar reconstruir a carreira política; mesmo no caso de apenas se candidatar à Presidência em 1980, ano que dista de nós três períodos eleitorais, continuará ainda a ser mais novo que Richard Nixon, quando este



A REMOS — Tom «Molly» McClean, cbejou de barco a remos a uma praia irlandesa e pediu à primeira pessoa que encontrou: «remei no Oceano Atlântico durante 72 dias. Pode dizer-me onde há um telefone?» A interlocutora, a sr.^a Maggie Laselle, de 58 anos, ficou tão surpreendida que nem conseguiu responder-lhe e McClean teve de bater a outra porta. Foi este o primeiro acolhimento, depois de bater o «recorde» de 72 dias, remando de New Foundland até à baía deserta de Blackrod.

McClean tem 26 anos, é comandante no Special Air Service, e é o primeiro homem a atravessar o Atlântico, remando sozinho.

VALENTIA E «DESCABELOS»



O toureiro pagou a valentia com uma espectacular colbida.



Na Praça de Touros de Tijuana, no México, o matador português Fernando dos Santos teve, no passado dia 13 de Julho, uma corrida plena de êxito. Acabou por pagar a valentia com uma aparatosa colbida, mas antes ouviu ovações estrondosas sublinhadas pela música; no fim de uma volta ao recinto. Os jornais mexicanos não lhe regatearam elogios, salientando especialmente a valentia de que deu mostras, sem deixar de sublinhar que matou sempre com bastante imperícia.

Fernando dos Santos escutou ovações estrondosas sublinhadas por música.



Georgina, Mulher Ideal

A MULHER IDEAL VEIO DE SANTARÉM

A «Mulher Ideal Portuguesa 1969» é de Santarém e tem 26 anos. Trata-se de Georgina Ventura Ferreira Henriques, solteira, assistente da TAP. O título que conquistou conferiu-lhe, automaticamente, o direito (e as obrigações consequentes) de representar Portugal no concurso «La Donna Ideal d'Europa» que decorrerá, este mês, nas Termas de Montecatini, em Itália, e contará com a presença de um total de catorze mulheres ideais oriundas de outros tantos países europeus.

Corpo esguio e olhos negros, Georgina foi escolhida por um júri nacional que lhe disseceu as virtudes e os defeitos, em busca dos traços que definem uma figura exemplar (inteligência e beleza, cultura e conhecimentos de ordem prática, simpatia natural, ternura capacidade de compreensão — enfim, o raro conjunto de predicados previamente estabelecido pelo regulamento da prova).

MODERNA E ACTIVA

Das cinco concorrentes, quatro eram casadas e tinham filhos: as donas de casa, Maria do Espírito Santo Amorim Costa Santos, Maria João Ataíde e Maria Luísa da Cunha Viegas Basto e a educadora infantil Fátima Bernardo dos Santos Tavares. A escolha recaiu pois sobre a única candidata solteira. Não sabemos o que pensará disso um certo tipo de materialismo muito nosso conhecido. Mas quem ousará pôr em causa a validade de uma decisão colegial? «A mulher ideal deve ser moderna e activa; exijo-lhe, porém, muita tolerância como, aliás, ao homem», disse Georgina. E, a propósito da profissão que gostaria de abraçar se não fosse hospedeira de bordo: «...dedicar-me-ia às Relações Públicas. Nesse

campo, a mulher pode demonstrar a sua capacidade de organização e o seu poder de persuasão».

Das palavras da jovem escalabitana ressalta uma definição. Há, todavia, quem pense que a mulher ideal corresponde a uma ideia, a uma abstracção, produto mais ou menos acabado da imaginação do homem «A mulher ideal não existe. Ou, então, será a mulher que cada homem escolher e esta categoria abrange, eventualmente, todo o sexo feminino».

Pelo contrário, na opinião das entidades promotoras do concurso, — a revista «Donas de Casa» com o patrocínio da cerveja «Sagres» e o apoio do «Diário Popular», do Turismo Italiano (Enit) e dos programas radiofónicos do CDC, em Rádio Clube Português — há, em Portugal, até ao momento, quatro mulheres ideais, tantas quantas as vencedoras das provas anteriores e não contando, evidentemente, com a padeira de Aljubarrota ou D. Filipa de Vilhena...

PREOCUPADA

Georgina, que reside em Lisboa, eleita no decurso de uma cerimónia que se efectuou no Casino Estoril e a que assistiram Sissel Halvorsen, a norueguesa que detém, actualmente, o título de «Mulher Ideal da Europa», dr. Giuseppe Guaraldi, director do Turismo Italiano, Viborg, em representação do embaixador da Noruega, dr. Miguel Stau Monteiro, representante da Sociedade Central de Cervejas, dr. Francisco Balsemão, administrador do «Diário Popular», Teodoro dos Santos, da Sociedade Estoril-Sol, Marisabel de Sousa, directora da revista «Donas de Casa», Ruth Gassman, actriz alemã, protagonista do filme «Helga» e convidada especial da organização, eng.^o Azevedo Coutinho, presidente da Câmara Municipal de Cascais e dr. Serra e Moura, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Depois de lhe ter sido imposta a faixa de «Mulher Ideal Portuguesa 1969», Georgina respondeu aos jornalistas que lhe perguntaram se estava satisfeita com o resultado da eleição:

«— Mas evidentemente! Satisfeita, por um lado e muitíssimo preocupada por outro. Compreendo a grande responsabilidade do título que me acaba de ser concedido e sei das enormes dificuldades que, certamente, vou enfrentar na competição europeia de Montecatini. Todavia, vou preparar-me o melhor possível. Não quero, de maneira nenhuma, deslustrar esta tão brilhante iniciativa do «Clube das Donas de Casa» e da revista «Donas de Casa».



Aplausos para Georgina

A LIMPEZA CONSTITUI UM DEVER CÍVICO

SIMEÃO RAMIRES

Uma recente campanha publicitária promovida pela Direcção Geral do Turismo da Secretaria de Estado da Informação veio pôr em relevo diversos aspectos do nosso subdesenvolvimento educacional e cívico que de há muito nos vêm merecendo a mais completa condenação. Bom é portanto que insistamos, com a esperança de não estarmos a bradar no deserto e de que alguns nos escutem. O homem não tem o direito de poluir o mundo que o rodeia de modo que venha a pôr em risco a saúde e integridade física do seu semelhante. É um imperioso dever de civismo ser limpo e conservar limpa a zona da nossa esfera de acção. Detritos, dejectos e excreções têm lugares próprios para serem vasados. E, quando estes não existam, cumpre ao mais primitivo dos homens arranjar-lhos ou improvisá-los. Há animais irracionais que o fazem, pelo que se coloca muito abaixo deles (por mais responsável) todo o homem que assim não proceder.

TOM DE PORCARIA

Mesmo na capital do País ainda é frequente vermos pessoas cuspir e esmoncar-se para o chão, atirar lixo para as ruas, lançar no solo tudo que não precisam. Muitas vezes, o que se deita fora pode pôr imediatamente em perigo a integridade do próximo (cascas de bananas e laranjas, cacos de garrafas, taxas, folhas de lata cortantes, etc., etc.).

A quadra estival traz consigo o exibicionismo despurado desses astros da conspurcação que deixam através das nossas campinas verdes, pinheirais forrados de caruma perfumada e areias macias um rasto de imundícies, nojentas, agressivas e poluidoras. Restos de alimentos podres, latas de conserva ferrugentas, cacos de vidro cortantes, pregos, alimentos podres, espinhas de peixe, dejectos, tudo os nossos numerosos e bem amados irmãos neste aspecto, a produção deles é em cadeia. Os insectos proliferam e locais até aí aprazíveis tornam-se lixeiras de que é preciso fugir o mais depressa possível. Ali se cortam, se ferem, se contaminam eles, os filhos deles, nós e os nossos filhos. Assim estragam, para eles e para nós, tantos locais onde é verdadeiramente agradável passar um dia de Verão.

TUDO LIMPO

Um exemplo entre tantos: No início deste Verão, um grupo de 12 pessoas acampou em terreno livre, numa das praias ao Sul de Lisboa, durante cerca de seis dias. Quando levantaram o acampamento, a despeito de terem cozinhado e vivido ali todo aquele tempo, deixaram o local limpo, sem papéis, plásticos, latas, vidros, ou dejectos. Um simples sachinho, cujo cabo sai com facilidade e se arruma em reduzido espaço, habilitou toda aquela gente a enterrar tudo quanto podia constituir perigo ou apenas visão desagradável para quem quer que ali

viesses, nessa ocasião ou depois. Acresce ainda que tiveram visitas e fizeram grandes almoçadas, para muitas mais pessoas. Pois tudo ficou limpo. No fim de semana seguinte, no mesmo local, sob a sombra de dois enormes pinheiros, um grupo de umas oito pessoas fez uma fogueira (o que é proibido pois pode pôr em perigo a mata), deixaram o solo enfarruscado de cinzas e bocados de madeira carbonizada; um peixe-espada a apodrecer; três garrafas partidas; latas de conserva; um melão podre; papéis, plásticos e bocados de algodão. Um círculo de dejectões completava a paisagem...

Não se pode impedir que, em privado, cada um se rodeie do ambiente que lhe agrade, desde que isso não constitua incómodo ou perigo para os outros, mesmo quando o panorama é semelhante ao apontado acima. Todavia, em logradouro público, tal comportamento é inadmissível e constitui grave atentado feito à saúde e bem estar dos outros. E não nos venham alinhar desculpas. Quem tem dinheiro para comprar um carro e fazer piqueniques também pode comprar um sacho cujo custo ronda os 35 escudos. E quando não queira levá-lo, sempre terá maneira de resolver o problema: trazer o lixo para casa num saco de plástico e deitá-lo no caixote que os serviços camarários removerão.

A todos se impõe o dever cívico de cumprir e fazer cumprir regras elementares de limpeza que a todos defendam e a todos interessam. Devemos manter limpos as praias, campos, pinhais, rios, lagoas e tanques. Os detritos podem ser perigosos para os outros e os dejectos transmitir doenças perigosas. Essa transmissão atingirá locais bem longínquos, uma vez que os insectos levam a toda a parte os germes da moléstia. Mosca que pouso em porcaria, pouso a seguir no pó...

LIXO

Também interessa ver bem onde se deixa o lixo. Lançar cacos de garrafa à água, a escassos metros da linha do areal, pode ser muito perigoso para quem venha a seguir entrar na água. Há inúmeras pessoas cortadas por causa disso. Outras vezes, como quem se desfaz dos vidros (ou latas) não repara que está na maré-cheia, fica com a consciência descansada porque os atirou para longe. A maré desce e eles ficam precisamente no ponto em que os banhistas passam para entrar na água. Acima de tudo, é necessário não deixar a inteligência em casa e compensar a nossa falta de previsão e de cuidado. Também se deve abdicar de um falso orgulho e de muitos preconceitos, bem como do comodismo indiferente que nos leva a situações que, por vezes, têm consequências funestas. Impõe-se aos mais conscientes a educação dos outros. É mais cómodo, muitas vezes, não intervir. Mas, por certo, será bem mais útil para todos (até para os voluntários prevaricadores) que cada um tenha a coragem e o tacto necessários para intervir no momento próprio.

A ÁGUA ONDE NADA, PODE TRAZER-LHE DOENÇAS

SIMEÃO RAMIRES

O calor desperta em toda a gente a apatência pelo banho refrescante. Por isso, na quadra estival, rios, albufeiras, tanques, piscinas, lagoas e mar, enchem-se de pessoas. Nem todas as águas, porém, servem para se colher o refrigério ou para se praticar o saudável exercício que é a natação. Infelizmente para todos nós, a maioria das redes de esgotos das nossas cidades vilas e algumas aldeias (as que as têm são ainda em minoria) vão dar aos rios, lagoas, albufeiras e mar. Daí que se imponha o cuidado de examinarmos cuidadosamente o local onde tomamos banho ou nadamos. Não convirá fazê-lo de modo nenhum perto de uma boca de esgoto, pois será muito provável apanharem-se aí diversas doenças desde as de pele, as dos olhos, da boca da garganta, do estômago e dos intestinos. Esse perigo diminui muito e é até nulo longe das bocas de esgoto, pois a forte insolação que se regista na época estival constitui um poderoso bactericida. Assim, em águas batidas ou correntes, em que o Sol dá todo o dia, o perigo é nulo. No entanto, convirá que não se beba a água em que se toma banho e impõe-se que eduquemos as crianças nesse sentido.

BANHO SO LONGE DOS CANEIROS

No caso das lagoas e albufeiras, se a extensão e quantidade de água são muito grandes, relativamente ao volume de esgotos para elas drenados, também se pode ter uma certa confiança no poder bactericida do Sol, mas deverá tomar-se banho a distância maior dos caneiros. Nos pequenos lagos e tanques não se deverá tomar banho, se para eles se vasarem os detritos de uma povoação. De resto, neste caso, na época estival, a evaporação das águas devida às secas faz elevar a concentração dos detritos e aumenta muito o poder de virulência de quantos micróbios inquinam tanques, lagoas e albufeiras.

Deverá ter também todo o cuidado em não tomar banho ou nadar nas proximidades ou nos locais para onde dão os esgotos de certas fábricas cujos resíduos são mais ou menos tóxicos. Os complexos industriais são obrigados a despoluir os respectivos resíduos, mas a verdade é que nem sempre essa despoluição se faz em condições de evitar certa contaminação. Haja em vista as ameioas envenenadas da Lagoa de Óbidos e o que acontece às ostras que têm de passar sempre por um tratamento de purificação antes de serem postas no mercado.

NÃO APANHAR MARISCO JUNTO DOS ESGOTOS

Daqui emerge outro cuidado a tomar pelos veraneantes: não apanhar marisco nas proximidades dos pontos onde desagüam os detritos de povoações. E muita cautela com o mexilhão, pois é uma espécie que absorve e

detém facilmente produtos tóxicos. Recordamo-nos de uma intoxicação de certa gravidade ocorrida com mexilhão apanhado no Portinho da Arrábida, perto da lapa de Santa Margarida, no local onde vai dar o esgoto da Pousada de S. Lourenço.

Quanto às piscinas e tanques, convirá observar algumas regras essenciais. Se não houver desinfecção das águas e muita gente se banhar, deve



Nem todas as águas servem para praticar o saudável exercício que é a natação.

À DIREITA: Há mar e mar, há ir e voltar.

Veja-se no alto da torre de vigia a bandeira de verde ou encarnada.

evitar-se tomar banho ou nadar, muito especialmente se não se tiver água corrente para renovar a contida ali. De qualquer modo, em piscinas e tanques com águas não desinfectadas, será de toda a conveniência pôr a circular entre os utentes regras de absoluta higiene — (1) tomar banho com sabão, antes de entrar no tanque (ou piscina) e fazer o mesmo depois de a ter utilizado; (2) mentalizar as pessoas no sentido de que, excretar algo na piscina (ou tanque) será atentar contra a própria saúde e a saúde de todos.



IMPROVISAÇÃO ÚTIL

Se o tanque (ou piscina) não tiver chuveiro onde se possa desengordurar e dessodorizar o corpo, este poderá



fácilmente improvisar-se com um simples regador ou um balde. É até uma ocupação útil que poderá divertir o tempo livre do veraneante de uma forma positiva, integrando-o num trabalho bom para a equipa social em que está integrado. Do mesmo passo, essa falta de apetrecho dará a oportunidade aos mais evoluídos de contribuir para a educação e evolução dos menos apetrechados nesse aspecto. E nunca será de mais insistirmos, no nosso País, na divulgação de aspectos fundamentais da higiene pessoal e da liberdade e direito que todos nós temos de ser limpos e de evitar a conspurcação, bem como o seu cortejo de moléstias.

Tenha também o cuidado de se vacinar e fazer vacinar os seus filhos contra o tifo e a poliomielite.

O EXCESSO DE DESINFECTANTES

Nas piscinas e tanques com águas tratadas por desinfectantes há também cautelas a observar, pois são raros os casos em que essa desinfecção é feita na densidade conveniente e com os produtos mais indicados. Um excesso de desinfectante pode afectar a mucosa ocular, se a permanência no banho for longa. Nestes casos há diversos medicamentos no mercado e o seu médico oftalmologista deverá ser consultado. Vigie em especial os seus filhos e se lhes encontrar os olhos pegajosos após o sono, ou muito vermelhos depois do banho, leve-os ao médico. De qualquer forma, deverá suspender os banhos na piscina (ou tanque) se registar uma reacção alérgica nos olhos, relativamente ao desinfectante.

Deverá sempre evitar beber a água de piscinas ou tanques, muito especialmente quando houver excesso de desinfectante, pois pode ter desarranjos estomacais e intestinais.

O PÉ-DE-ATLETA

De um modo geral, quer haja desinfecção quer não, tenha cautela com os seus pés. Uma das maléitias que mais facilmente se contraí em tais recintos é o chamado pé-de-atleta. É provocado por um fungo que prolifera nas piscinas e tanques e se instala nos intervalos dos dedos dos pés. O calor do Verão e a circunscritura de entre os dedos dos pés fazem aumentar essa proliferação. O fungo ataca a epiderme, provoca grande comichão. O afectante reage coagando-se e chega a ficar com o intervalo entre os dedos em carne viva. É muito incomodativo e torna-se extremamente

À ESQUERDA: Embora a letra seja muito pequena, convém ler os editais. EM BAIXO: Antes de entrar na água veja se perto existe alguma rede de esgotos.



difícil eliminar o microrganismo causador do mal. Por isso, quando a desinfecção da água das piscinas não mereça inteira confiança (e muito cuidado com aquele regozinho de água em que deve molhar os pés para não levar pó para dentro da piscina), impõe-se lavar os pés com um sabão desinfectante, secá-los muito bem e polvilhá-los, bem como o interior das meias, com um fungicida apropriado que o seu médico lhe recitará.

PROTEJAM-SE AS CRIANÇAS

No caso de ter filhos ou crianças a seu cargo deverá vigiar-lhes os pés, bem como, de um modo geral, as mucosas bucal, ocular, genital e anal, pois aí será mais frequente a ocorrência de maléitias causadas por águas cuja desinfecção não é boa. As crian-

ças ou não se queixam ou só o fazem quando a moléstia vai adiantada e é difícil de curar. Nesta altura, já o seu sono foi fortemente perturbado e as férias, em vez de um bem, transformam-se numa afeição cujos efeitos psicológicos, para além dos fisiológicos imediatos, vêm a ter reflexos muito mais tarde em insónias, agitação, enxaquecas, ansiedade, etc.

São também muito frequentes, tanto em crianças como nos adultos, as

erupções de pele, durante o Verão. Devem fazer-se todos os esforços por determinar-lhes as causas e consultar o médico. Entretanto, se isso não for possível imediatamente, convirá ter cuidados com a alimentação, eliminando todos os excitantes (café, vinho, chá, temperos, etc.) e comendo apenas peixes não reimosos cozidos ou grelhados e carnes brancas cozidas ou grelhadas. Quanto a frutas, apenas bananas e peras ou maçãs cozidas.

Aconselhe-se, porém, com o seu médico (ou qualquer médico seu conhecido) e escreva e tome nota dos seus conselhos, para poder lembrar-se de tudo quanto precisa, quando as eventualidades se lhe deparem. Tudo correrá bem e tanto você como seus filhos muito aproveitarão das férias, se antes tomar os devidos cuidados.



FÉRIAS DA MAIS RICA — A rainha Juliana da Holanda, considerada a rainha mais rica do mundo, está a passar férias no palacete a que deu o nome «O Elefante Feliz», em Porto Ercole, na Itália. Como se vê na foto, acompanham-na duas das suas quatro filhas: a princesa Margriet (à esquerda) e a princesa Irene (ao centro); o príncipe Bernardo, seu marido e Peter van Vollenbovan, casado com a princesa Margriet.

GUADIANA: UMA SOLUÇÃO COOPERATIVA

A nossa agricultura, arreigada a métodos individualistas, encontra-se no estado caótico que todos nós sabemos. Por isso, a introdução do cooperativismo, de que a zona da Guadiana é apenas um exemplo, resulta como uma medida inteligente, cujos resultados cabe aguardar



No que diz respeito às possibilidades técnicas e financeiras da maior parte dos nossos médios e pequenos agricultores, parece não haver grandes dúvidas de que só encontrariam o nível imprescindível ao seu desenvolvimento através da via cooperativa. Os poucos que ainda se agarram aos mitos do individualismo com medo do fantasma do coletivismo, são vítimas de um estado de coisas bem conhecido, mas a época da conquista da Lua não se compadece da sua ignorância, tal como não pode aceitar o seu egoísmo.

A cooperação, quer no plano nacional, quer a nível internacional, vai caracterizar o último quartel do século XX. É onde o atraso se mostra maior e mais difícil de vencer que a cooperação se torna mais necessária. Os nossos campos atravessam uma crise. Mas para grandes males grandes remédios. Apontar a crise não pode ser visto como uma expressão de derrotismo, a não ser por aqueles que se limitam a dizer que as coisas vão mal, apenas na mira de receberem mais um subsídio. A nossa lavoura está mal por que permanece atrasada.

DA NECESSIDADE IMPERIOSA

Durante muitos anos sucederam-se as oscilações naturais do mercado do trabalho. Isto conduziu o nosso lavrador a uma mentalidade rotineira, à total ausência de imaginação. Com jornadas baratas, para que seria preciso procurar melhores métodos de trabalho, processos mais produtivos, isto é, maior produtividade por hectare e por homem/dia? A estagnação é o fruto de muitos anos de falsa tranquilidade. Travou-se a evolução natural dos anseios humanos e relegava-se, desta forma, a nossa agricultura para métodos hoje ultrapassados em toda a Europa. Cremos que o cooperativismo poderá dar uma valiosa ajuda para a solução do problema global da agricultura. Um cooperativismo aberto a todas as pessoas ligadas ao sector, quer sejam proprietários, quer sejam simples trabalhadores. Um cooperativismo onde todos se sintam cooperadores e não simples associados de uma organização organizada de cima para baixo. A reforma agrária há tanto almejada poderia encontrar uma base de concretização no sistema cooperativo, desde que o Estado se pres-



tasse a facilitar a aquisição de terrenos inadequadamente explorados, para alargar o âmbito das cooperativas e, ao mesmo tempo, justificar a presença dos trabalhadores em igualdade de circunstâncias com os associados que dispõem de terrenos próprios.

UM EXEMPLO MÉDIO

Do muito que pode fazer o cooperativismo pelo desenvolvimento da nossa agricultura dá-nos a Cooperativa Agrícola do Alto Guadiana um exemplo que, por nem tudo ter sempre corrido pelo melhor, nos poupa aos tópicos de um optimismo perigoso. Criada com um âmbito muito mais pequeno e sob a designação de Cooperativa Agrícola da Gronça, no extremo sul do distrito de Évora, esta cooperativa conta neste momento com 500 sócios e abrange uma área enorme, das localidades de Mourão, Luz, Gronça, Amareleja, Póvoa de S. Miguel. Até agora a cooperativa não passou ainda de uma associação de proprietários, completamente alheia aos interesses dos trabalhadores da região. Fundada pelo eng. agrónomo José Leal Segurado, a Cooperativa atravessou já momentos difíceis, provocados quase exclusivamente por dificuldades administrativas. O crédito bancário não parece simpatizar muito com as iniciativas do género e sem investimento não há resultados. No presente momento a cooperativa é administrada por uma comissão administrativa nomeada pelo Estado, a que preside o eng.º António Manuel Horta. Espera-se, contudo, que a vida da colectividade possa voltar em breve à normalidade administrativa. O desenvolvimento industrial da cooperativa tem-se acentuado nos últimos tempos, o que está a contribuir para que

até os mais cépticos olhem a instituição com mais simpatia.

As instalações constam, agora, de uma adega moderna, um excelente lagar e uma destilaria de figo. Eis o movimento de cada uma, relativamente à época passada. O lagar moeu 493 321 quilos de azeitona, que foi paga aos associados por preço superior ao do mercado particular. A adega recebeu 201 041 quilos de uvas brancas, que deram 150 283 litros de vinho; e 107 212 quilos de uvas pretas, que deram 75 524 litros de vinho. No total a produção de vinho foi de 225 807 litros. A região beneficia de condições excepcionais para a produção de bom vinho de mesa. Desde 1952, ano da fundação da cooperativa, que o vinho produzido na sua adega tem sido sempre de superior qualidade. Mas como a cooperativa não dispõe de recursos financeiros para promover a colocação comercial do vinho, este chega apenas às terras próximas, que são, afinal, as que beneficiam, posto que se trata de uma pinga de primeira qualidade, como já ficou demonstrado em sucessivos concursos oficiais. A destilaria queimou na época passada 270 562 quilos de figo, para álcool.

ESTAÇÃO DE MÁQUINAS COLECTIVA

Ao dispor dos associados tem agora a cooperativa 3 tractores, 3 debulhadoras, 2 ceifeiras-atadeiras, 1 enfardadeira, 2 roletes e 1 gadanheira. Os associados que não têm explorações que justifiquem a aquisição de máquinas, ou que não dispõem da verba para tal, requisitam-nas à cooperativa, que as aluga por preços sensivelmente inferiores aos do mercado

A cooperativa é um sinal de progresso no ambiente velho da Granja, e a população discute os seus resultados práticos.

À ESQUERDA: As modernas instalações da cooperativa.

particular: tractor n.º 1 — 70\$00 hora; tractor n.º 2 — 75\$00 hora; tractor n.º 3 — 80\$00 hora e gadanheira — 80\$00 hora.

As ceifeiras trabalham à maquia, mas ficam igualmente mais económicas do que as particulares.

TEM BENEFICIADO O POVO

Na aldeia, numa esquina não muito longe da torre sineira, procuramos saber o que se pensa da cooperativa. As opiniões dividem-se. Meias frases, posições indefinidas, hesitações. Mas eis que se ergue uma voz para se dirigir ao cepticismo dos presentes quase todos pequenos proprietários: «Sabem lá o que dizem. A cooperativa tem feito um jeitão à terra, tem beneficiado o povo. Se não fosse ela já vocês estavam para aí parados há uma porção de anos. Só tenho de meu o dia e a noite, mas não sou parvo e tenho de dar o valor a quem o tem. O homem que fez a cooperativa valia por catorze. Sôzinho fez o que gente aqui não fomos capazes de fazer todos juntos». Os outros calam-se, confundidos, e procuram mudar de conversa. A Cooperativa Agrícola do Alto Guadiana ensaia novos passos na caminhada difícil mas prometedora da transformação de uma agricultura que definhava devido aos métodos obsoletos que utilizava. O esforço individual cede lugar ao colectivo. O isolamento transforma-se em comunicação. O interesse privado deixa de colidir com o interesse da comunidade. Sem dúvida que se trata de um esquema cooperativo mesclado de formas e conteúdos corporativos, mas sairá do próprio desenvolvimento das associações a pureza que se torna imprescindível à finalidade que desejassemos.

NÃO VIAJE PELA VARIG

**É ótimo cair no
trânsito parisiense
de hora de ponta.**

Você parte mais cedo, é verdade. Mas chega a Paris (ou Frankfurt, ou Copenhague), naquela hora brava, em que o táxi se arrasta palmo a palmo do aeroporto ao centro. Aí vem o almoço. Quando você começa realmente o seu dia, onde está a vantagem? Sem falar nos seus nervos.



VIAJE PELA VARIG

Linhas Aéreas Brasileiras

Os horários da VARIG, que sempre coincidem com as refeições, permitem-lhe chegar (almoçado a bordo) dentro da faixa ideal para locomover-se rapidamente ao centro de Paris (ou Frankfurt, ou Copenhague). E não esqueça que você pode aproveitar a sua manhã em Lisboa! Viaje civilizadamente. Pela VARIG.

**Vai ser muito mais
fácil chegar de
Orly a Paris.**

parece feito
para as casas modernas
e foi !



De qualquer ponto da casa, GODÉSIA serve-a em toda a casa. Na sua vida de mulher moderna, GODÉSIA é o conforto que deseja, tornando a sua cozinha mais bela e assegurando, no prazer do banho, a alegria de viver.

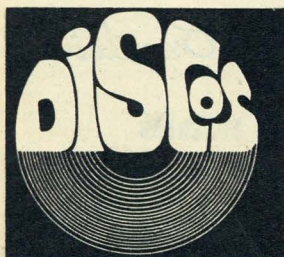
o esquentador que não esquece • o esquentador que aquece

COINTRA
Godésia

Distribuidores exclusivos para PORTUGAL:

LISBOA — RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.
Rua Pascoal de Melo, 127

PORTO — RÁDIO ATLÁNTICA
Rua de Santa Catarina, 615



Todos os êxitos!

estão à venda na

discoteca

ASTROTÉCNICA

Rua dos Anjos, nº 71 b
Av. Antº A. Aguiar, 58b
LISBOA

OS MELHORES
OURIVES
DE TODO O MUNDO
RECOMENDAM

Nagerty
anti-oxidante
para pratas

**para
limpar
pratas**

procure nas ourivesarias

CARTAS AO DIRECTOR

O HOMEM NA LUA

Não é para dizer que está consumado o maior sonho do homem que lhe escrevo esta carta, sr. Director da «Flama». Isso foi dito já por todas as formas e usando todos os meios de comunicação existentes ao de cima da terra. Foi exaustiva a forma como os jornais, a rádio e a televisão comunicaram aos homens o maior feito do Homem.

Leitor assíduo da «Flama», aguardava com interesse o seu aparecimento para ver a forma como o acontecimento era visto pela «minha» revista, depois de tudo quanto li, e ouvi. Ao folhear hoje a «Flama», fiquei surpreendido ao ver como lhes foi possível sintetizar, um assunto que ocupou páginas e páginas dos jornais, horas e horas de rádio e de televisão, em oito páginas que, encadernadas no volume da «Flama» que ocuparão no fim do ano a minha estante junto das outras que lá estão, me recordarão pela vida fora este acontecimento.

Se outras razões não houvesse, este facto e tantos semelhantes seriam razão suficiente para continuar a dispensar à «Flama», toda a minha simpatia. — JOSÉ GOUVEIA (LISBOA).

QUANDO ACABARÃO
OS DESASTRES NAS
PASSAGENS DE NIVEL
SEM GUARDA?

Noticiaram os jornais que ao atravessar a via férrea de Vale do Vouga, na passagem de nível sem guarda do Gavião, nos subúrbios aveirenses, foi colhido por um comboio um automóvel que ficou reduzido a um montão de destroços, depois de se ter voltado com a violência do choque.

Desta vez, felizmente, não há vítimas a lamentar, pois o condutor do veículo apenas sofreu estado de choque.

Ora, sr. Director, eu escrevo estas linhas para a «Flama», pensando que talvez lhes fosse possível fazerem qualquer reportagem sobre o assunto, a fim de procurar alertar as autoridades responsáveis para que se acabe com este triste fadário.

Sempre que ao volante do meu «utilitário» sou obrigado a atravessar uma dessas passagens de nível, faço-o com verdadeiro pavor, pois sempre me vêm ao pensamento os casos que os jornais relatam, (infelizmente debatidos com frequência. — ERNESTO JOSÉ SANTOS — PORTO

sonarte 1

sonarte 2

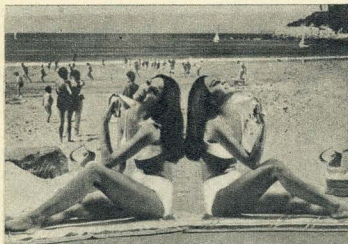
A Verdade acerca dos efeitos do sol e dos produtos para bronzear

Uma franca declaração acerca daquilo que tem direito a receber contra o seu dinheiro, quando compra produtos das grandes marcas de bronzeadores e, também, acerca das consequências da sua escolha para a beleza da sua pele, feita por «Spray-Tan», uma das principais marcas de produtos solares que pode encontrar em qualquer mercado da Europa.

Bronzear com ou sem sol?

Atenção: não confundir os produtos para bronzear naturalmente com os produtos cosméticos, para bronzamento artificial (sem sol). O bronzamento natural é o da verdadeira beleza e da saúde da pele. No entanto, não se deve expor a mesma ao sol sem empregar um verdadeiro produto de protecção solar: senão a pele «queima-se» e acaba por cair ou envelhecer antes de tempo.

As embalagens «Spray-Tan» ou creme «Spray Tan» são autênticos produtos científicos para um bronzear saudável e natural.



Hoje em dia, já é possível o fabrico de produtos para bronzear de duplo efeito, os quais pigmentam a pele desde a primeira aplicação dando-lhe um tom dourado protegendo-a do sol.

O «Bronze Solaire» é um deles. Apresenta-se sob duas formas: tubos e óleo-filtro em frascos. A sua acção é, de facto, sensacional. Pode parecer inacreditável, mas é verdade: com «Bronze Solaire» a pele começa a bronzear antes dos primeiros banhos de sol e, depois, intensifica o seu processo de pigmentação natural de forma espectacular. Desde a primeira aplicação, a pele reveste-se de um lindo pré-bronzado dourado que evita as queimaduras e lhe dá um aspecto imediatamente atraente. Sem maquilhagem, sem bronzamento artificial!

Uma vez que o «Bronze Solaire» é um concentrado de óleos tropicais impermeáveis à água, a sua acção protectora só se elimina completamente com a utilização de sabão, ficando o rosto e o corpo totalmente protegidos do Sol durante todo o dia.

Para intensificar o seu bronzamento

Quanto melhor a sua pele estiver protegida do sol mais intensos e duradouros serão os efeitos do bronzear. Mas, para isso, o produto escolhido deve conter um «filtro». Tais substâncias são mais ou menos activas (segundo

a intensidade de isolamento dos raios que queimam e a facilidade de passagem aos raios que bronzeiam) — e a sua actividade pode determinar-se com rigor e exprimir-se cientificamente através de gradações precisas: Percentagem de transmissão de raios bronzeadores e índice de protecção contra as queimaduras.

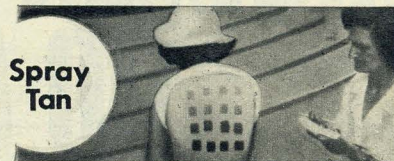
O filtro «F 29 : 31» contido nos produtos Spray Tan (e somente nestes produtos) é de tal forma eficaz, que a sua actividade foi detalhadamente comentada nas revistas médicas e dermatológicas. Graças a este filtro de alto poder, o Creme especial Spray-Tan é hoje aquele que possui o índice de protecção mais forte e o único vendido com garantia de eficácia e segurança. No caso das peles ultra-sensíveis (a pele das loiras e das ruivas) ou no de um sol muito intenso (mediterrâneo ou montanha) aconselha-se o creme Spray-Tan, que tem dado resultados surpreendentes e conseguido o que até aqui tinha sido impossível com qualquer outro produto.

Experimente: seja onde for que aplique o creme Spray-Tan a sua pele bronzeará como nunca. Porém onde não o aplicar, «queimar-se-á».

Para acelerar o bronzamento

Quanto menos esforços pedir à sua pele para se adaptar ao sol, mais depressa se bronzeará. Assegure-se de que adquire um produto solar perfeitamente adaptado aos problemas particulares da sua pele — pois que nem todas as peles reagem da mesma maneira aos efeitos do sol.

Não faça da sua pele uma «vítima do sol». Melhore, sim, as condições de receptividade aos raios bronzeadores do sol e obtenha pig-



mentação natural e surpreendente. Escolha, desde já, o produto Spray-Tan, especialmente concebido para o seu tipo de pele.

Pele normal com tendência para secar?
Spray-Tan Hydratante (espuma de lanolina). Hidrata as células cutâneas à medida que o sol as desidrata.

Pele com tendência para engordurar?
Spray-Tan não gorduroso, loção solar com vitamina A. Protege a pele sem a engordurar e resiste à água.

Pele seca ou delicada?
Spray-Tan extra macio, óleo. Alimenta a pele e evita a formação das rugas de Inverno.

Pele extra-sensível ao sol?
Creme especial Spray-Tan (ultrafiltrante): o máximo de protecção para um bronzear intenso.

Uma marca diferente das outras

Presentemente, todas as grandes marcas de perfumaria ou de cosmética fabricam também produtos solares mas, se a maior parte destes produtos são bons, os da marca «Spray-Tan» são obrigados a serem ainda melhores que bons, sob pena de perderem a sua reputação mundial de produtos diferentes dos outros. Com efeito, «Spray-Tan» ocupa-se unicamente de produtos solares destinados em especial a uma elite exigente e vendidos a preços relativamente acessíveis.

À venda em farmácias, perfumarias e todos os grandes estabelecimentos.

F. LIMA & C.º SUCR., LIMITADA
Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-4.º — LISBOA



Toda a gama de produtos solares — e só produtos solares

TOMATE

RIQUEZA À BEIRA

DO ABISMO

 (CONC.)

Concluimos, com depoimentos de fontes autorizadas, a perspectiva de crise que aflige a cultura e a indústria do tomate, actividade que rende anualmente um milhão de contos de divisas.

A indústria e a cultura do tomate atravessam, actualmente, em Portugal uma grave crise provocada pelo seu crescimento súbito. Tanto mais grave se torna quanto é grande a sua importância para a economia nacional (um milhão de contos em divisas).

Queixam-se os agricultores de, rendas altas, falta de apoio agrícola, dificuldade em obter mão-de-obra, baixo custo do quilo do tomate e más relações com os industriais. Queixam-se estes do número excessivo de empresas existentes, da concorrência provocada pelas outras empresas nacionais, do excesso de produção sem possibilidade de colocação e do desenvolvimento desta produção noutros países de idênticas condições naturais, com subsídios do Estado para exportação, o que não acontece em Portugal, e que consideram indispensável.

AS BAIXAS DE PREÇOS

• «Não é justo atirar as culpas sempre para cima do Estado — explica uma entidade oficial — o Governo não é agricultor nem comerciante.

Segundo os interessados, devia existir um sistema em que o Estado suportasse os riscos de produção. Os lucros pertenciam à empresa privada. Ou

somos «socialistas» do princípio ao fim, ou é o próprio mercado que se encarrega de ajustar a oferta à procura.

Poderia conceber-se um sistema intermédio em que o Estado balizasse extremos deixando que as forças do mercado se exercessem sem dispersões dos diversos sectores. Os malefícios fazem cor; das vantagens ninguém fala.

Os industriais, alarmados pelas perspectivas do ano corrente (previstas 180 mil toneladas de produção com um «stock» do ano anterior de cerca de 40 000 toneladas e com possibilidades da colocação no mercado externo de apenas 120 a 140 mil toneladas), reuniram-se em assembleia geral, do respectivo Grémio, convocada especialmente para apreciar as propostas sobre este problema apresentadas pela sua Comissão Directiva, e fizeram uma exposição dirigida ao secretário de Estado do Comércio destinada ao estudo desta solução.

Durante a campanha de 1968 os industriais portugueses (...) imaginaram «que baixas sucessivas de preço induziriam à concretização de negócios desejada», lia-se no referido documento:

«Todos esperavam que as suas baixas fossem as únicas levadas ao conhecimento dos compradores, para dessa forma conseguirem uma situação privilegiada nos mercados. O que aconteceu foi que se tornaram comuns a todos os fabricantes portugueses, e que desse modo se determinou uma retração do mercado comprador de que

só beneficiam os produtores locais dos Estados Unidos, únicos aptos a fornecer na base do «dia-a-dia». Em determinada altura, a pressão dos compradores e dos agentes (assim originada e legitimada) foi tal, que os contratos negociados noutra altura tiveram de ser revistos baixando-se-lhes os preços para os correntes ou mesmo introduzindo-se-lhes cláusulas de baixas de preços, na previsão de que estes cairiam mais. Isto passou-se no final da campanha de 1968, quando tinha de se planejar a de 1969», acrescenta a exposição.

SOLUÇÃO DEFINITIVA

«A solução definitiva para a indústria do concentrado de tomate estará provavelmente em diminuir drasticamente o número de pólos de comercialização, constituindo-se o mais rapidamente possível a Central Exportadora sugerida na Corporação da Indústria, devidamente estruturada e controlada pelos organismos públicos de nível superior, que tem por missão defender os interesses da exportação e da indústria (Fundo de Fomento de Exportação, Junta Nacional das Frutas, Corporação da Indústria). (...) Foi aprovada, com uma única excepção (e esse voto negativo provindo de uma empresa com 70% de capital, possuída por um dos maiores compradores internacionais de concentrado de tomate, a quem evidentemente desagradava qualquer solução), uma proposta

tendente à redução da produção nacional de concentrado de tomate em cerca de 30%. Uma outra empresa pronunciou-se desfavoravelmente quanto à fórmula encontrada para repercutir individualmente pelos industriais essa redução. Pode-se dizer que houve acordo geral quanto ao caminho: restringir a exportação — portanto a produção — a um nível que não se afastasse das possibilidades reais de comercialização no mercado externo, evitando-se assim a geração de um clima de ansiedade entre os industriais portugueses de que não aproveitasse ninguém, nem os compradores. Este acordo foi comunicado a todos os industriais, assim como lhes foi pedido, em tempo, para tomarem as medidas convenientes a fim de reduzirem a sua produção aos níveis propostos. Solicitamos que pelos departamentos competentes do Ministério da Economia seja estabelecida a necessidade legal de os pedidos de licenças de exportação para concentrado de tomate serem submetidos a registo prévio do Grémio Nacional dos Industriais de Tomate, a partir de 1-7-69 e que seja este Grémio autorizado a reter os pedidos de licença que excedam a quota fixada para cada industrial, de acordo com a resolução de Março de 1969,



As grades cheias de tomate esperam, à beira do caminho, o transporte para a fábrica onde começará um novo e complicado ciclo até às mãos das cozinheiras.

até que a totalidade das quotas de todos os agremiados esteja cumprida».

COMUNICAÇÃO E DEBATE

Estas preocupações estiveram bem evidentes numa recente

reunião realizada na Associação Comercial de Lisboa, em que o director-geral dos Serviços Industriais se dirigiu a algumas dezenas de industriais ali reunidos para o escutar e debater seguidamente os problemas de conjuntura.

Disse aquele alto funcionário:

«Na generalidade, as empresas industriais tomateiras constituíram-se em Portugal, no último decénio, por imitação — disse o conferencista. Nenhuma pensou por si. Explicou-me melhor. Ninguém projectou e analisou o seu negócio industrial, prospectando o mercado consumidor e abastecedor de matérias-primas, estimando custos e possibilidades de amortização de investimento, medindo a rentabilidade do capital a investir, pensando em instituir os meios de venda do respectivo produto e, sobretudo, enquadrando o seu empreendimento, nas circunstâncias industriais e comerciais, no âmbito nacional...»

«E como se tivesse perdido o tino das conveniências sectoriais e dos interesses da economia nacional, encara as perturbações sentidas em 1966 no comércio externo do produto e perspectiva o futuro por forma simplista e inesperada: para evitar a deterioração dos preços praticados pela produção portuguesa propõe-se reduzir voluntariamente a oferta nacional a 70% do que fora efectuado em 1968 o que equivale (por humanitária benevolência) a activar o alargamento do mercado explorado pelos nossos competidores... Ninguém pensou, como aconteceu na aguardente, no pimentão, no volfrâmio, etc., etc.

em organizar, unir, concentrar esforços comerciais, coordenar produções e, principalmente, diminuir custos e baratear gastos gerais... Para que toda a gente entenda a ineficácia do suicídio parcelar proposto e o ridículo da sua influência no mercado mundial, é bom não esquecer que a oferta portuguesa não atinge 10% do mercado em competição...»

«O sector fabril, há seis anos, estava estruturado por uma dúzia de empresas responsáveis pelo êxito da actividade no comércio mundial, em qualidade e volume muito progressivo da exportação.»

«Na actualidade, existem 32 fábricas em laboração, duas mais completam a sua montagem e outras quatro possuem licenças de instalação ainda válidas.»

«Penso que se define desenvolvimento industrial, como crescimento significativo do produto.»

«Portanto, confundir o desenvolvimento sectorial com a dispersão de fábricas e empresas, prejudica gravemente o bom entendimento destas questões elementares da economia industrial.»

Referindo-se à produção agrícola, o director-geral dos Serviços Industriais disse:

«É indispensável que as Corporações da Indústria e da Lavoura, arbitradas pelo Estado estudem, preparem e acordem em regulamento colectivo, obrigatoriamente exigível em todos os contratos entre o sector industrial e a lavoura, no qual sejam fixadas as cláusulas, necessárias e suficientes, para evitar especulação de qualquer dos lados e para estimular as

SEGUE



EM CIMA:
Não só a falta de mão-de-obra masculina levou à utilização da feminina, mas ainda os seus baixos salários para um trabalho quase tão cansativo como o do homem e a sua sensibilidade e paciência.

maiores rentabilidades da cultura e a qualidade do produto. Os preços devem ser convencionados com vista a condições médias agrológicas: no decurso da aplicação do contrato, o que for acima da média deve ser lucro do lavrador, o que for abaixo, seu irremediável prejuízo. A renda da terra deve ser fixada na justa medida, acima da qual o domínio da sofreguidão capitalista opera sempre ao contrário dos desejados anseios de crescimento do nível económico dos portugueses. Este objectivo, quanto a mim, pode ser eficazmente atingido se a fiscalização for encaminhada e aliciada na absorção daquela parte dos lucros do capital-terra que está além do que pode estimular o desenvolvimento da produção. Construam as empresas industriais uma, duas, quando muito, três sociedades comerciais que explorem o mercado externo dos seus produtos. Comecem já hoje as conversações preliminares. Desistam para sempre de jogar ao comércio do vício, aqui e além, uns contra os outros. Sejam empresas industriais dimensionadas e idóneas observadas, a padrão da conjuntura mundial!

DEBATE

Do debate que se seguiu a esta exposição ressaltaram diversas afirmações de interesse:

● «Era necessária uma cooperação estreita entre o Governo e as empresas».

● «A redução da produção não resolve o problema».

● «O Grémio parece ser considerado como inexistente».

● «As relações entre a indústria e a lavoura deviam fixar-se a nível de regulamentação — contratador e contratado. Fixando regras, distâncias, qualidade, etc.».

● Diz um membro do Governo: «O Governo não deve substituir-se à entidade privada». Respondem industriais: «Há um certo número de campos que transcendem a iniciativa privada. Seremos nós, industriais que vamos fixar a renda da terra?»

● «Somos o único país onde não existem subsídios de exportação. A Grécia tem um subsídio de 10 por cento, Itália de 15 por cento, França 15 por cento, Espanha 12 por cento; e nós?»

● «Nós vivemos em regime de economia dirigida. Mas quando estamos em dificuldades já não há economia dirigida!»

● «Somos alvo de ridículo perante os estrangeiros, mas continua tudo em estudo».

● «O Estado deve orientar e apoiar o esforço dos industriais».

● «É indispensável oficializar directrizes e linhas de conduta».

● «A constituição de agrupamentos pode pôr fim à proliferação».

● «Dizem representantes do Governo: «Preparem esses agrupamentos. Só aos interessados cabe tomar as iniciativas».

INDÚSTRIA DO TOMATE: EXPANSÃO DESORDENADA

● «Muitos industriais não querem agrupar-se, porque não toma o Estado essa iniciativa?»

● «O Estado apoia, não promove os agrupamentos».

● «Quais os benefícios do Governo? Todos os que os agrupamentos pedirem».

● «É necessário reestruturar esta indústria e venha a intervenção de onde vier é indispensável — explica o presidente do Grémio dos industriais de Concentrado de Tomate — «Se os industriais se reorganizassem entre si seria óptimo. O ano passado, a maior parte das fábricas suportaram grandes prejuízos. Este ano estão ainda mais perturbadas. As empresas não podem suportar isto e uma situação desta ordem nem vale a pena».

● «Isto no cultivo do tomate está muito mal — queixa-se um lavrador de Benavente — se alguém nos ouvisse isto melhorava. Mas quem manda não pode ouvir toda a gente. Nisto e noutras coisas de agricultura deviam existir reuniões com pessoas de terras diferentes. Era necessário que se trocassem impressões de tudo. Devia haver alguém que quisesse ser ouvido sobre estas coisas. Há muita gente entendida».

REGIME DE PROPRIEDADE

A indústria do tomate é de propriedade prioritariamente portuguesa. Excepção importante é uma das principais firmas produtoras e exportadoras, onde predomina o capital holandês duma firma subsidiária de uma das principais da América. Outra das firmas parece ter algum capital francês. No restante, o ramo não parece diferir grandemente de muitos outros em Portugal — propriedade única, número reduzido de sócios, cooperativas de produtores, ou grandes companhias. Muitas das firmas mais antigas, que começaram como empreendimentos de poucos sócios, são hoje grandes companhias. Existem, presentemente, duas companhias de produtores.

A indústria, até à data, tem sido altamente reprodutiva.

Muitas das fábricas foram amovidas em quatro ou cinco anos.

GEOGRAFIA DA INDÚSTRIA

A localização destas unidades nem sempre obedece a situações lógicas e regulamentadas. No período inicial, edificavam-se em zonas perto das regiões do tomate, mas como a indústria se expandiu espectacular e desordenadamente, começaram a surgir empreendimentos em locais onde nem se cultivava tomate (como em Penafiel) ou ainda onde os acessos são difíceis e dispendiosos (como no Douro). Além destas regiões, existem fábricas na Idanha, no Fundão, na Penina em Olhão e depois em locais onde o terreno e certas condições climáticas se têm considerado mais propícias como no Vale do Tejo, do Sorraia, do Sado. Pode afirmar-se que 20 por cento destas empresas estão mal localizadas.

«O Estado advoga a iniciativa privada — diz-nos uma entidade oficial — Em princípio, os donos das fábricas são obrigados a fornecer um estudo da região onde querem construir a empresa. No entanto, conseguem convencer a Direcção-Geral dos Serviços Industriais que acaba por ceder aos entusiasmos dos empresários os quais julgam poder tentar, como neste caso, o cultivo do tomate em regiões menos propícias. O Estado não concorda com o condicionamento das empresas e consente a construção. Muitas vezes as regiões revelam-se impróprias e o industrial é vítima da sua insensatez».

«Será justo que o Estado, apenas por advogar a iniciativa privada, conceda autorização para a edificação de fábricas em locais menos próprios, contribuindo assim para que a empresa venha a ser eliminada, arrastando na sua queda todos os trabalhadores e contribuindo ainda para que o País perca mais um valor e até uma iniciativa?»

QUALIDADE COMPROVADA

«Cada empresário deve ser responsável pelos seus actos»

ETIMOLOGIA DO TOMATE

A origem do tomateiro, assim como a nacionalidade dos seus introdutores na Europa, tem sido muito discutida. Nas fontes bibliográficas, encontram-se certas referências antigas — as primeiras datam de há quatro séculos — que a integram na vegetação indígena das mais variadas latitudes da zona intertropical do Globo. A tendência mais forte localiza este legume como flora indígena das Américas. A etimologia da palavra tem sido, também, bastante discutida. Alguns estudiosos do século passado admitem a designação de «*Tumulte Americanorum*», já usada no século XVII. Um outro coloca a etimologia da palavra tomate no vocabulário «*themistitan*», variante do termo «*termixítitan*» que, por sua vez, constituiu uma corrupção do nome original da cidade do México. Já recente-

mente, atribuiu-se a designação da planta à palavra «*tumulte*», património da língua «*nahuatl*» falada pelos velhos povos do México. Se percorrermos as línguas mais divulgadas — incluindo o português — a palavra tomate parece ter origem no idioma dos primitivos povos da América. Porém, a designação italiana de «*spomodoro*» constitui uma excepção, que simultaneamente reforça a defesa da tese que atribui a origem americana ao tomateiro, cujos frutos foram primitivamente designados, na Itália, por «*pomi del Peru*». Não tem sido fácil determinar o país de origem e os introdutores do tomateiro. Pensa-se, de um modo geral, que foram os conquistadores espanhóis — há quem refira também os portugueses — como os seus divulgadores na Europa onde, ainda, há dois séculos, constituía, na grande maioria dos casos, apenas, uma planta de jardim.



Se o ano for bom e houver fartura de tomate, as fábricas dificilmente o transformam num curto período de tempo e os agricultores chegam a esperar cerca de 48 horas. Tempo mais que suficiente para que o tomate se deteriore...

— diz-nos aquela entidade.

«Estarão todos os industriais portugueses e até o País preparados para tal risco? Não dependerá do Estado a planificação e a estruturação de todos os sectores nacionais? Não tem a indústria um papel importante na vida económica e social do País?

«O sector fabril, há seis anos, estava estruturado por uma dúzia de empresas responsáveis pelo êxito da actividade no comércio mundial, em qualidade e volume muito progressivo da exportação — afirmou o director-geral dos Serviços Industriais. Não é condição necessária e muito menos suficiente, para que o produto cresça, que se instale fábricas. O produto vende-se ou exporta-se: é rendimento. As fábricas não se vendem nem se exportam, em geral, importam-se; não são em si mesmas rendimento.

«Por outro lado, a extensão agrícola da cultura do tomate tem alastrado desmesuradamente em zonas que se encontram já sobrecarregadas. O «Regulamento do comércio de exportação de conservas de tomates» aprovado em 16 de Julho de 1945 é, ainda hoje, passados 24 anos, o único documento oficial, em vigor, determinando quais as características a que os concentrados devem obedecer para efeitos de exportação.

Esclarece uma entidade oficial:

«A Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais estabeleceu uma norma de qualidade baseada nos princípios internacionais do «Codex Alimentaris» da FAO e das Nações Unidas que define cada produto ao nível internacional, de modo a garantir e salvaguardar o consumidor. Segundo estas normas, cada produto teria exten-

sivamente a indicação de primeira e de segunda qualidade e seria vendido a preços correspondentes. Deste modo, não se poderiam vender produtos de segunda como se fossem de primeira. Estas normas facilitarão as transacções de colocação e foram publicadas a título provisório. A Junta Nacional das Frutas tem defendido este ponto de vista».

Queixam-se os industriais que esta norma os prejudica. Dizem que vai mais longe nas suas especificações do que alguns países, seus compradores, indicam.

Entretanto, as reuniões entre a Junta e a Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais continuam. Há necessidade de pôr em vigor uma norma de qualidade comprovada.

O «CONTRÔLE»

O «contrôle» de qualidade fabril não está ainda uniformizado, embora existam tentativas por parte da Junta Nacional das Frutas. Actualmente processa-se da seguinte forma: As fábricas possuem laboratórios e inspecionam o produto. Os resultados das análises e as características são apontadas em livros selados.

A Junta visita periódicamente essas empresas, inspeciona os lotes e verifica se os resultados coincidem com os da fábrica. Se não coincidem, apertam mais a taxa de amostragem.

«A Junta não tem meios nem estrutura e não foi dimensionada para um crescimento desta natureza — explica um industrial — Tem ajudado, mais em resultado de boas-vontades pessoais. Qualquer fábrica tem uma verba maior do que, em princípio, a Junta tem para o «contrôle» de toda a produção nacional. Faz o «contrôle» do «contrôle» das fábricas.

Os departamentos respectivos dos E. U. A. publicam um boletim com o «contrôle» feito por aquele país, com as estatísticas da rejeição e a origem dos produtos.

Até este ano as possibilidades materiais eram diminutas. Este ano foram-lhe dadas outras possibilidades materiais. As verbas não lhe permitiram estruturar um serviço à altura do que seria necessário. Até agora, apesar dos cuidados laboratoriais foram rejeitadas 40 toneladas de concentrado de tomate português não apropriado para alimentação e 130 toneladas por as latas não serem apropriadas.

COMER POR PRAZER, POR NECESSIDADE

Para estimular o consumo interno do concentrado de tomate e seus derivados, a Junta Nacional das Frutas vai elaborar uma série de campanhas publicitárias através dos órgãos de informação do País. «A lata, o frasco, o pacote, de conteúdos prontos para o consumo pelas populações cada vez mais apressadas, constituem característica saliente da nossa civilização, onde ao indivíduo que come por prazer se sucede o indivíduo que come por necessidade.» («Boletim da I. N. F.»). Por definição, uma conserva é um produto estabilizado por se encontrar sob a acção simultânea do agente físico calor e de hermeticamente fechado. Nestas condições, o valor alimentar não deve sofrer alterações. As alterações possíveis dão-se até essa altura. Se o produto for trabalhado com lentidão, perdem-se as vitaminas; se for manipulado em condições técnicas convenientes há perdas mínimas. Os produtos enlatados conservam as vitaminas com que foram embalados e que suportaram as temperaturas de esterilização.

O que se não deve fazer: **★ Guardar uma lata fechada dentro do frigorífico.** **★ Guardar uma lata aberta dentro do frigorífico, ou ao sol.** *As variações de temperatura provocam alterações. Logo que se abra um produto enlatado, deve-se deitá-lo para um recipiente de vidro (de preferência) e guardá-lo a seguir no frigorífico.* **★ Não adquirir uma lata que tenha as tampas elevadas ou salientes.** **★ Não consumir o conteúdo de uma lata amolgada nos rebordos.**

COMO MATAR A CRISE?

Como sair desta conjuntura de crise?

«Seria de desejar que as nossas fábricas se procurassem agrupar em empresas — afirma o presidente do Grémio dos Industriais do concentrado de tomate.

«Há uma falta de mentalidade cooperativa e esta é a forma mais perfeita para bem de todos, embora tenha também os seus inconvenientes. Há uma incompatibilidade da empresa cooperativa e da empresa privada. O ideal seria a existência de cooperativa com as suas vantagens e sem perderem nada da eficiência da empresa privada», declarou o presidente da Junta Nacional das Frutas.

PEQUENA ESTATÍSTICA

• Uma família média norte-americana consome anualmente cerca de 600 latas. Os norte-americanos abrem, por dia, 131 milhões de latas.

• A Áustria (com uma população inferior à de Portugal) consome mais sumos do que Portugal. Em 1966, o nosso país produziu 1 700 000 litros de sumos. Destes foram exportados 340 000 litros. Na Áustria produziram-se 10 100 000 litros e praticamente não houve exportação. Os Esta-

dos Unidos produziram, em 1966, três bilhões e 600 000 000 de litros, importaram ainda 50 500 000 de litros e exportaram 200 000 000 de litros.

• Para produzir cerca de 160 000 toneladas de tomate foram empregadas 847 700 toneladas de tomate como matéria-prima.

• Para uma tonelada de concentrado de tomate são necessárias cerca de cinco toneladas e meia de tomate fresco.

• Para um quilo de concentrado são necessários seis quilos de tomate.

PAPÁ ADAMO

Adamo é pai.

A notícia chegou-lhe quando em Saint-Malo se preparava para cantar...

Mas Salvatore não hesitou e meteu-se à estrada para beijar a mulher e abraçar o filho, um belo rapaz de 3,500 Kg que se chamará António. Só teve tempo de travar um breve conhecimento com o jovem herdeiro que se encontrava com Nicole, a mãe, na clínica de Belvedere, em Neuilly. Voltou a Saint-Malo para cumprir o contrato, mas logo se precipitou de novo para junto da acrescentada família, para logo voltar a partir com a promessa de, pelo menos, telefonar de todas as terras por onde a errante vida do «music-hall» o vai arrastando.



Papá Adamo, mamã Nicole, um casal feliz: António, o belo mocetão de 3,500 kg, passou a ocupar o centro da vida agitada do cantor. De agora em diante não são apenas as canções a razão da sua vida

ASAS PARA A JUVENTUDE NO CÉU DE VISEU

De três em três semanas, no aeródromo de Viseu, rapazes e raparigas da Beira (e de outros pontos do País) recebem o «baptismo do ar», experimentando o prazer de subir até junto das nuvens. A juventude ganha asas no céu da velha cidade beirão.

Sob um céu de azul magnífico mais 49 jovens (44 rapazes e 5 raparigas) tiveram a sua oportunidade de voar, na semana passada.

Quatro aviões — dois «Dornier» da F.A.P. com base em Tancos, pilotados pelos alferes Amado Neves, um jovem com 2000 horas de voo, e pelo sargento-ajudante Oliveira Marques (3000 horas), e dois «Auster» da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, comandados pelos pilotos João Rodrigues (com quem viajamos até Viseu e que tem a seu crédito 7000 horas no ar) e Mendonça Raimundo — foram utilizados em voos sucessivos, ante uma crescente satisfação daquele grupo de jovens que ansiavam pela sua vez.

A iniciativa nasceu na Emissora das Beiras, mais propriamente num programa dedicado à juventude da região. Primeiro os «baptismos» seriam dados a dois rapazes de cada vez, ao longo de 26 semanas.

Estabelecidos os contactos com as entidades oficiais, a iniciativa recebeu o apoio da D. G. A. C. que colocou à disposição da emissora beirão os aviões necessários. Entretanto, a Força Aérea propõe-se colaborar com o fornecimento de gasolina, não estabelecendo qualquer limite para o seu abastecimento. A primeira oferta foi de 9800 litros.

Com gasolina da F.A.P. e aviões da D. G. A. C. os baptismos começaram, não com dois, mas com seis rapazes por semana.

Passado pouco tempo, a F.A.P. toma consciência do valor da iniciativa e passa a colaborar também com aviões, de modo a alargar o número de participantes nos voos.

NOVOS APAIXONADOS

Hoje, graças a esta conjugação de esforços, voam uma média de 12 jovens por semana, o que no final das 26 semanas (até 3 de Novembro), dará a bonita soma de 312 novos apaixonados pela aviação.

Na última sessão, havia representantes de toda a Beira e ainda de Lisboa e Vila do Conde.

No aeródromo, cuja pista é alcatroada e tem um comprimento de mil metros, o receio, o entusiasmo e o nervosismo davam as mãos.

António José Martins Cabral é um estudante que, este ano, deu boa conta de si, ao dispensar da aptidão à Faculdade de Direito. Momentos antes de voar, confidenciou-nos:

«Estou bastante nervoso e tenho um bocado de receio. Apesar disso venho, porque acho que vou gostar».

E gostou. No final a sua opi-



REPORTAGEM NUNO COUTINHO E JOAQUIM LOBO

Muitos jovens acorrem a Viseu nos fins-de-semana em que há «baptismo ao ar». Carlos Oliveira, da Emissora das Beiras (em cima) foi o promotor da iniciativa. À esquerda: uma jovem aguarda o momento de subir até perto das nuvens.

nião mudara radicalmente. De tal modo que espera poder continuar.

Gonçalo Calheiros é um moço de 20 anos que está a frequentar o 1.º ano da Faculdade de Engenharia, em Coimbra. Do receio que manifestara ao embarcar no avião que o levou a um cruzeiro de cerca de 20 minutos sobre Viseu e arredores passou ao extremo oposto, momentos após a aterragem:

«Foi absolutamente fantástico. A paisagem vista de cima tem uma dimensão totalmente diferente. O receio desapareceu assim que as rodas do avião deixaram de ter contacto com a pista».

Outro que fazia parte do grupo dos «desconfiados» era João Manuel Santos Soares, de Vila Fernando e estudante na Guarda: «A princípio reagi mal, mas depois acalmeci-me e não tive problemas, pelo que assim que puder voarei novamente».

CINCO RAPARIGAS VALENTES

Raparigas, houve cinco. E parece-me que se portaram melhor que alguns dos rapazes.

Maria Alice Pires Cardoso, residente no Pergulho e que este ano passou para o último ano do curso



Os dois aviões da Força Aérea empenhados na iniciativa que para muitos é uma experiência inolvidável

licial, no colégio de Proença-a-Nova, está absolutamente voltada para o espaço:

Nunca tinha voado, mas francamente achei que foi uma experiência interessantíssima. Tenho pena que a maior parte das pessoas não possam sentir a mesma sensação por que passei há momentos, tanto mais que, qualquer dia, o avião estará ultrapassado pelas naves espaciais. Se tivesse possibilidade, a aviação seria o meu futuro.»

Maria do Carmo Monteiro é uma futura professora primária, mas seria pára-quadista se os seus progenitores a isso se não opusessem. Frequenta o 1.º ano da Escola do Magistério Primário de Viseu e é natural de Lamas, no concelho de Sátão.

Para ela, o voo foi «um sonho que nunca pensei realizar e que me serviu de consolação, porque não poderei ir para pára-quadista».

ENTUSIASMO NAS ESCOLAS

A iniciativa tem sido acolhida com grande interesse nos estabelecimentos de ensino da região. Na generalidade, os pais ou encarregados de educação assinam o termo de responsabilidade, sem fazer perguntas, e tomam conhecimento de um contrato com uma companhia de seguros.

Os directores dos Colégios cola-

VISEU: ELES E ELAS QUEREM VOAR



Rapazes (em cima) raparigas (em baixo) experimentam com igual prazer a sensação forte do primeiro voo. Com os rapazes, vê-se o piloto Mendonça Vieira, que dá algumas instruções antes da decolagem.



boram o melhor que podem e sabem. Tal é o caso do padre dr. Anírio José da Silva Sousa, director do Colégio Diocesano de Proença-a-Nova que, pela segunda vez, levou alunos seus a darem os «primeiros passos» no ar, apesar dos 250 km que separam Proença-a-Nova de Viseu e das despesas que tem de suportar:

«— A iniciativa encontrou um acolhimento entusiástico no meu colégio. Os treze alunos que tinhamos no 6.º ano aceitaram a ideia e pediram imediatamente autorização aos pais para voarem. Oito já o fizeram e os outros estão ansiosos, à espera da sua vez. Pensamos assim dar aos rapazes a possibilidade de tomarem contacto com outros aspectos da vida e, acima de tudo, se realizarem, segundo a vida actual».

E assim será. Alguns deles seguirão as pisadas de dois jovens que no dia 8 de Junho deram o seu primeiro voo sobre Viseu. Hoje, pertencem já à Força Aérea e estão a prestar serviço na Base da Ota.

Talvez isso venha a acontecer ao Manuel Domingos dos Santos, de Alvoco da Serra, no concelho de Seia e que, há pouco, completou o 6.º ano, do liceu da Guarda.

Num impresso com um inquérito que lhe foi dado para preencher no final do voo, ele escreveu: «Gostei do passeio. Estive completamente à vontade. Não tive problemas. Os aviões sempre me entusiasmarão, pelo que, no liceu, já construí um planador, tendo para isso que adquirir vários conhecimentos de aeronáutica. Gostaria de vir a ser piloto comercial, para poder ver as coisas sob uma dimensão diferente».

Um futuro piloto em perspectiva? Talvez...

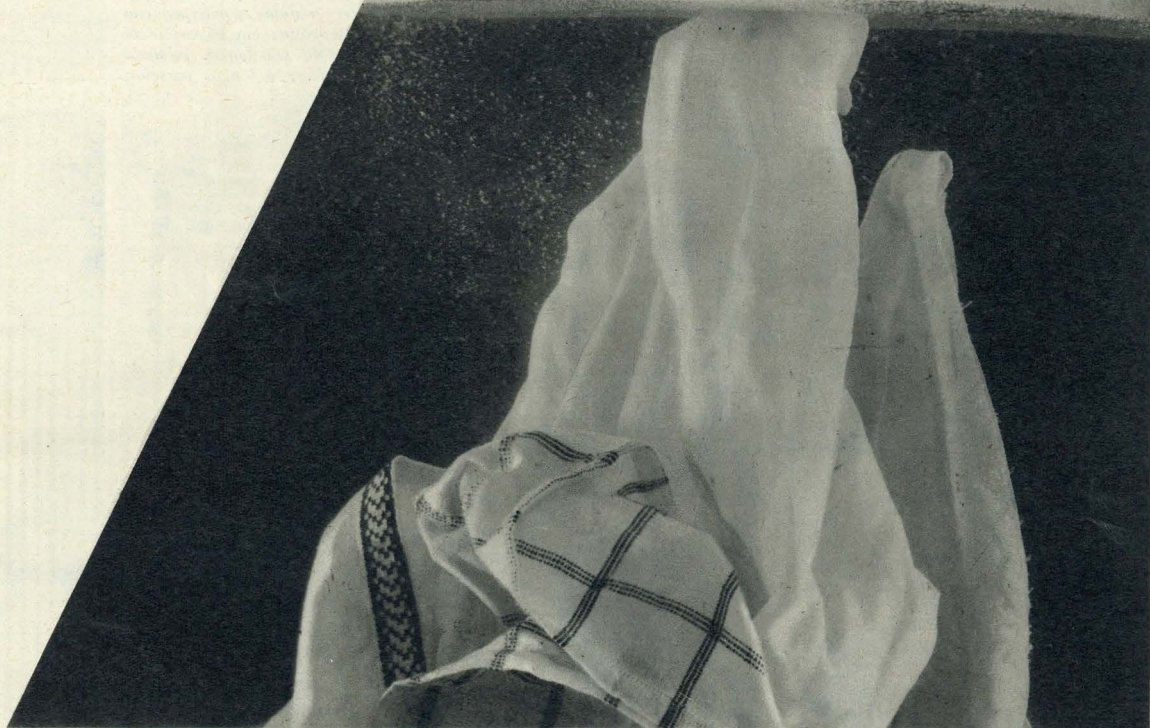
AO «NARIZ» DO AVIÃO

Graças a esta iniciativa, tão depressa secundada e compreendida, cerca de 170 rapazes e raparigas voaram até hoje pela primeira vez. Alguns deles e algumas delas (os e as que tiveram a sorte invejável de se sentarem no banco ao lado do piloto) tiveram a oportunidade de sentir, por experiência própria e participação na pilotagem a verdade das palavras do comandante Raimundo, da D. G. A. C.:

«...O avião move-se no ar em torno de três eixos. Pode rodar segundo um eixo que, por hipótese, corre ao longo das asas, e que lhe permite descer ou subir. Pode mover-se em torno de um eixo ao longo da fuselagem, inclinando as asas à direita ou à esquerda, e ainda em torno de um outro eixo, o vertical, rodando o «nariz» para a direita ou para a esquerda»...



com **Bio-tex**
não perde tempo
com a roupa



O maior problema da semana resolvido na sua ausência

Resolvido em três horas, tempo de inteira liberdade para si. Basta deixar o Bio-Tex sozinho (3 horas com água quente, 8 horas com água fria) a lavar a roupa toda da semana.

Ponha uma chávena de Bio-Tex no tanque ou meia chávena na máquina. Ponha a roupa toda. Bio-Tex tem enzimas, substâncias biológicas que dissolvem na água toda a sujidade e mesmo as manchas mais difíceis: de ovo, gorduras, suor, chocolate, molhos, óleo, sangue, etc. Não esfregue. Na maioria dos casos basta passar a roupa por água limpa. Assim ela dura muito mais.

Bio-tex
torna a lavagem quase desnecessária

Na compra de qualquer embalagem de



Vale
2\$00

Troque-o no seu fornecedor habitual

(Carimbo)

Senhor Comerciante:
este vale será remido pelo nosso representante na próxima visita



Um céu igual ao céu egípcio. Um calor de deserto. Um sol californiano. Um mar que faz lembrar o Mar Vermelho. É aqui, em Nochar, que a família imperial do Irão reencontrou o seu paraíso de férias.

Pela primeira vez, desde a coroação, o xá conseguiu arranjar tempo livre para passar com a sua pequena família, no pavilhão de madeira, estilo persa, construído sobre pilares, junto ao Mar Cáspio.

Encontramo-nos longe, muito longe da severidade do Palácio de Golestan, em Teerão. Aqui, em Nochar, respira-se um ar de férias. Tudo faz lembrar o descanso, a alegria, a despreocupação. Tudo isto constituirá, durante três escassas semanas, a vida do xá da Pérsia.

É verdade que à porta se encontra a sentinela, de espingarda ao ombro. Mas, para um observador, será mais fácil imaginá-la em calção de banho.

O xá acaba de descer as escadas de madeira que conduzem ao pontão, acompanhado pelos filhos. Traz vestido um conjunto de praia, em tecido de fantasia. O príncipe Reza, de 10 anos, e o seu irmão Alirza, de 4 anos, estão vestidos de igual. Usam um calção de banho às riscas vermelhas e azuis. Farahnaz, de 8 anos, brinca com os seus longos cabelos negros. A mãe, a imperatriz Farah, segue mais atrás, vestindo calças claras.

Durante alguns minutos, a primeira família do Irão mergulhará nas águas calmas do mar Cáspio.

O xá segue ao volante. O príncipe Reza aproxima-se dele.

«Papá, deixa-me conduzir?»

O xá aquiesceu. Sorri e desvia-se ligeiramente para o lado.

Muito sério, Reza agarra o volante e «conduz» o automóvel imperial sobre as estradas cobertas de areia fina.

A mãe está visivelmente orgulhosa. Olha-o com ternura.

«Reza, darás um excelente condutor!»

Voltando os seus grandes olhos para a mãe, o pequeno príncipe sorri.

No regresso, o xá dá ordem para que se comece a sesta. Ca-

SEGUE



Durante três semanas, a pequena família do xá da Pérsia esteve reunida numa pequena residência junto do mar Cáspio. Em cima: o pequeno príncipe Reza; em baixo: o xá e a princesa Farahnaz; à direita: a família imperial a bordo do seu barco, pilotado pelo xá e pelo príncipe Reza. A tranquilidade das águas convidam a longos passeios.



O XÁ EM FÉRIAS:

UM PERSA TRANQUILO



Suspensa dos braços fortes do pai, a pequena princesa Farahnaz vai começar a rodar como um pião. O xá é um pai como os outros. A pompa das grandes cerimônias é apenas para o palácio imperial.

OXÁ EM FÉRIAS: PROTOCOLO, ADEUS...

deirões de plástico transparente assinados pelo estilista francês Qasar Knanh, estão instalados sobre o pontão. Ao fim da tarde, quando o sol está menos quente, Farah deixará que Reza e a sua prima vão tomar banho.

Nadam todos os estilos. Reza nada como um peixe. Traiçoeiramente, vai por trás da sua prima e mergulha-lhe a cabeça na água.

Sobre o pontão, a pequena Farahnaz decidiu brincar com o pai. Bate-lhe nas costas, salta-lhe para os joelhos, agarra-se a ele. O imperador acaba por segurar a filha, fazendo-a rodar como um pião.

Atmosfera familiar, sem protocolo, onde tudo se resume ao riso, à alegria, num dos recantos mais agradáveis da Pérsia





CHARME
SPORT
TABAC

desodorizantes

8x4

A certeza duma presença desejada

Charme... Sport... Tabac... três aromas suaves, frescos, persistentes. Escolha a sua própria frescura, a sua própria simpatia. 8x4 combate e elimina de forma eficaz e duradoira o odor do corpo. Confie na sua presença durante todo o dia.

*8x4 stick pequeno, stick grande,
spray, sabonete, talco.*



AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

AS ÚLTIMAS FOTOS DE J. NUNES CORREIA



O aqueduto atravessa o Vale de Alcântara sobre 35 arcos, numa extensão de 942 metros, sendo 14 góticos e os restantes circulares. Cada um dos torreões



Durante muito tempo o aqueduto foi utilizado como caminho público.



corresponde a uma clarabóia gradeada

Com um valor equivalente a 13 mil quilos de ouro, demorando a sua construção, um século. Hoje, volvidos cento e trinta e quatro anos, o imponente Aqueduto das Águas Livres pouco mais é do que um monumento, ao cuidado de 20 empregados. Da água que abastece Lisboa, apenas 12 000 metros cúbicos correm pelas duas calçadas paralelas que o atravessam, ou seja, a 25.ª parte do total dos 300 000 metros cúbicos de água que o milhão de habitantes da capi-

conclusão que a água vinda da nascente da Água Livre (em Carenque) não era bastante, daí que se tenha dado início, em 28 de Dezembro de 1871, à construção de um novo aqueduto, que viria a chamar-se do Alviela, e posteriormente, em 1935, ao do Tejo.

O velho Aqueduto das Águas Livres, com uma extensão total superior a 58 135 metros, geralmente identificado pelos 35 arcos que o elevam sobre o vale

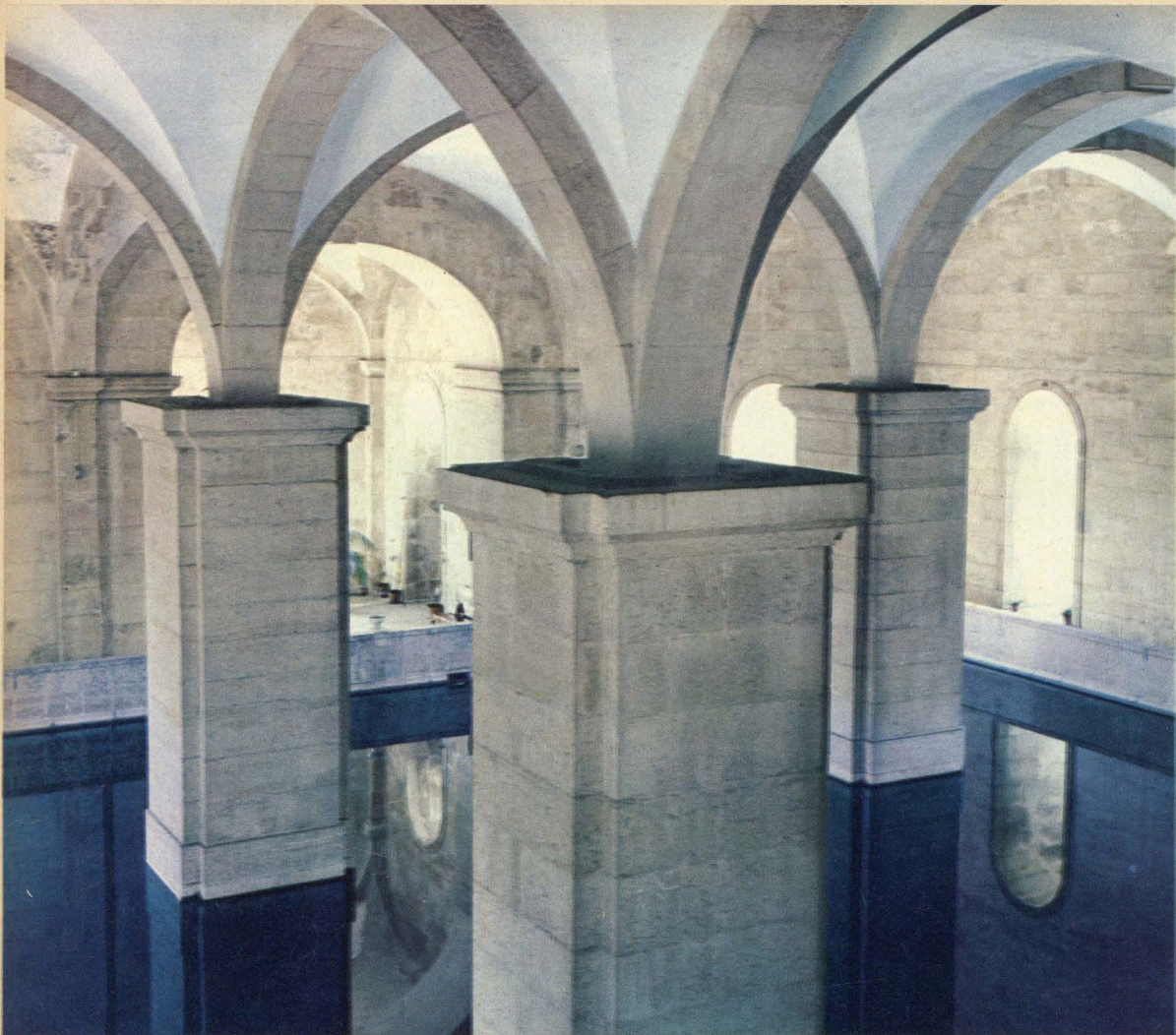
SEGUE



Um trecho junto às Amoreiras



Jardim de entrada para o «passeio» que acompanha o aqueduto sobre os arcos de Campolide



Arca de Água, nas Amoreiras. É o maior reservatório de Lisboa. Em baixo, interior do aqueduto com as duas calçêiras.



de Alcântara, reduziu-se praticamente à função de símbolo histórico, testemunha sólida das grandezas e misérias do seu passado.

Não se pode dizer que sobre esse histórico passado existam muitos documentos. O autor da primeira obra que arranca o monumento ao seu passado incógnito, «Memória sobre o Aqueduto Geral de Lisboa», 1857, o major graduado de Engenharia, José Carlos Conrado de Chelnicki, queixa-se amargamente que «debalde procurei nas repartições públicas dados e documentos, respondia-se-me que nada havia (...)» A nociva e inveterada prática de deixar cobertos com o secular pó dos arquivos

todos os documentos os mais interessantes sem lhes dar publicidade, também n'este assumpto exerceu a sua fatal influência. O incêndio na ocasião do terramoto de 1755 consumiu tudo quanto havia até então escripto (...) No entanto, é de estranhar que nada também appareça na parte técnica das obras posterior a 1755, pois no archivo da Camara Municipal de Lisboa apenas se me mostrou uma planta dos encanamentos entre Caneças e a Portcalhota, e alguns desenhos de chafarizes existentes ou em projecto». Sabe-se, contudo, que em alvará publicado a 12 de Maio de 1731, D. João V mandava que se desse início à construção do

AQUEDUTO: O POVO PAGOU

Aqueduto, sob proposta do procurador da cidade, Claudio Gorgel do Amaral. A ideia tinha raízes mais antigas. Os romanos tinham já tentado trazer a água da nascente de Água Livre para Lisboa, através de aquedutos subterrâneos. Dessas tentativas foram encontradas na rua dos Retroseiros, Prata e Madalena, poços, escadas e galerias. No século XVI, o rei D. Manuel I encarregou Francisco de Hollanda de fazer medições nesse sentido. A água chegaria ao Rossio jorrando das trombas de quatro ele-

fantes que rodeavam uma coluna, em cima da qual se ergueria uma mulher, simbolizando a cidade de Lisboa. Como o projecto não tomou forma, pôde ainda o rei D. Sebastião entreter-se com ele. Truncado pelo desastre de Alcácer-Quibir, deveria no entanto seguir o seu curso, para o que o Senado de Lisboa dispunha já de 690 000 cruzados, gastos em festas de recepção ao rei espanhol Filipe II. Este visitou a nascente de Água Livre, e encarregou o engenheiro espanhol Torreano de fazer os projectos,



Casa do Registo, nas Amoreiras. Aqui se registava a água distribuída pelos chafarizes da cidade. À ESQUERDA: Ponte da Arca d'Água. O líquido sai pela boca do golfinho, caindo sobre o calcário.

que mais uma vez ficariam por concretizar, por a comissão que examinou a referida nascente (em 31 de Julho, pleno Verão, portanto) chegar à conclusão de que a quantidade de água dela emanada não justificava a despesa do encanamento. Até que o rei Magnânimo, graças ao ouro vindo do Brasil, pôde dar realização ao projecto, bem como à construção de outras obras monumentais, de que ressalta o convento de Mafra.

Era da mais premente necessidade o encanamento de água para Lisboa, pois quando D. João V se decidiu à construção do aque-

duto, grandes multidões se juntavam desde madrugada ao pé dos chafarizes e bicas. O sacrifício de roubar horas ao sono para apanhar alguma água (7 litros diários per capita) e as possíveis tendências para passar à frente dos que já lá estavam, defeito que ainda hoje cultivamos, levava a grandes zaragatas e brigas de morte. O rei achou então por bem facilitar a vida à população. O ouro do Brasil pagou uma pesada quota-parte no benefício que lhe era devido. No entanto, de 1800 a 1834, pelo menos, «fizeram-se pelo cofre das Águas Livres muitas obras,

SEGUE

AQUEDUTO: LEVOU TEMPO MAS MEDROU

tão estranhas e diversas da que estava designada no Alvará de 12 de Maio de 1731, que nos pareceu merecer a pena inserir aqui o resumo d'essas despesas» — diz o autor da «Memória Sobre o Aqueduto Geral de Lisboa». Dessas despesas salienta-se o empréstimo ao Real Erário, 36 000\$000; para a Fábricas de Sedas 352 433\$821; para Obras do Palácio da Ajuda, 16 000\$000; para fardamento dos archeiros e criados 31 533\$824; para custeamento de Fábrica da Louça 17 162\$300.

CONCRETIZAÇÃO

Certo é que o projecto do aqueduto entrou em fase de concretização. Seguiu-se aproximadamente um dos traçados do espanhol Luís Torreano, estando na direcção das obras o brigadeiro Manuel da Maia, até ao Monte das Três Cruzes, e daí até Lisboa o sargento-mor Custódio Vieira. É hoje imponderável qual a influência causada pela diferença de patentes, mas o certo é que a obra, a cargo de três sociedades sucessivas de pedreiros (a primeira com vinte pedreiros, autorizada por alvará a 12 de Maio de 1731, entrando cada uma com 400\$000, durou até Setembro de 1772, sendo substituída por outra sociedade constituída por 13 pedreiros que tomou à sociedade finda, utensílios, ferramentas, etc. por 93 943\$924. Em 1783 seguiu-se a última sociedade, de 4 pedreiros, que durou até 1799) apresentava a seguir, em 1857 deficiências muito grandes, não só por negligência de conservação mas também

por deficiências de planeamento. Assim, por exemplo, o aqueduto do Olival do Santíssimo foi construído com pouco declive e poucos desaguadouros, sendo muito difícil no Inverno transitar no seu interior, por se encontrar alagado e coberto de lodo. O aqueduto do Vale de Moura, segundo diz Chelmicki, «não se recomenda pelo acabamento e mão-de-obra; as paredes estão sem reboco e sem encasque e no Inverno está todo alagado». O mesmo aconteceu ao aqueduto dos Carvalheiros (acabado em 1818 pelo coronel Eugénio Miquelote). O lanço de 110 metros que se segue a este ramal é muito escuro e estreito. O aqueduto dos ex-Marianos ou da Zebreira «é muito mal feito, tosco e nem as calhas nem as lagens estão assentes no ramal da principal nascente, de modo que a maior parte da água some-se e perde-se». O da Quintã, que corre paralelo e quase encostado ao aqueduto geral cerca de 420 metros «tem defeito de construção e além disso, «como a ribeira atravessa duas vezes o aqueduto, no Inverno filtram dentro as suas águas em muitos sítios, levando de mistura sedimentos, estrumes, restos de lavagens de roupas, etc. Assim, não obstante a pouca força e bondade desta corrente, apenas começa o Inverno, costuma-se deitar fora!!» Mas não fica por aqui a negligência a que a obra monumental foi votada, pois no mesmo livro se aponta que numa das clarabóias da linha do Calhariz, «por desleixo de não haver redes nas janelas em boa ordem, criavam os pombos, e por tantos anos, que em 1853 um empregado procedendo à limpeza, extraiu 17 baldes de estrume de pombos».



Estátua dum guerreiro romano encontrada à entrada do aqueduto na Meia-Laranja, Campolide. Aproveitada para embelezar o jardim dessa entrada, é uma espécie de símbolo de guarda do aqueduto. À direita: Esta é a modesta clarabóia em cujo interior se oculta a nascente da Água Livre, ou Mãe d'Água Velha, em Carenque.



Em frente à Mãe d'Água Velha ergue-se, imponente, a Mãe d'Água Nova, octogonal. Aqui conflui a água de todas as nascentes a montante da Mãe d'Água Velha, onde a água no Inverno se tornava rápida e lodosa.

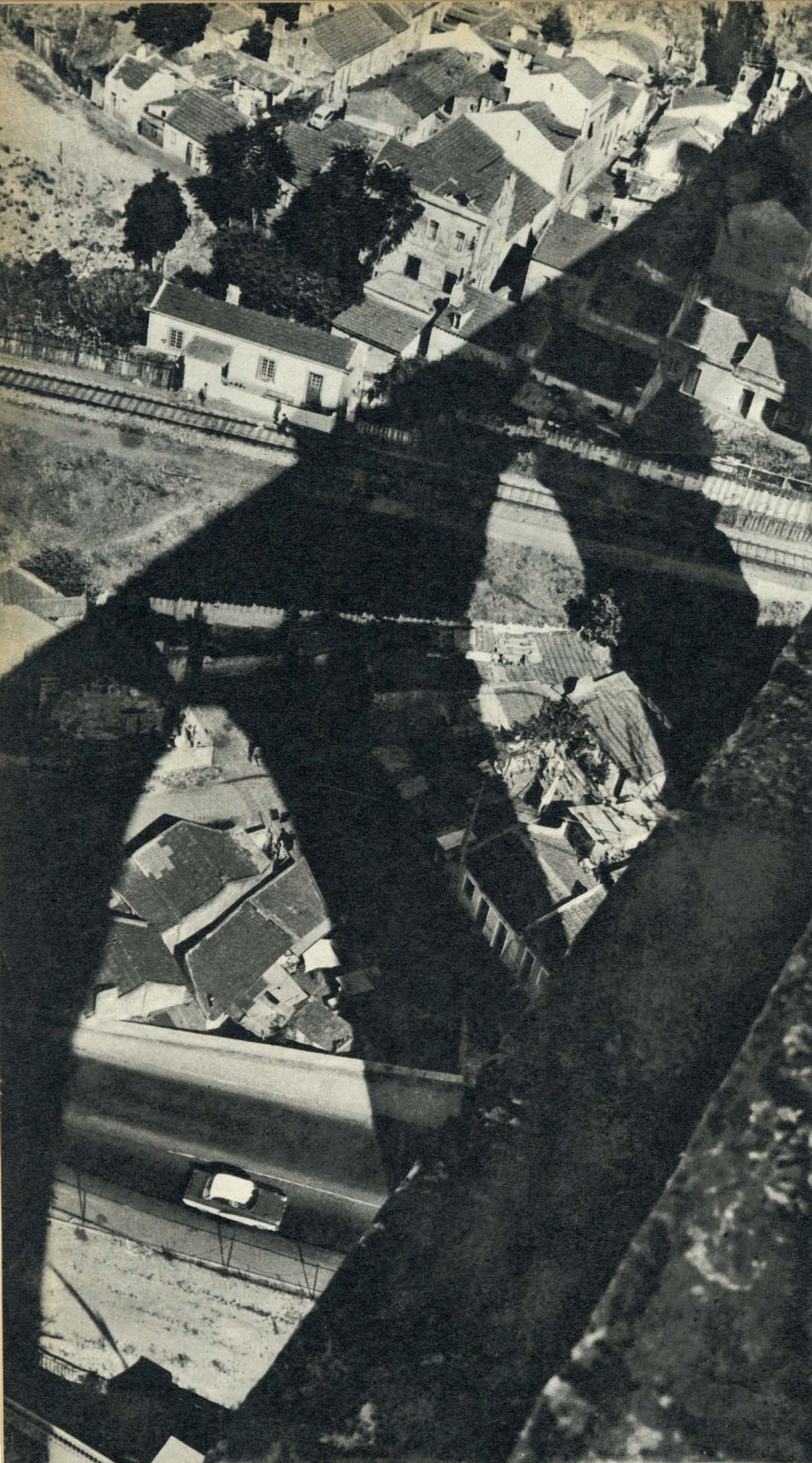
DIFICULDADES

Medrou vagarosamente o aqueduto, não só porque os meios de construção que a sua solidez exigia (é dos pouquíssimos sobreviventes do terramoto de 1755) a isso obrigavam, como alguns contratemplos. Em

1748 estava construído o aqueduto que principiava na nascente das Águas Livres, hoje Mãe d'Água Velha, reduzida a uma pequena laje com cerca de 2 metros de diâmetro, até Campolide. Foi o primeiro encanamento de água para a capital. Neste aqueduto entronca-

vam vários ramais, para aproveitamento de outras fontes e nascentes particulares e públicas. (Em 1856 havia 20 nascentes públicas e 22 particulares). No aproveitamento das águas de fontes particulares, os donos das propriedades tinham direito a uma quantia de água estipulada e aos «sobejos» para rega e para os animais. Nem sempre, no entanto isso era feito a tempo e com justiça. Por exemplo, o chafariz de S. Domingos de Benfica foi feito, com o respectivo encanamento, à custa de Gerardo Devisme, em 1784. Só em 1787 lhe foi concedido, por alvará, um anel de água e os sobejos para o regadio da sua quinta. Essa quinta passou a ser, já no século XIX, pertença da Infanta Isabel Maria e em 1849 apressou-se a câmara a fazer um novo encanamento «pois o antigo entupia-se frequentemente com as raízes da quinta da Senhora Infanta». O aqueduto da Buraca teve construção demorada e acidentada. Iniciado em 1765, parou em

SEGUE



72, continuou em 1824 e depois interrompido várias vezes. Segundo Chelnicki, a interrupção «d'esta utilíssima obra é devida aos costumes acintes que há contra as decisões da Municipalidade transacta e especialmente quando diversos são os chamados partidos a que pertencam. A Câmara que existia em 1851 contratou a finalização d'esta obra, mui vantajosamente, de empreitada com um engenheiro civil, o sr. Luiz Leboit, com natural oposição de certa gente. A Câmara que lhe sucedeu julgou dever anular o contrato, provavelmente iludida. Hoje (1857) já estaria acabada a obra (que, como se disse começou em 1765), com mais de trinta anéis alimentando o aqueduto geral, e com despeza resumida em relação ao assumpto».

ÁGUA PARA OS CHAFARIZES

Em frente à Mãe d'Água Velha, em Carenque, há a Mãe d'Água Nova onde, além de existir uma nascente, confluem hoje todas as nascentes a montante de Mãe d'Água Velha. É toda feita de cantaria, tem 13,4 metros de altura, do chão até à lanterneta. A clarabóia é octogonal. A água vai confluir com a da Mãe d'Água Velha, a alguns metros de distância das duas clarabóias, num local chamado Rampa. A quantidade de água proveniente destas fontes era muito variável. A Mãe d'Água Nova por exemplo, no Inverno, conseguia alimentar toda a cidade de Lisboa, mas no Verão fraquejava. A Mãe d'Água Velha, além de ser variável o seu abastecimento, no Inverno a água tornava-se rápida e frequentemente lodosa. Existia por isso uma Casa de Guarda «onde nas noites de Inverno e em ocasião de trovoadas, costumava ficar gente para cortar as águas que vierem barrentas, deitá-las à rua e introduzir outras que sejam limpas». O mesmo acontecia na Amadora. Hoje, a água proveniente do aqueduto é submetida a tratamento na estação de Campo de Ourique e a filtração na Amadora. A água proveniente do aqueduto era conduzida não às casas particulares como hoje, mas aos chafarizes dos diversos bairros de Lisboa que nesse

Viste dos Arcos de Campolide, a cidade parece uma miniatura.

AQUEDUTO: OS CRIMES DE DIOGO ALVES

tempo, sendo os homens obrigados a confraternização mais próxima com os animais, eram divididos em duas partes — uma para os humanos, outra para as bestas.

O Aqueduto Geral das Águas Livres termina na imponente Arca de Água, nas Amoreiras, obra toda de cantaria com a abóbada apoiada em quatro majestosas colunas. É o maior reservatório de água de Lisboa, com 7 metros de profundidade, 28,95 metros de comprimento e 24,70 metros de largura. A água corre pela boca de um golfinho em cantaria, sobre calcário trabalhado em formas caprichosas. O reservatório comporta 5460 metros cúbicos de água.

É porventura a parte interior mais majestosa do arqueduto, e a exterior, composta pelos 35 arcos de Campolide, numa extensão de 941 metros, tendo o arco maior 23,7 m de vão livre e 66 m de altura, sobre o fundo do vale. Este terreno é argiloso, com bancadas de calcário, deslocando-se com as grandes chuvas. A construção dos arcos é porém tão sólida que resistiu ao terramoto de 1755.

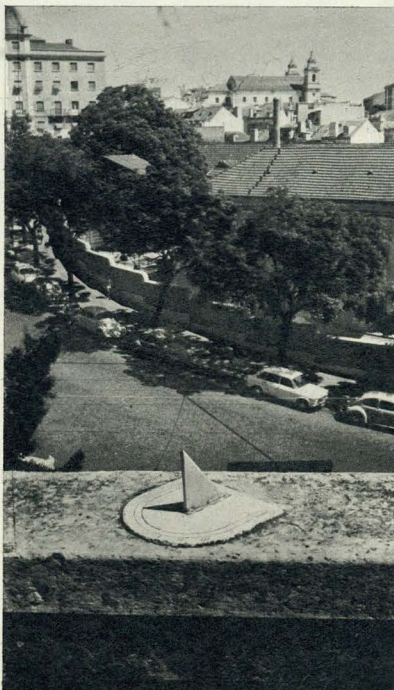
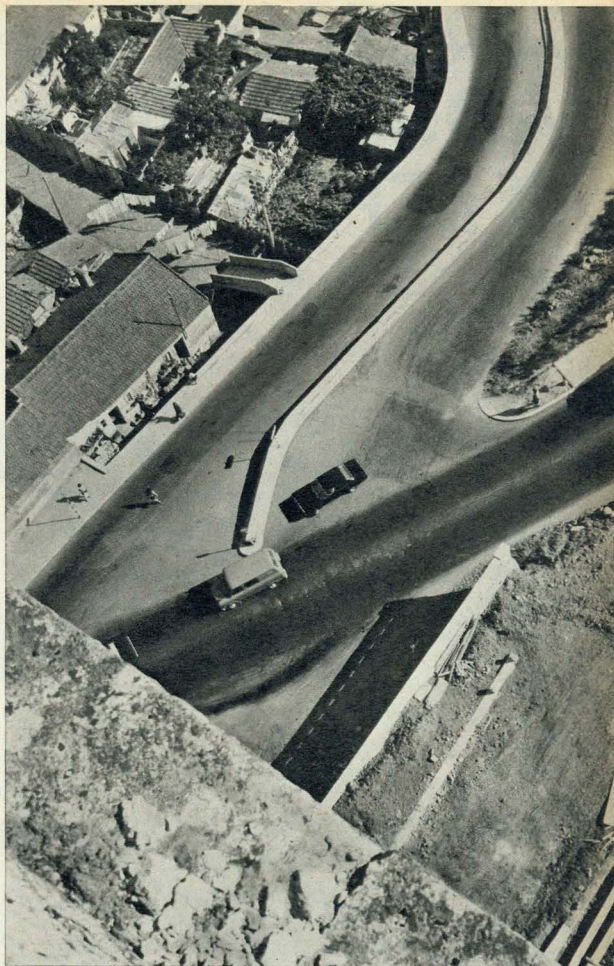
UMA FIGURA SINISTRA

A sua altura majestosa exerceu, em dado período da vida centenária do aqueduto, uma terrível atracção num criminoso célebre: Diogo Alves. Ligando-se sentimentalmente à proprietária duma taberna da Azinhaga das Águas Boas, próximo do sítio onde está hoje o Jardim Zoológico, este homem, ao que parece de origem galega, foi sabendo, pelo convívio com frequentadores dessa taberna quem costumava andar pelo aqueduto. Utilizavam-no habitualmente como estrada os mercadores que vinham de

Queluz e Sintra, sendo este caminho mais curto do que o habitual. Ao que parece, Diogo Alves obteve a chave duma das portas utilizadas pelos guardas do monumento, ali perto de S. Domingos de Benfica. De noite, infiltrando-se sem ser visto no passeio que ladeava o aqueduto, Diogo Alves surgia às suas vítimas sobre o arco grande, daí as atirando depois de as despojar. Como ninguém o via entrar, ninguém punha em dúvida que se tratava de suicídios. As lavadeiras de Caneças que seguiam aquele caminho não tinham melhor sorte. Conta a lenda que uma delas transportava ao colo uma filha de tenra idade e que a pequenita, sendo arremessada no precipício ao colo da mãe, ingenuamente, sorriu ao assassino. Preso por vários crimes, Diogo Alves foi julgado e no seu julgamento apareceu no tribunal um antigo jardineiro da Infanta D. Isabel Maria que, surpreendido um dia pelo assassino no corredor do aqueduto, tirou do bolso uma pistola e lhe apontou, quando fingia tirar o dinheiro que o malfeitor lhe exigia. Foi a única prova que levou as autoridades a pensarem que os muitos suicídios eram afinal assassinios cometidos por ele. Condenado à morte por outros crimes, foi um dos últimos sentenciados pela forca, pena abolida em Portugal, em 1842. Diogo Alves foi executado em 1841 no Cais do Tojo, após dois anos de prisão.

Ora majestoso, ora sumido sobre a terra, o velho Aqueduto das Águas Livres, onde ainda há morcegos e teias de aranha, encerra nas suas pedras centenárias uma história de grandeza e miséria, de beleza e de sinistro.

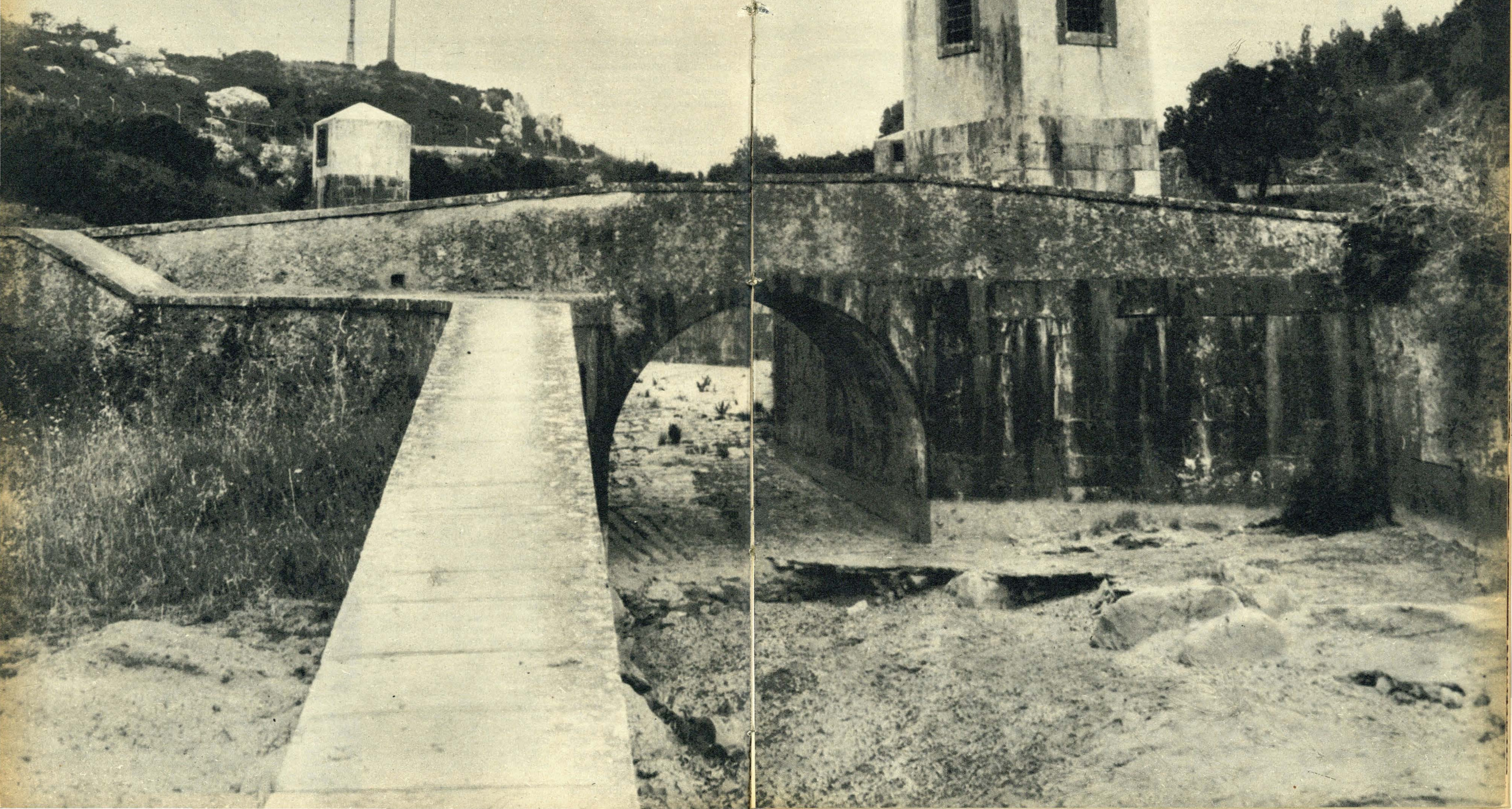
MANUELA ALVES

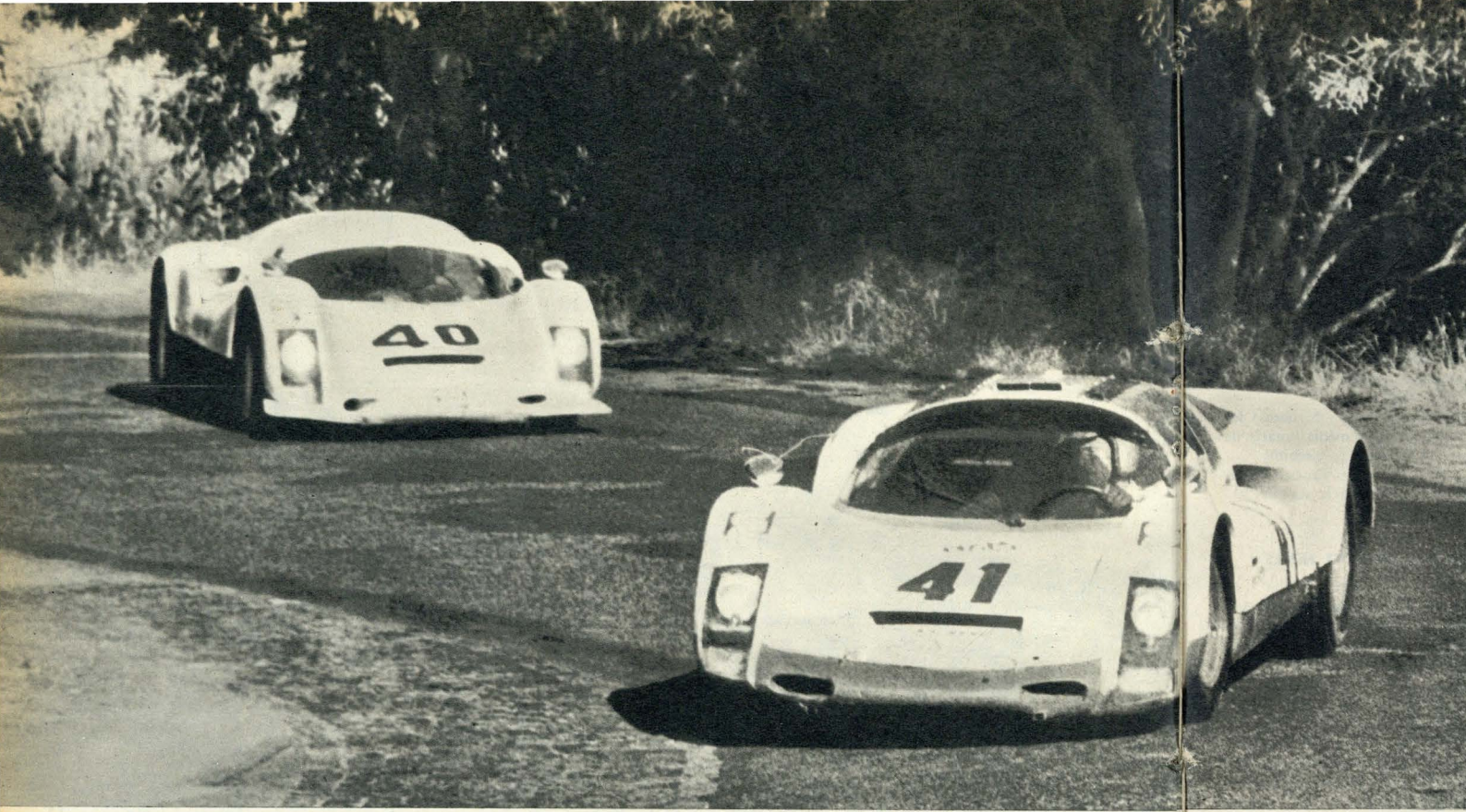


Deste parapeto, duma altura de 62 metros, precipitava Diogo Alves as suas vítimas. À Esquerda, O relógio de sol das Amoreiras, construído sobre o muro do aqueduto.

AQUEDUTO: AQUI TOMBOU O REPÓRTER

Esta é a última foto de José Nunes Correia, obtida no exacto lugar em que havia de cair ao serviço da profissão. Diante deste documento, preferimos às palavras o silêncio que melhor traduz a expressão da nossa dor e a decisão de prosseguirmos. Será a melhor forma de respeitarmos a memória do camarada que tomou no cumprimento do dever.





Isto (à esquerda) aconteceu ao longo de treze voltas — à DIREITA — Filipe Nogueira venceu moralmente. Os loiros são de Carlos Santos.



MONTES CLAROS: VELOCIDADE À SOMBRA

TEXTO NUNO COUTINHO / FOTOS JOAQUIM LOBO

Cinco ruidosas corridas de motos e automóveis perturbaram, no último fim-de-semana, o silêncio habitual das matas de Montes Claros, para que alguns milhares de entusiastas pudessem apreciar o seu desporto favorito, nas únicas provas de velocidade que se disputaram em Lisboa,



António Martín (o n.º 68), o espanhol que chegou, viu e venceu. À ESQUERDA — José Lampreia à partida.

Com grande afluência de espectadores (bastante superior à dos anos anteriores, segundo um dos membros da organização), o que demonstra o interesse crescente que a modalidade está a despertar entre nós, sobretudo nas camadas mais jovens, as corridas de Montes Claros desenrolaram-se ao longo das duas tardes e dentro do horário programado, numa manifestação de respeito pelo público.

UM ESPANHOL VENCE EM MOTOS

António Martín Martínez é um jovem selvagem que, há longos anos, tem uma grande paixão: o motociclismo. Concorrente habitual em quase todas as provas do país vizinho, Martínez veio a Lisboa com outro compatriota. A sua vinda a Montes Claros esteve comprometida até algumas horas antes da partida. Afinal, chegou, viu e venceu.

Nos treinos, o melhor tempo pertenceu ao português Carlos Marques que, em «Norton» estabeleceu o novo «record» da pista com a

SEGUE



“Quando se trata dum trabalho que exige toda a minha perícia, há sō uma linha de bordar para mim—
“Âncora”

(Cdz a Senhora D. Deolinda, Campeã de Bordados de 1966)

A Senhora D. Deolinda deve saber! Ela ganhou o concurso nacional de bordados das Donas de Casa em 1966. A Senhora D. Deolinda elogiou as qualidades da linha de bordar Âncora: “É tão macia ao trabalhar”, disse ela “e tem ainda toda aquela magnífica gama de cores firmes!”
V. também pode bordar como uma campeã! Escolha a linha preferida pela premiada Senhora D. Deolinda.
Peça linha de bordar Âncora no seu fornecedor habitual.



ÂNCORA
linhas de bordar



A Exma. Senhora D. Deolinda reside em Penafiel e borda desde os 6 anos de idade! Acha a arte de bordar repousante, dizendo que ajuda a passar o tempo enquanto o seu marido António, que é sargento,

no Exército, se encontra em Angola ao serviço da Pátria.

CIRCUITO DE MONTES CLAROS

média horária de 104,787 km. Esta média foi superada, na corrida, pelo espanhol que alcançou novo máximo, à média de 106,042 km/h.

LAMPREIA, INSUPERAVEL

Das cinco provas do Campeonato Nacional de Velocidade, quatro estão já disputados. Na categoria de Turismo Especial, o corredor alentejano José Lampreia venceu as quatro, pelo que tem o título à vista.

O tempo do vencedor (taça e 5 contos) foi de 42 m 37,38 s o que dá a média horária de 115,278 km para as 30 voltas ao circuito.

O máximo da pista foi para Ernesto Neves com a média de 118,595 km/h, na sua 10.ª volta.

FÓRMULA V = ERNESTO NEVES

Tendo começado a correr há cerca de seis anos em motos, no circuito de Cascais e de Montes Claros, com uma «Harley Davidson» de 250 cc, Ernesto Neves ganhava normalmente na sua classe. Três anos depois passou a correr em automóvel. Foi campeão nacional.

Este ano apareceu a correr em Fórmula V e, tal como Lampreia nos Turismos Especiais, ainda não deixou que outro concorrente contasse a meta primeiro do que ele, nas quatro provas até agora disputadas.

Nené, que à 14.ª volta estabeleceu novo «record» do circuito, à média de 116,819 km/h, percorreu as 25 voltas no tempo de 35 m 36,91 s.

SEGUNDA VITÓRIA PARA O «TEAM» PALMA

Uma molhada de 16 carros (alguns de dimensões fora do normal nestas coisas) depois de alinhados dois a dois, devido à pouca largura da pista, largaram «empurrando-se» uns aos outros para fazerem as 30 voltas que o regulamento impunha aos carros de Turismo de série.

No final, Francisco Santos demorou 46 m 36,24 s para percorrer as 30 voltas do percurso à média de 105,441 km/h. Os lugares seguintes foram para Albino Pinto, Francisco Romãozinho e José Lampreia.

SETE CARROS NA ÚLTIMA CORRIDA

Depois de anunciada a participação de 13 concorrentes, apenas sete tomaram lugar na grelha da partida para a prova de Grande Turismo, Desporto e Protótipos.

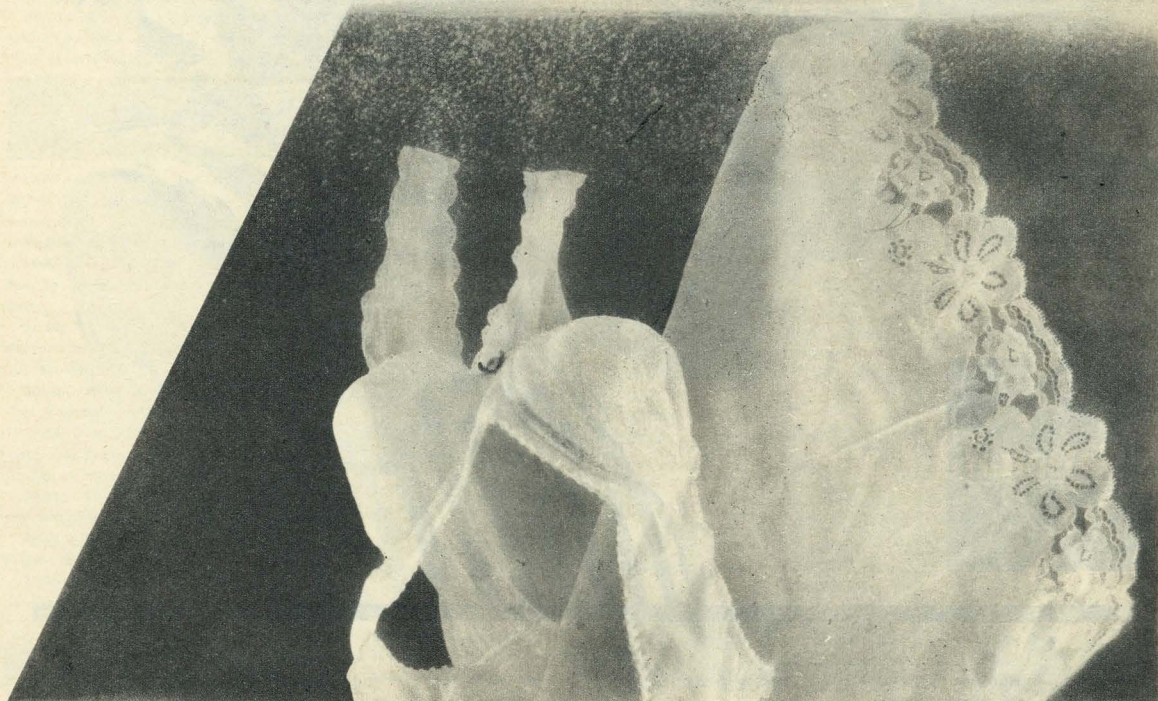
Ao fim e ao cabo, uma vitória que se tornou fácil para Carlos Santos, que ganhou voltas a todos os outros concorrentes. Ernesto Neves foi o segundo, com menos percurso e Américo Nunes o terceiro com menos três voltas.

O vencedor fez o tempo de 39 m 52,06 s à média de 123,255 km/h. Foi a segunda vitória consecutiva de Carlos Santos com o «Porsche» recentemente adquirido em Espanha.

**A FLAMA VENDE-SE
EM BRUXELAS
NO CAFÉ
Restaurant Portugais
13, place de la constitution
(junto a estação de Mide)**



com **Bio-tex**
não perde tempo
com a roupa



Você pode descansar em cima das preocupações

... E se alguém achar insólito é porque não sabe que bastam apenas 20 minutos para o Bio-Tex, sozinho, tratar da sua roupa interior e lãs.

Ponha uma colher de Bio-Tex num alguidar ou num lavatório com água quente. Ponha a roupa. Bio-Tex tem enzimas, substâncias biológicas que dissolvem na água toda a sujidade e mesmo as manchas mais difíceis: de ovo, leite, gorduras, suor, chocolate, molhos, óleo, etc. Não esfregue. Na maioria dos casos basta passar por água limpa. Assim ela dura muito mais.

Bio-tex
torna a lavagem quase desnecessária

Na compra de qualquer embalagem de



Vale
2\$00

Troque-o no seu fornecedor habitual

(Carimbo)

Senhor Comerciante:
este vale será remido pelo nosso representante na próxima visita



Cinco Razões

Por que as VENTOÏNHAS NATIONAL
refrescam melhor.

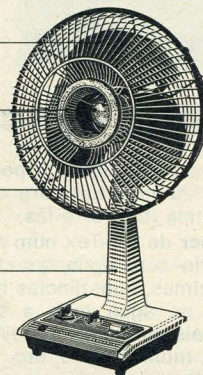


Pás em "Q" revolucionárias;
5% mais de ar,
10% menos de ruído.
O mais eficiente
motor do mundo.
Lubrificação? NUNCA.

Oscilação dupla;
uma leve pressão na grelha
protectora altera a direcção da brisa.

Robusta, corpo leve;
fácil de transportar de uma sala
para a outra.

Variedade de botões de controle super-convenientes.



VENTOÏNHAS ELÉCTRICAS
NATIONAL

Distribuidores



SEDE: Av. 5 de Outubro, 56 - Telef. 56 25 41 - PPC 5 Linhas - LISBOA 1
FILIAL: R. Miguel Bombarda, 221 - Telef. 2 80 08 - 2 05 53 - PORTO

SEXTA-8

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — NOS BASTIDORES DA AVEN-
TURA — Programa para jovens.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — A CRIANÇA PERANTE A VI-
DA — Por Ana Maria Varela Cid.
20.05 — CARTAZ TV — Os princi-
pais programas da próxima semana
apresentados por Jorge Alves.
20.35 — TURISMO.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição.
Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — LITERÁRIO.
22.05 — NOITE DE CINEMA — «O
Prisioneiro do Castelo de Zenda».
00.10 — A MARCHA DO MUNDO —
Serviço informativo.
00.25 — MEDITAÇÃO e FECHO.

SABADO-9

- 19.00 — ABERTURA E JUVENTUDE NO
MUNDO — Magazine de actualidades
para jovens.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — DIALOGOS DE SÁBADO —
Pelo Rev. Padre Dr. Serafim Ferreira e
Silva.
20.00 — TELEDESPORTO — Revista
dos principais acontecimentos desporti-
vos da semana.
20.30 — SÉRIE JUVENIL — «A Ul-
tima Viagem».
21.35 — TV CLUBE — Com a parti-
cipação da Orquestra Albicastrense. Rea-
lização de Vitor Manuel.
22.05 — TV 7 — Revista dos princi-
pais acontecimentos da semana.
22.35 — SÉRIE DRAMÁTICA — «O
Fugitivo».
23.35 — A MARCHA DO MUNDO —
Serviço informativo.
23.50 — FECHO.

DOMINGO - 10

1.º Período

- 12.55 — ABERTURA E MISSA DE DO-
MINGO.
13.30 — EUROVISÃO — Transmissão
directa da Bélgica do Campeonato Mun-
dial de Ciclismo (prova de estrada).
14.30 — FECHO.

2.º Período

- 15.30 — ABERTURA.
15.32 — EUROVISÃO — Transmissão
directa da parte final da prova de Es-
trada do Campeonato Mundial de Cic-
lismo.
17.00 — REPORTAGEM DO EXTE-
RIOR.
19.00 — DESENHOS ANIMADOS —
«Kimba».
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — BARREIRA DE SOMBRA —
Programa de actualidades taumomáqui-
cas.

7 dias de TV



- 20.05 — TV RURAL — Pelo Eng.º
Sousa Veloso.
20.35 — FOLCLORE.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição.
Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — O MUNDO SUBMARINO DE
JACQUES COUSTEAU — Documentário.
22.35 — «LADRÃO PRECISA-SE».
23.35 — DOMINGO DESPORTIVO —
Reportagens dos principais acontecimen-
tos do dia.
23.50 — A MARCHA DO MUNDO —
Serviço informativo.
00.05 — MEDITAÇÃO e FECHO.

SEGUNDA-II

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — JUVENTUDE NO MUNDO —
Magazine para jovens.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — ENCICLOPÉDIA.
20.15 — MOMENTO DESPORTIVO —
Entrevistas e comentários aos principais
acontecimentos da actualidade desportiva.
20.35 — TEMPO INTERNACIONAL —
Um programa de António Ruano.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição.
Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — IMAGENS DA POESIA EU-
ROPEIA — Pelo Dr. David Mourão Fer-
reira.
21.55 — ZIP-ZIP — Programa rea-
lizado no Teatro Villaret.
23.40 — MARCHA DO MUNDO —
Serviço informativo.
23.55 — MEDITAÇÃO e FECHO.

TERÇA-12

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — SÉRIE JUVENIL — GENTLE
BEN — «Uma Medalha para o Ben».
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.50 — SEGREDOS DA VIDA ANI-
MAL — Documentário.
20.15 — TV SOCIAL — Programa da
Junta da Acção Social.
20.40 — SE BEM ME LEMBRO — Pelo
Prof. Dr. Vitorino Nemésio.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição.
Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — TV CLUBE — «O MUNDO
A CANTAR» — Com o Grupo Vocal Fe-
minino Harmonia.
22.35 — «AS ENFERMEIRAS» — Sé-
rie dramática.
23.35 — A MARCHA DO MUNDO —
Serviço informativo.
23.50 — MEDITAÇÃO e FECHO.

QUARTA-13

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — TV EDUCATIVA — Educação
Musical.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.50 — PROGRAMA FEMININO.
20.15 — QUER SABER ENTÃO PER-
GUNTE...
20.30 — EM FOCO.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição.
Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — MESA REDONDA.
22.05 — NOITE DE TEATRO — «Quan-
do o mar galgou a terra».
23.35 — A MARCHA DO MUNDO —
Serviço informativo.
23.55 — MEDITAÇÃO e FECHO.

QUINTA-14

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — DESENHOS ANIMADOS.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — NOTICIA DAS ARTES PLAS-
TICAS.
20.10 — SANGUE NA ESTRADA —
Por Joaquim Filipe Nogueira.
20.30 — PARADA DA INDÚSTRIA —
Programa do Gabinete de Divulgação
Económica.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição.
Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — MUSEU DO CINEMA — Um
programa de António Lopes Ribeiro.
22.05 — VARIEDADES — A final da
11.ª Taça Europeia para Cantores de
Knokke — Le Zoute (Bélgica). Nas eli-
minatórias participaram cançonetistas de
Espanha e Grã-Bretanha.
23.50 — VOLTA A PORTUGAL EM
BICICLETA.
00.05 — A MARCHA DO MUNDO —
Serviço informativo.
00.15 — MEDITAÇÃO e FECHO.

TELEFUNKEN



fale
mais
perto...
com
halazon
spray oral

Um hálito fresco aumenta o seu encanto pessoal e permite-lhe sentir-se à vontade em todas as situações. Halazon, depois de comer, beber ou fumar, oferece-lhe a vantagem de falar, sorrir e... continuar a agradar!

HALAZON aplica-se facilmente (basta um gesto discreto) e cabe na mais pequena das suas algibeiras.



— espiral mar.

Mais de 200 pulverizações

**UM HÁLITO FRESCO...
MESMO TÃO PERTO!**

halazon[®]
SPRAY ORAL



DISCOS

3 DISCOS — 3 ETIQUETAS

Manuel Fernandes gravou para a etiqueta Estúdio novo 45 r.p.m. com estes fados: «Amor Proibido», de M. Fernandes-A. Ribeiro; «Maria da Madragoa», de M. Fernandes-D. Silva; «Caso Encerrado», de J. Barradas-A. Campos; «Não Sei Quem És», de C. Rocha-A.



O conjunto António Mafra gravou novo 45 r.p.m. com as seguintes melodias: «A Filha do Meneses», Vira Elvira, «Tá quieto não Bulas», Goza a Vida. A distribuição é da Rádio Triunfo, Lda.



Wilson Pickett gravou para a Atlantic novo 45 r.p.m. com as seguintes interpretações: «Mini-skirt Minnie», de L. Hill-G. Jackson-E. Cage; «Back in your Arms», de Jackson-Moore-Chambers-Leakes; «Born to be Wild», de M. Fonfire; «Toe hold», de J. Hayes-D. Porter.

LUISA: NOME PARA FIXAR

Madrid viu-a crescer e abriu-lhe as portas do sucesso. Você pode ouvi-la agora através do seu mais recente «single», que inclui canções de raízes populares, arranjadas de acordo com a sua sensibilidade.

LUISA é muito jovem. Os seus olhos grandes e verdes, transmitem-lhe uma vivacidade infantil que as suas canções não deixam perceber.

Gosta de estudar, especialmente Filosofia, curso que escolheu na sua «universidade». Nas «horas mortas» da sua vida de estudante dedica-se à guitarra clássica e canta «folk». O seu estilo é nitidamente influenciado por Joan Baez.

Em Espanha, as suas preferências vão para Joaquín Díaz, seu amigo e companheiro, Patxi Andion e António Resines (dos Almas Humildes).

Apesar do grande êxito alcançado pelos seus discos junto do público apreciador das formas tradicionais, LUISA afirma que nunca será «diva».

O «single» agora distribuído pelo Movieplay inclui: «Manuela», Popular-J. L. Guimor; «La Guerra Cruel», Popular-Yarrow-Stokey.



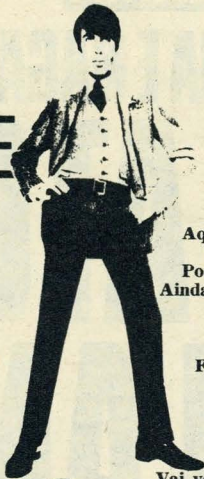
Nazaré. Os arranjos e a direcção musical são de Manuel Viegas, colaboração da guitarra de F. Carvalhinho. Gravação efectuada nos estúdios Polysom.

JOSÉ NOBRE: VISEU, PRINCESA DA BEIRA

José Nobre gravou para a etiqueta Estúdio um 45 r. p. m. que inclui: «Viseu, Princesa da Beira», «Outro Céu no Meu Olhar», «Regressa depressa», «Espinho És Canção». Arranjos e direcção musical de Sílvio Pleno.



**PORQUE
TENHO
TANTO
CABELO
E VOCÊ
NÃO TEM?...
...**



Entre nós, meu caro amigo... é

PERSONAL

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz.

Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrés...». Quer saber o segredo? Vê este frasco?

É Personal, o tônico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientificamente preparada.

Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistematicamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurno na sua toilette matinal.

Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrés...»

Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é



PERSONAL

A venda na sua farmácia habitual

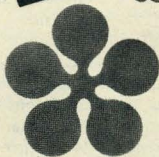
Representantes:  Aymami Peig, Lda.

Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. Lisboa-5

camisas
pijamas
blusas
saias

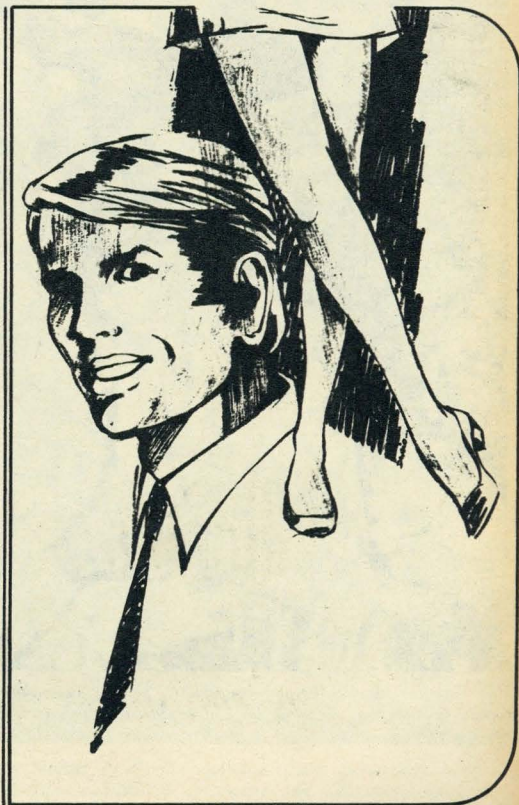
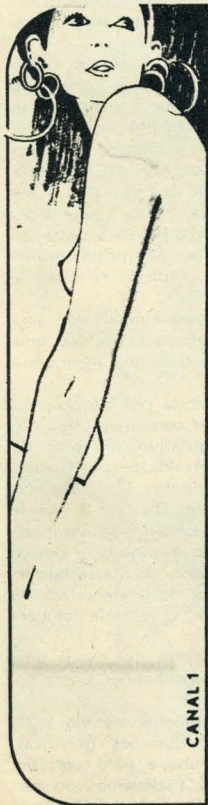

CORTEL

CONFECÇÕES TEXTEIS
SANTO TIRSO



**um
brinde
da moda**

CANAL 1



FLAMA

HIROSHIMA E NAGASAKI:

A MORTE ATÔMICA FEZ 24 ANOS

por GIORGIO BONACINA



Os horrores desde sempre originados pela guerra tornaram-se ainda maiores há 24 anos, ao concretizar-se a primeira explosão de uma bomba atômica. Era a morte em nova (e brutal) dimensão.

Até ao fim do ano de 1944, os cientistas atômicos que trabalhavam no Projecto Manhattan não tinham ainda posto o problema da utilização ou não utilização da terrível «arma total».

Mas, na Primavera de 1945, a bomba estava quase pronta, e a realidade concreta da sua existência fez nascer uma série de inquietantes interrogações.

O poderio naval do Sol Nascente fora destruído, as metrópoles do Japão começavam a arder sob os ataques das superfortalezas voadoras, mas os «marines» estavam ainda distanciados de muitos milhares de quilómetros das bases nipónicas.

O presidente Roosevelt morre no dia 12 de Abril. É um momento dramático. No próprio dia da sua morte, sucede-lhe Harry Truman, que desconhece em absoluto o Projecto Manhattan e nem sequer imagina qual a tremenda decisão histórica que lhe caberá tomar. É o ministro de Guerra Henry Stimson, quem o informa do que se está preparando em Los Alamos. A notícia é de tal modo espantosa e inesperada que o novo presidente não consegue atingir imediatamente toda a sua gravidade. E Stimson viu-se constrangido a voltar a abordar o assunto no dia 24 de Abril, recomendando ao presidente que instituisse uma comissão especial destinada a estudar cada problema relacionado com a utilização da energia atômica.

Truman compreende, então, que a bomba atômica não será sómente uma arma mais potente do que qualquer outra, mas uma «coisa» que dissolverá a matéria; uma «coisa» que inaugurará uma nova era do Mundo.

A comissão (Interim Committee) presidida por Stimson, foi formada no espaço de um mês. Tinha poder consultivo, mas não possuía qualquer poder executivo ou legislativo. No caso de ausência de Stimson, a comissão seria presidida por George Harrison, presidente da New York Life Insurance Company. Os outros membros da Comissão eram: William Clayton assistente do secretário de Estado; Ralph Bard, subsecretário da Marinha; Vanekar Bush, director do Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento Científico; Karl Compton, presidente do Massachusetts Institute of Technology, James Conant, reitor da Universidade de Harvard. Como representante do presidente, dela fazia também parte James Byrnes.

Ao mesmo tempo que o Interim Committee, foi criada uma Comissão Científica, da qual faziam parte Oppenheimer, Compton, Fermi e Ernest Lawrence.

O Interim Committee reúne-se pela primeira vez em 9 de Maio de 1945, sendo apenas discutidas questões genéricas. A segunda reunião, de 31 de Maio a 2 de Junho, é, pelo contrário, extremamente precisa. O problema central («devemos ou não utilizar a bomba atômica na luta contra o Japão?») é discutido



O monumento aos Mortos da Bomba Atômica recebe diariamente a visita de muitos turistas nacionais e estrangeiros de todo o Mundo.



Uma reconstituição da cidade destruída. Em primeiro plano, pode ver-se o Palácio da Exposição, onde caiu a bomba que arrasaria a cidade.

SEGUE



Um aspecto exterior do Museu de Hiroshima, a cidade mártir. (De quatro cidades previamente designadas, Hiroshima seria a sacrificada apenas porque as condições meteorológicas que apresentava eram melhores do que as das outras três no dia escolhido para o lançamento da bomba atômica). A ESQUERDA—O cenotáfio do Parque da Paz provoca ainda lágrimas em muitos olhos.

TRUMAN DECIDIU LANÇAR A BOMBA

sem rodeios. Estão presentes cientistas e generais. Todos têm problemas morais. Mas todos estão convictos de que nenhum outro processo poderá deter o fanatismo dos «senhores da guerra» japoneses.

Arthur Compton faz uma proposta interessante. «Porque não advertimos os japoneses, dizendo-lhes que evacuem uma determinada zona do seu território, e depois fazemos explodir uma bomba, a título demonstrativo, nesse local?» A ideia cai e naufraga no ceticismo. Segundo a opinião dos outros, os japoneses suspeitariam de qualquer coisa e, entretanto, abatiam o bombardeiro atômico. E se a bomba não explodisse? Seria um belo espectáculo para os cientistas do Sol Nascente! E se, pelo contrário, explodisse, caindo sobre os prisioneiros americanos, concentrados propositamente pelos japoneses, no local do lançamento?

O mais céptico de todos é Oppenheimer. Prescindindo de qualquer outra consideração, sustenta que «a destruição no deserto nada vale»: por outras palavras, no seu entender, uma demonstração platónica não serve para nada. Entretanto, no final

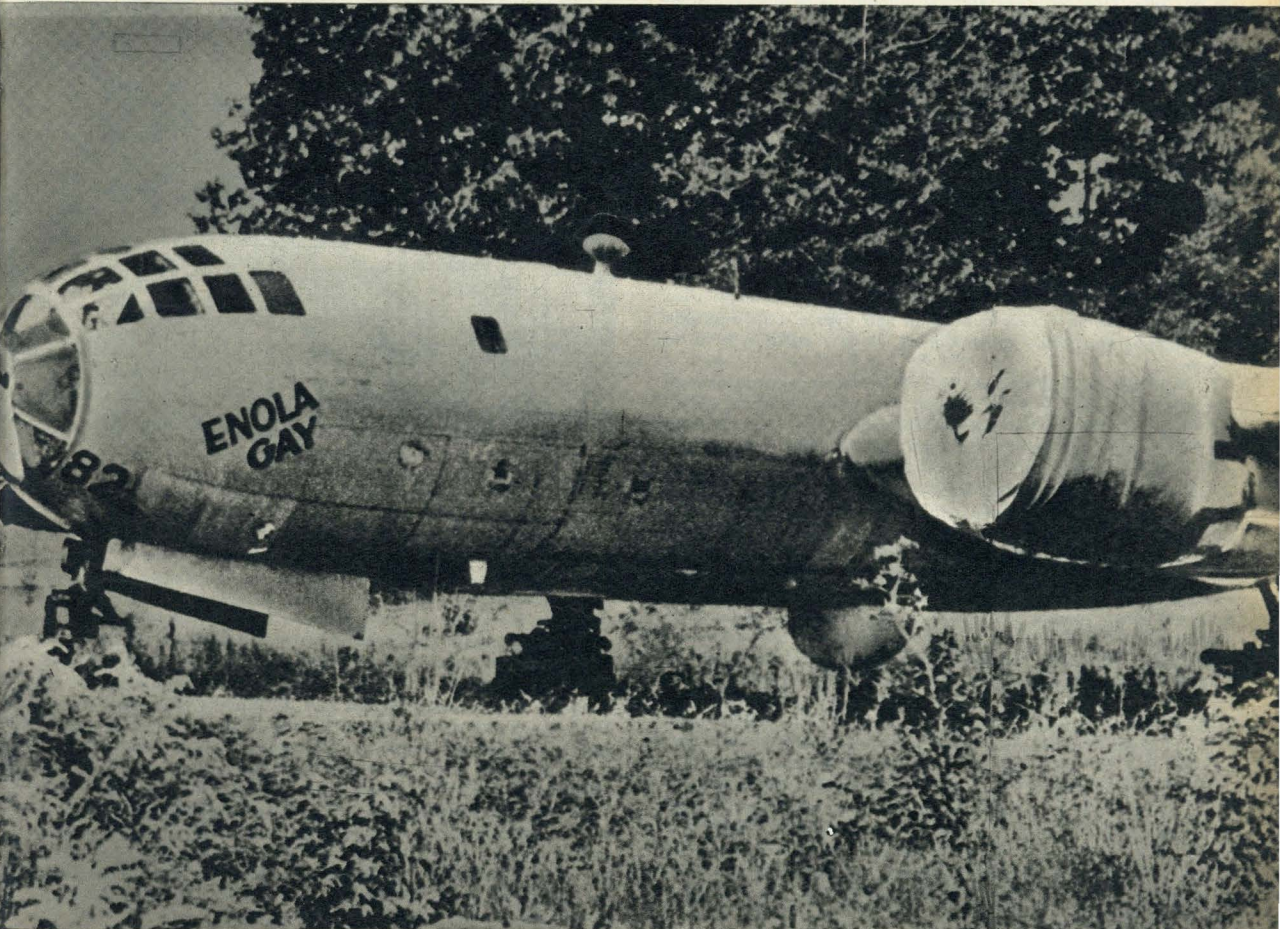
da reunião, a comissão recomenda ao presidente — que tinha já chamado a si a responsabilidade das decisões fundamentais em tempo de guerra — a utilização da bomba contra o Japão, tendo como «objectivo específico uma região industrial e habitacional». Isto queria dizer uma cidade.

Henry Stimson pretendia, no entanto, que nada se realizasse antes de ser ouvido o parecer dos restantes cientistas, mandando, com esse fim, que fosse instituído uma segunda Comissão Científica (Committee on Social and Political Implications) confiando o encargo da sua formação a Arthur Compton. Esta comissão era dirigida por James Franck, Prémio Nobel da Física, e nela participavam Leo Szilard e Eugene Rabinowitch.

Szilard, o mesmo homem que anos antes procurara interessar o governo dos Estados Unidos pela criação da «arma total», encontra-se agora na primeira linha daqueles que se opõem à sua utilização, a qualquer título. A nova comissão, também chamada «Franck Committee», elabora rapidamente um relatório para Washington, relatório esse que tem muita semelhança com a tese de Szilard. Sublinha-se que a utilização da bomba atômica contra o Japão, a despeito de qualquer premente necessidade militar, deveria ser subordinada às responsabilidades sociais e políticas, ou seja à sua repercussão na História.

O relatório Franck opõe-se precisamente contra o lançamento da bomba sobre uma cidade japonesa, sem qualquer aviso prévio e aconselha uma explosão demonstrativa sobre uma ilha deserta destinada especialmente a «elucidar» os representantes das Nações Unidas. Não exclui, no entanto, — e contrariamente à tese de Szilard — o lançamento de uma segunda bomba sobre o Japão, depois de o povo dos Estados Unidos e as Nações Unidas estarem devidamente avisados, e desde que os japoneses se recusassem, depois da demonstração, a evacuar algumas zonas para evitar a destruição integral.

SEGUE



O quadrimotor «Enola Gay», que lançou a bomba atômica sobre Hiroshima

"LITTLE BOY": NOME DE MORTE

O Relatório Franck chegou atrasado a Washington. A primeira comissão científica, de pleno acordo com o «Interim Committee», tinha já concluído que «não existia outra alternativa senão utilizar a bomba atômica».

Entretanto foram formuladas petições e contrapetições. Sessenta cientistas de Chicago achavam que a bomba não devia ser utilizada. O general Groves propunha uma votação entre todos aqueles que conheciam a fundo o problema que foi iniciada em Chicago pelo próprio Arthur Compton. Em termos de percentagem as opiniões eram as seguintes: 15% achavam que a bomba deveria ser usada com a finalidade de fazer cessar, o mais depressa possível, a guerra, sacrificando uma cidade em favor de muitas outras vidas americanas e japonesas; 46% eram a favor de uma demonstração da potência da bomba, no Japão, avisando previamente, e seguida de uma proposta de rendição; 26% eram da opinião de que a demonstração deveria ser feita nos Estados Unidos, sendo convidados os delegados japoneses; 11% pretendiam uma demonstração experimental em público; 2% achavam que a existência da bomba não deveria ser revelada ao Mundo.

Mas a bomba atômica era uma realidade. As 5.30 do dia 16 de Julho uma claridade enorme iluminou o deserto do Novo México. Uma luz dourada, púrpura, violeta, verde, estriada de branco. E uma nuvem semelhante a um cogumelo subiu até 13 000 metros de altura. Os jornais noticiaram que explodira, em Alamo-gordo, um depósito de munições produzindo «extraordinários efeitos luminosos».

Truman encontrava-se na Europa, na Conferência de Postdam. Chegou-lhe às mãos uma estranha mensagem «As crianças nasceram facilmente». Isto significava que a bomba funcionara bem. O presidente confiou a notícia a Churchill, o qual deixaria escrito: «A utilização ou não utilização da bomba atômica para constringer o Japão a render-se é um facto histórico que será julgado pelas gerações futuras. Na nossa mesa o acordo foi unânime, não se discutindo sequer se seria possível agir de modo diverso».

Unânime foi também a opinião de que a bomba deveria ser lançada sobre uma cidade que ainda não tivesse sido destruída pelos bombardeamentos convencionais. Tinha chegado a hora do drama.

A 23 de Julho, o coronel K. D. Nichols, enviado do general Groves, dirigiu-se a Arthur Compton com ordem para lhe comunicar os resultados definitivos das sondagens. Foi um momento duro para Compton, embora a última decisão pertencesse ao presidente. Depois disse: «O meu voto pessoal está com a maioria. Creio que devido ao estado actual dos acontecimentos se deve utilizar a bomba atômica, mas não mais drasticamente do que o que será necessário para que o Japão se renda».

Passaram-se mais três dias. Os governos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da China, redigiram um comunicado conjunto oferecendo a rendição aos japoneses. Neste comunicado não era feita a mínima referência à arma total. O ultimato surgiu a 2 de Agosto. Os postos de rádio japoneses anunciam que a decisão de Postdam não seria tomada em consideração. O governo de Tóquio recusa orgulhosamente a proposta de rendição.

A 3 de Agosto, Harry Truman decide que a bomba seja lançada, o mais depressa possível, sobre um centro habitacional.

A bomba tinha já um nome. Chamava-se «Little Boy». O seu aspecto não era diferente do de qualquer bomba vulgar. Era uma cilindra de oitenta centímetros de diâmetro, com o comprimento de três metros e pesava, no conjunto, quatro mil e quatrocentos quilos. A carga nuclear pesava apenas 62,3 quilogramas e estava dividida em quatro partes iguais, cuidadosamente separadas. Apenas no último momento, os quatro detonadores se juntaram, à velocidade de 1500 metros por segundo, para formarem a massa conveniente.

No dia em que Truman tomou a sua decisão irrevogável, a «Little Boy» encontrava-se, havia já uma semana, na ilha de



A cidade de Nagasaki arrasada pela bomba de plutónio. O lançamento foi feito com o auxílio do radar.

Tinian, no arquipélago das Marianas. Tinha sido transportada pelo cruzador «Indianapolis». Estava aquartelado havia algum tempo, em Tinian, o 509.º Grupo da Força Aérea Especial B-29 que, durante meses, sob o comando do coronel Paul W. Tibbets, fora treinado para levar a cabo uma missão altamente secreta, cuja natureza era ignorada por todos. Os atiradores, seleccionados entre os melhores da Força Aérea dos Estados Unidos, foram obrigados a atingir pequenos alvos a uma distância de 9000 metros e a uma velocidade de mais de 500 quilómetros horários.

Na noite de 5 de Agosto, chegou à base de Tinian uma nota especial. A tripulação do «B-29» de Tibbets, chamado «Enola Gay» em homenagem à mãe do comandante, foi informada de que o aparelho iria lançar uma bomba de grande potência sobre uma cidade do Japão, ainda não designada: o objectivo só seria revelado no último momento, segundo as condições meteorológicas. Apenas Tibbets sabia que a cidade condenada seria uma das quatro seguintes: Kokura, Yokohama, Nagasaki, Hiroshima. Primeiramente, Kyoto fora também incluída nesta lista, mas Stimson — de acordo com o general Arnold, comandante supremo da Força Aérea dos Estados Unidos — cancelou a sua inclusão por ser um centro religioso e artístico.

Naquela noite não houve tempo para dormir. A 1 e 37 do dia 6 de Agosto descolaram de Tinian três «B-29» equipados com

instrumentos meteorológicos. As 2 e 45 partiu o «Enola Gay» levando no ventre a «Little Boy». A tripulação era constituída por dez homens: o primeiro-piloto Tibbets, o segundo-piloto Lewis, o radarista Stiborik, os montadores da bomba, Parsons, Jeppson e Beser, o atirador Ferebee, o navegador Van Kirk, o radiotelegrafista Nelson, os electricistas Shumart e Duzembury, o artilheiro Cazon.

O «Enola Gay» afronta a primeira parte do longo voo — 2600 quilómetros — à altitude de 2000-2500 metros, para evitar o encontro com as formações dos «B-29» que regressavam das missões de bombardeamento convencionais. Às 6 e 5 da manhã, o avião sobrevoou a ilha de Iwo Jima, e Tibbets procurou ganhar altura. Meia hora depois o pesado quadrimotor alcançou a altitude de 9000 metros. Entretanto, Parsons montou a bomba. Às 7 e 30 foi dado o último sinal e a tripulação reuniu-se na cabine de pilotagem. O major Ferebee, entretanto, procurava fazer os primeiros levantamentos sobre o quadrante Norte.

Um dos aviões meteorológicos, o «Straight Flush», pilotado pelo major Claude Eatherly, comunicava: «estado do céu em Kokura: coberto em cerca de nove décimos, nas proximidades do solo. Em Yokohama: coberto. Em Nagasaki: coberto. E após uma pausa: «Em Hiroshima: quase sem nuvens. Visibilidade de dez milhas dois décimos de cobertura à altitude de treze milhas».

O veredicto não tinha apelo possível. A vítima seria Hiroshima.

Na cidade, com uma população de 250 000 habitantes, foi lançado o alarme. De terra, tinha sido avistado um aparelho (o «Straight Flush») e um outro fora assinalado nas vizinhanças (o «Great Artist», equipado com os aparelhos científicos capazes de medir os efeitos da explosão). As sireias de alarme tocaram, mas o corpo da defesa civil não lhes prestou a devida atenção.

Às 7 e 31, tinha cessado o alarme. O «Enola Gay» dirigia-se em linha recta, em direcção a Hiroshima, da qual estava ainda distanciado cerca de 350 quilómetros. Na cidade, o dia começava, a gente saía já para as ruas, os operários tinham entrado nos estabelecimentos e oficinas, as crianças saíam para a escola. O sol brilhava. As oito horas tudo corria normalmente e a guerra quase parecia algo de infinitamente remoto. O «Enola Gay» estava a menos de cem quilómetros e o major Ferebee preparava-se para ordenar a abertura das escotilhas de lançamento.

Os minutos passavam com uma rapidez fantástica. O céu estava límpido, os últimos vestígios de nuvens tinham-se dissipado. No campo, um trabalhador julgou avistar, a grande altitude, um ponto prateado que deixava atrás de si um rasto leve de fumo. Às 8 e 11, Tibbets fez uma leve correcção da rota, efectuando um ligeiro desvio para a esquerda. O «Enola Gay» sobrevoava Hiroshima.

Rapidamente, Ferebee e Tibbets procuraram coordenar os dados recolhidos por ambos. A altitude exacta era de 9632 metros acima do nível do mar, a velocidade de 528 quilómetros horários. Ferebee regula a objectiva da mira e os prismas de cristal inclinaram-se. Eram 8 e 44. Ferebee carregou num botão e o «Little Boy» precipitou-se no espaço. A bordo do «Enola Gay» todos assestaram os binóculos especiais e Tibbets fez o bombardeiro descrever uma curva apertada, com o fim de alcançar maior velocidade para a manobra de regresso.

Às 8 e 15 a bomba explodiu a menos de 600 metros de altitude, atingindo uma superfície de três quilómetros quadrados, e desencadeando uma temperatura escaldante (entre 300 e 900 graus) sobre uma superfície ainda mais vasta. As ondas de descarga exerceram a quase inconcebível pressão de sete mil toneladas por centímetro quadrado. A sua acção durou apenas um instante, tal como a inaudita vaga de calor. Um enorme incêndio alastrou então. A grande altitude, o «Enola Gay» parecia estar apertado entre as mãos de um gigante e apenas a perícia de Tibbets conseguiu manter o «contrôle».

Em baixo, o inferno de chamas e gritos, de corpos macerados. Nos descampados — afastados do centro em chamas — parecia não se ter notado o acontecido. Mas as pessoas sentiam a pele a cair, vomitavam, precipitavam-se em direcção aos hospitais. Caíam pelo chão. A defesa de Hiroshima já não existia. Tudo acabara, desintegrado em pó.

A noite, o presidente Truman anunciou a verdade ao Mundo. E das bases aéreas do Pacífico partiram formações de bombardeiros, lançando milhares de manifestos sobre o Japão, tentando convencer o governo a ordenar a rendição. Os Estados Unidos possuíam já uma segunda bomba atômica. Apenas uma. Para fabricar outra seriam necessárias muitas semanas. Mas, segundo se esperava, a de Hiroshima chegaria.

A ilusão foi pouco duradoura. Mesmo depois de uma visita à cidade morta, os generais continuavam a esconder do povo japonês o que fora o martírio de Hiroshima. Rádio Tóquio não responde. E Truman autorizou a U.S.A.A.F. a lançar a bomba sobre uma segunda cidade japonesa.

A bomba explodiu sobre a vertical de Nagasaki às 11 e 2 do dia 9 de Agosto, lançada através de uma camada pouco espessa de nuvens pelo avião «B-29» «Bockscar», do major Charles Sweeney. Foi um péssimo lançamento, efectuado a meio radar. Uma formação rochosa, quase a meio da cidade, salvou Nagasaki da destruição total. Mas o inferno repetiu-se. Como em Hiroshima, ocorreram os fenómenos mais inconcebíveis. Os corpos macerados fizeram lembrar seres de uma época pré-histórica.

Os japoneses estavam perdidos. O imperador procurou o auxílio da Cruz Vermelha, pedindo-lhe que comunicasse ao governo dos Estados Unidos que o Japão se renderia sem condições. A 14 de Agosto foi a rendição ratificada. A 2 de Setembro entrou em Tóquio a embaixada «Missouri» e o general Mac Arthur recebeu os delegados japoneses.

A Segunda Guerra Mundial terminara.



NA LOJA DO SR. OLIVEIRA EMPENHA LISBOA INTEIRA GRAÇAS AO PROGRAMA "ZIP-ZIP" FOI ALTERADA A ESTRUTURA DA PRESTIMOSA "PRESTAMISTA POMBALINA"

A casa de penhores do sr. Oliveira era uma loja de muitos anos, velha como o traçado da Lisboa pombalina. Chamava-se mesmo «A Prestamista Pombalina—Para Bem Servir». Os «gabinets» nem sequer isolavam já quem recorria ao sr. Oliveira para mutuar, discretamente, alguns objectos mais íntimos, longe dos olhares da vulgar clientela de caneta de tinta permanente, de relógio de contrabando ou de dobra de lençol.

Os empregados, de bata de risquinhas e manga de alpaca, estavam perfeitamente integrados no ambiente e procediam às avaliações com extraordinária segurança, cumprindo integralmente as leis que o sr. Oliveira os obrigara a ler no primeiro dia de trabalho.

Anos e anos de actividade diária, milhares de cautelas preenchidas a rigor, pequenos juros para garantir os ordenados e a renda da casa, centenas de leilões em dias certos, devolução imediata dos remanescentes, cumprimento exacto do artigo oitavo...

«Homem honrado e sério, amigo do seu amigo e benfeitor dos pobresinhos»—Era assim que muitas vezes se referiam ao sr. Oliveira, bendita criatura a quem repugnava a ideia do lucro fácil porque mais não ambicionava do que garantir a subsistência dos seus empregados, a creche e a colónia de férias que a expensas suas matinha no Algarve...

Modificadas as estruturas do simpático ramo

Um dia, porém, a velha «Prestamista Pombalina—Para Bem Servir» foi abalada por acontecimento inesperado que viria modificar, totalmente, as estruturas, não só da própria casa, como do ramo em geral.

Foi o caso que os produtores do conhecido programa «Zip-Zip» consideram de muito interesse para o País a divulgação de um tipo de negócio que todos sabiam em crise. E convidaram o sr. Oliveira, que, por sinal, era o presidente da Associação dos Prestamistas em Vias de Extinção, para, ele próprio, com a autoridade que todos lhe reconheciam, expor os problemas da classe e solicitar o apoio do bom povo para a compreensão dos diversos artigos, cláusulas, parágrafos e alíneas que regulam, mas quase sempre dificultam, o florescimento do simpático ramo de actividade.

Graças ao altruísta sr. Solnado

Foi assim possível, graças ao altruísmo e espírito de iniciativa do actor Raul Solnado, levar o sr. Oliveira ao «Zip-Zip» para, na presença do público e, mais tarde, dos espectadores da TV, falar, claramente, dos problemas que afectam os penhoristas.

Foi uma tarde inquecível que o público do teatro Villaret viveu comovidamente, solidarizando-se com as mágoas do representante do negócio em crise, o qual, durante mais de uma hora, leu todos os artigos, parágrafos, alíneas, etc. sempre escutado em religioso silêncio.

O exemplo calou fundo nos corações

Chorava o teatro Villaret em coro quando o próprio Raul Solnado decidiu abrir uma subscrição, oferecendo um gravador para auxiliar a Prestamista Pombalina. Foi um exemplo que calou fundo no coração de todos, exemplo, aliás, seguido por diversos espectadores que contribuíram com os mais variados objectos de uso pessoal, como relógios, alfinetes de gravata, botões de punho, emblemas do Benfica, géneros alimentícios.

Um frémito de emoção varreu a sala quando uma velhinha subiu ao palco para oferecer a bengala que tanto a ajudava nas longas caminhadas pela cidade. A velhinha saiu do palco no meio de uma tempestade de aplausos e foi a custo que manifestou ao microfone a sua grande alegria por poder contribuir, desinteressadamente, para o bem-estar dos prestamistas em crise. Interrogada, depois, por Carlos Cruz, disse que realmente a bengala lhe fazia falta mas que os táxis não se fizeram para outra coisa...



DEPOIS QUE ME METI NESTA HISTÓRIA ANDO COM A CABEÇA À RAZÃO DE JURROS...

Intervenção do actor, sr. Renato

Também o actor Paulo Renato, que se encontrava presente, foi junto do sr. Oliveira e disse:

«—Sr. Oliveira: se os prestamistas estão em crise; se os prestamistas são nossos semelhantes; se os prestamistas precisam de ajuda—tome a minha mão, sr. Oliveira!, e conte com os actores de teatro para uma festa de beneficência na Estufa Fria...»

Nunca, na sua carreira de actor, Paulo Renato fora tão aplaudido. Até uma criancinha lhe pediu um autógrafa...

SEIS MESES DEPOIS, A «REVOLUÇÃO»

Passaram seis meses. «A Prestamista Pombalina—Para Bem Servir» e, de um modo geral, todas as casas do ramo, estão hoje em franco progresso, graças à campanha nacional promovida pelo «Zip-Zip».

A popular loja do sr. Oliveira passou por importantíssimas obras de beneficiação. Ao aspecto interior das instalações não é estranho o talento do artista Paulo-Guilherme que se encarregou da decoração, utilizando, para o efeito, a última palavra em materiais de revestimento e mobiliários encomendados no estrangeiro.

À entrada, uma elegante recepcionista loira conduz o cliente a uma espécie de «snack-bar» onde é convidado a tomar uma bebida enquanto espera pela sua vez. Agradável música de fundo, transmitida através de um sistema de alta-

fidelidade que o empresário Vasco Morgado empenhou há duas semanas por causa do «Ri-te, Ri-te», dá ao ambiente aquela intimidade a que só estávamos habituados no «Porão da Nau».

EMPENHOS COM TODAS AS COMODIDADES

Computadores IBM garantem a ordem de entrada dos clientes nas salinhas privadas e para as donas de casa que levam consigo os filhos foi construído, em recinto apropriado, um parque infantil onde as crianças são assistidas por um grupo de seis raparigas formadas em puericultura. Quem não deseje permanecer no «snack-bar» ou nos amplos salões de convívio pode utilizar a biblioteca ou a mini-sala de cinema onde são apresentadas películas de ensaio, normalmente não exibidas nos circuitos comerciais.

AS BOAS-VINDAS DA «POMBALINA»

Uma vez chegada a ocasião do empenho propriamente dito, o cliente é conduzido à salinha onde o objecto é avaliado através de um olho electrónico. Nesse momento, ouve-se uma voz gravada idêntica à das hospedeiras a bordo dos aviões

«—A «Prestamista Pombalina—Para Bem Servir» dá-lhe as boas-vindas e espera voltar a ter Vossa Excelência como seu cliente. E, agora, quanto precisa Vossa Excelência que a «Prestamista Pombalina» fique a dever-lhe o favor de um empréstimo?»

O cliente fala das suas necessidades e é quase certo que a importância emprestada é superior ao que realmente o freguês precisa.

Assim, se por um gravador que está à venda por dois contos e quinhentos, o cliente pede um conto e quinhentos, a «Prestamista Pombalina» não deixa o cliente sair sem, pelo menos, levar três mil escudos.

—Além disso—informa o sr. Oliveira, consultando um grande livro que transporta na sua mala de mão—além disso, tem direito a uma senha para o sorteio dos Invalídios dos Penhores e participa na nossa campanha de Verão, que consiste também num sorteio de duas viagens Lisboa-Paris para duas pessoas, com tudo pago e visita guiada aos prestamistas locais...

O LUGAR QUE MERECEM NA SOCIEDADE

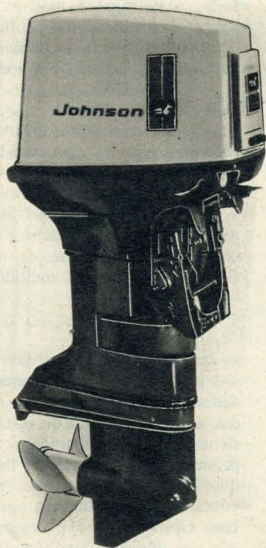
E AQUI ESTÁ, SENHORAS E SENHORES, O RESULTADO DA FORÇA EMPULSADA DA TELEVISÃO E DO PROGRAMA «ZIP-ZIP». GRAÇAS A ESTE PODEROSO VEÍCULO DE DIVULGAÇÃO, FOI POSSÍVEL DAR AOS PRESTIMOSOS PRESTAMISTAS O LUGAR QUE MERECEM NA SOCIEDADE.

RESTA ACRESCENTAR, PARA FECHO DESTES RELATOS, QUE «A PRESTAMISTA POMBALINA» TEM AGORA OUTRO «SLOGAN», CRIADO PELA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE PRIVATIVA DO ESTABELECIMENTO. DIZ ASSIM

A PRESTAMISTA POMBALINA DE J. A. OLIVEIRA EMPENHA SEM NENHUM CUSTO A SUA CASINHA INTEIRA.



O primeiro motor de popa de 3 cilindros e 55 CV. Incomparável rendimento em cruzeiro... Não esqueça: divirta-se com Johnson!



...eis o primeiro motor revolucionário Johnson de 55 cv com 3 cilindros.

... as experiências confirmam uma maior economia de combustível do que qualquer outro motor de popa de 55 CV. Características exclusivas: 1) *Saída de gases* pelo cubo do hélice... torna o escape ainda mais silencioso. 2) *Novo desenho* da câmara de combustão, para limpeza dos gases de escape... deslocação mais suave a qualquer velocidade. 3) *Ignição electrónica* «Power/Pulse» ... arranque rápido e funcionamento sem preocupações, anos e anos. 4) *Sistema revolucionário* de mudança de marcha hidráulico com dispositivo de segurança automático. Mas a melhor prova estará no seu ensaio. Experimente este JOHNSON. Veja todos os modelos JOHNSON: desde 1,5 CV até 115 CV. Todos com a garantia de 2 anos, quando utilizados em embarcações de recreio. Todos apoiados pelo Serviço de Assistência após venda.

Johnson
O símbolo de confiança

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
NÁUTICA, BELLO & FILHO, S.A.R.L.
Travessa da Praça, 4 (Belém) Lisboa
Tels. 636154 - 637970 ou ao Agente local



HELGA : MATERNIDADE SEM SEGREDO

Helga, um dos filmes mais discutidos da actualidade, chegou há duas semanas a Portugal. E motivos não faltam para aguçar a curiosidade do público a seu respeito: o facto de se tratar do primeiro filme de educação sexual lançado em todo o mundo em regime de exploração comercial, a publicidade sensacionalista de que vem precedido, a própria circunstância de com ele se inaugurar entre nós um novo escalão da classificação oficial de espectáculos cinematográficos («para maiores de 21 anos»).

O que pensar de *Helga*? Estaremos em presença de um filme didáctico, de uma obra-de-arte, ou simplesmente de um divertimento erótico para atrair as multidões?

UMA LIÇÃO ÚTIL

Realizado por um médico — Erich Bender — e produzido com o patrocínio das autoridades sanitárias alemãs, *Helga* anuncia-se como um «filme educativo de carácter documental, cientificamente elaborado». Sendo assim, o primeiro requisito que se lhe deve exigir é que cumpra efectivamente a sua finalidade educativa. Ora ninguém que veja o filme com espírito aberto e desempoceirado poderá pôr em dúvida a sua seriedade de intenções e de processos. *Helga* é realmente um filme didáctico, que divulga os conhecimentos científicos mais elementares sobre a fecundação e



Helga é uma obra que pode conduzir a resultados positivos. Eis algumas imagens do filme, que nos foram gentilmente cedidas pela distribuidora Filmes Lusomundo, Lda.



a gestação, com a forçosa simplicidade de quem se dirige a um público heterogêneo e de massas.

Erich Bender pretende sobretudo alcançar dois objectivos: elucidar as futuras mães sobre o processo de evolução da gravidez e chamar a atenção dos pais para a necessidade de desvendar aos filhos, a tempo e horas, os mistérios da sexualidade humana.

Deste modo, o filme vem ao encontro de uma exigência fundamental da acção educativa das crianças. Da boca dos pais devem eles ouvir a explicação natural daquilo que é natural, antes que sejam levados a satisfazer a sua curiosidade na rua, ao acaso de conversas doentias que aviltam a natureza humana. «A formação que se deve dar há-de ser paulatina e completa. Não se esgota de uma vez. A educação sexual não pode ser compreendida numa lição única; exige muitas. Não é própria de uma idade determinada, deve dar-se à medida que se apresenta a sã curiosidade dos filhos» (Jesus Urtega, *Deus e os filhos*).

Por tudo isto, e se bem que nos dê uma visão unilateral do tema — focando quase exclusivamente o seu aspecto biológico —, *Helga* é uma obra que pode conduzir a resultados positivos.

AMOR E EROTISMO

É certo que há quem ataque o filme por nele não se conter uma única cena mórbida.

Acusa-se o realizador de ter desprezado a realidade do amor humano — indissolúvelmente ligada à sexualidade — pelo simples facto de ter renunciado firmemente a trilhar o caminho do erotismo. Mas esta crítica provém de um erro básico: a confusão, tão frequente no nosso tempo, entre amor e erotismo. Numa lúcida análise deste problema, publicada recentemente na revista francesa *Table Ronde* (n.º 251 - 252), afirma Gustave Thibon que «a sexualidade normal gravita em torno de dois pólos: o desejo carnal e o amor espiritual. Ora o erotismo actual nada tem a ver com um nem com outro», porque procura cerebralizar o primeiro e esquece completamente o segundo.

Assim, pode concluir-se que, se *Helga* é uma lição incompleta, não é porque lhe faltam cenas eróticas, mas porque a realidade fisiológica que nos descreve não é vista com todas as suas implicações de ordem afectiva, moral e espiritual.

MAU CINEMA

Infelizmente... a análise do filme não pode ficar por aqui.

Válido, em certa medida, como documentário educativo, *Helga* é, porém, inteiramente negativo como cinema. A fotografia a cores é péssima, a sequência é de um primarismo

confrangedor, a realização é de um mau gosto atroz, a interpretação (não obstante a boa vontade de Ruth Gassmann) é praticamente inexistente, e nem sequer a famosa cena do parto consegue ultrapassar o mero interesse documental. Todos estes defeitos se agravam, na versão portuguesa, pelo incrível ridículo e imperfeição técnica da dobragem. Se as imagens nos fazem, muitas vezes, lembrar o estilo dos maus filmes publicitários, o diálogo dá-nos a impressão de estar a ouvir um «folhetim de detergentes».

PERGUNTAS SEM RESPOSTA

E, para terminar, quatro perguntas.

Porque se proibiu a visão deste filme aos espectadores de 17 a 21 anos, se estes, à face da lei portuguesa, se encontram já em idade núbil? Porque se afixou na bilheteira do cinema de estreia um aviso de que «este filme não é recomendável a pessoas impressionáveis (como se se tratasse de uma fita de terror ou de violência extrema)? Porque não se estuda a possibilidade de obras deste género (mas, se possível, com mais qualidade cinematográfica) serem exibidas nos estabelecimentos de ensino, para maiores de 12 anos, em sessões educativas devidamente comentadas por médicos e pedagogos?



fale
mais
perto...
com
halazon
spray oral

Um hálito fresco aumenta o seu encanto pessoal, e permite-lhe sentir-se à vontade em todas as situações. **Halazon**, depois de comer, beber ou fumar oferece-lhe a vantagem de falar, sorrir e... continuar a agradecer!

HALAZON aplica-se facilmente (basta um gesto discreto) e cabe na mais pequena das suas algibeiras.

halazon[®]
SPRAY ORAL



Mais de 200 pulverizações

**UM HÁLITO FRESCO...
MESMO TÃO PERTO!**

informação industrial

«CHRYSLER DE PORTUGAL, AUTOMÓVEIS, LDA.» : UMA NOVA SOCIEDADE

Foi constituída a sociedade «CHRYSLER DE PORTUGAL, AUTOMÓVEIS, LDA.», com o capital de 31 000 contos, que se ocupará da importação, montagem, e distribuição em Portugal Continental e Ilhas Adjacentes dos carros ligeiros e pesados do Grupo Chrysler.

Este grupo compreende os automóveis ligeiros das marcas Chrysler, Dodge, Plymouth, Simca, Humber, Sunbeam, Singer e Hillman e os veículos



Edward J. Keehn

A SINGER NA EUROPA

A Singer Sewing Machine Company, fabricante e distribuidora de máquinas de coser domésticas e industriais, equipamentos comerciais, maquinaria têxtil e equipamentos para aquecimento de ar condicionado, operando em 182 países, anunciou a nomeação do sr. Edward J. Keehn para Vice-Presidente encarregado da Divisão Europeia do Grupo de Produtos de Consumo para o Atlântico Norte.

Esta Divisão, cuja sede está agora em Londres, é responsável pelo mercado dos produtos de consumo em toda a área europeia.

O sr. Keehn ocupava anteriormente os cargos de Vice-Presidente Assistente e Director-Geral de Vendas na Divisão dos Produtos de Consumo para os Estados Unidos.



Axel A. Busch

comerciais Dodge, Commer, Barreiros e Fargo.

Assumiu as funções de director-geral da nova sociedade, o sr. Axel A. Busch, que durante oito anos exerceu as funções de director-geral da Simca Portuguesa (SOPORIA), Lda.

A sede da Chrysler de Portugal funcionará provisoriamente nas instalações da Simca Portuguesa, Avenida de Roma, 15, em Lisboa.

Estão previstas várias remodelações relacionadas com a distribuição dos automóveis do Grupo Chrysler em Portugal, as quais serão oportunamente anunciadas.



O sr. José Ascensão de Sousa, recebendo o seu Volkswagen 1300

ENTREGA DO 1.º PRÉMIO DO GRANDE CONCURSO NÍVEA

No «stand» dos Restauradores da Sociedade Comercial Guérin, S.A.R.L., realizou-se a cerimónia da entrega do 1.º prémio do Grande Concurso Nívea - 1969 ao sr. José Ascensão de Sousa, residente em Castelo Branco.

A entrega do prémio — um magnífico Volkswagen 1300 — assistiram os srs. Luís Barroso, em representação da Sociedade Comercial Guérin, e Peter Stieler, administrador, e Manuel de Sousa, funcionário superior da Beiersdorf Portuguesa, S.A.R.L., fabricante dos produtos Nívea.

Os restantes 10 000 prémios (bolas de praia Nívea) começaram, a partir desta data, a ser enviados aos respectivos premiados.



TETLEY TEA BAGS

Feliz pausa **TETLEY...**



No ambiente de trabalho — eis o momento agradável de repouso e descontração. E que agradável! Tetley deu ao chá todo o perfume e sabor das melhores colheitas do Oriente. A sua invenção da nova embalagem em *Saquinhos* de finíssima fibra, *Tetley Tea Bags* conserva ao chá, na dose exacta, o verdadeiro aroma, gosto, cor e frescura.



É mais prático, mais higiénico. Ponha no bule com água a ferver 1 *Saquinho* por cada 2 a 3 chávenas. Minutos depois está pronto o inconfundível Tetley Tea.

Hora de chá... Diga comigo, beba comigo:

TETLEY tea chá TETLEY

a mesma qualidade também em pacotes

O mais puro aroma do chá desde 1837

Richard Nixon visita a Roménia no mês corrente, facto que deu já origem a um conflito entre Moscovo e Bucareste. Mais um gesto de independência dum país que tem procurado salvaguardar uma neutralidade ideológica, que tem sempre vivido, através da história, uma obsessão de independência.



À ESQUERDA: A construção de moradias tem preocupado bastante o Governo. Uma família não pode pagar mais de sete por cento do seu rendimento mensal pela renda da casa, incluindo luz, água e gás. EM BAIXO: A educação pela arte é intensamente praticada na Roménia. AO CENTRO: A indústria mecânica romena produz centenas de milhares de camiões, automóveis, tractores e motocicletas por ano. AO FUNDO DA PÁGINA À ESQUERDA: Uma jovem operária numa moderna fábrica de fiação. À DIREITA: O sistema de irrigação de Medgidia beneficia uma área de 174.000 hectares de terras.



A ROMÉNIA QUE NIXON VAI CONHECER

A notícia estalou no Ocidente como uma verdadeira bomba: Nixon visita a Roménia em Agosto. Há razões para crer que a maior parte dos aliados dos Estados Unidos não foram avisados antecipadamente. Os círculos políticos norte-americanos mostram-se surpreendidos. Como foi possível chegar tão longe em tão pouco tempo? Moscovo, pelo contrário, parece ter sido mantida a par do namoro de Washington com Bucareste.

Por
JOSEPH
LUCH

Considerada como o principal paladino da rebeldia comunista à supremacia ortodoxa de Moscovo, a Roménia impôs-se à consideração universal e começa a beneficiar directamente dela. «Há vários caminhos para se chegar ao socialismo e ninguém se pode arrogar o direito de impor a sua via aos demais» — afirmou Nicolae Ceausescu ao defender o princípio de autonomia nacional dentro do bloco socialista.

Johnson esforçou-se no sentido de conquistar as simpatias das autoridades de Bucareste, mas não logrou atingir esse objectivo antes de expirado o prazo do seu longo mandato.

Nixon prepara-se para visitar a Roménia apenas alguns meses depois de ter assumido o lugar de presidente do país mais anticomunista do Mundo. Se-

ria acreditar excessivamente nos dotes diplomáticos do actual chefe da Casa Branca, se não atribuíssemos o êxito do convite feito a Nixon ao trabalho exaustivo da Secretaria de Estado durante todo o mandato de Johnson.

A NECESSIDADE DE INDEPENDÊNCIA É UMA OBCESSÃO HISTÓRICA DA ROMÉNIA

Nos últimos três anos, o Governo de Bucareste impôs a sua opinião sempre que os seus parceiros do Pacto de Varsóvia procuravam estabelecer políticas comuns nas relações do bloco com o Ocidente. É o único país do Leste que não cortou relações com Israel após a invasão e ocupação dos territórios árabes pelas tropas judaicas. É o único país do Pacto de Varsóvia que se recusa a aceitar o Tratado de Não Proliferação Nuclear. Foi o único país do Pacto de Varsóvia que condenou a intervenção das tropas aliadas na Checoslováquia.

Salvas as devidas proporções, a Roménia está para o Pacto de Varsóvia como a França para o Pacto do Atlântico: uma aliança na independência.

Se lermos algumas linhas sobre a história da nacionalidade romena fácil-

mente compreenderemos que as ocupações nacionalistas se sobreponham aos princípios socialistas que regem o país. O nacionalismo é um vírus que tem minado, aliás, outros países socialistas, quase sem excepção, pelo que é hoje considerado uma herança inevitável do passado, que sobrecarrega mesmo aqueles que teoricamente mais o repudiam.

A independência nacional é para os romenos uma verdadeira obsessão.

A Roménia ocupa o território da antiga Dácia. Conquistada por Trajano no princípio do século II, foi povoada pelos dácios, aos quais se juntaram elementos celtas e eslavos. O transporte sistemático de colonos de Roma radiou a língua latina na região, criando-se assim uma nação latina na fronteira russa. O país foi ocupado sucessivamente por hunos, eslavos, tártaros e outros. Os principados romenos da Moldávia e da Valáquia, no século XIV, constituíram os primeiros passos para uma independência de carácter verdadeiramente nacional. No século XV dá-se a grande invasão turca, destruindo os alicerces da independência esboçada. Os austríacos apoderam-se da Transilvânia em 1696. De 1711 a 1821, os

SEGUE



ROMÉNIA

principados são administrados pelos gregos de Constantinopla. Os russos aproveitam esta ocasião para se apoderarem da Besarábia, o que provoca uma das mais heróicas insurreições nacionais. Em 1856, o Tratado de Paris reúne novamente os dois principados. Surge a guerra russo-turca e a Roménia luta ao lado dos russos, o que lhe valeu o reconhecimento da coroa real romena, entregue a Carlos I. No primeiro quartel do século XX, a Roménia procura fazer uma política externa de boa vizinhança relativamente aos países da pequena Entente (Checoslováquia, Jugoslávia). No princípio da segunda Guerra Mundial, o rei Carlos II (Carol) resignou a favor do seu filho Miguel. Este apoia as forças do Eixo e entra na guerra, invadindo a União Soviética com um exército de 200 000 homens. Vencida em 1944, a Roménia assina um armistício e voita-se contra as tropas alemãs. As eleições de 1946 dão a vitória e o poder ao Partido Comunista, então o mais fraco e com menor número de filiados de toda a Europa. O rei abdica e deixa o país em 1947. Criava-se assim a República Popular da Roménia, porventura o primeiro Estado romeno no sentido mais lato do termo.

PAÍS PRÓSPERO

Com cerca de vinte milhões de habitantes, distribuídos pelos 237 384 quilómetros quadrados do território nacional, a Roménia transformou-se nos últimos vinte anos num país próspero e progressivo. Com uma agricultura imensamente facilitada pela riqueza natural do solo, os romenos souberam erguê-la aos mais altos escalões da produtividade. Os êxitos do país neste campo da economia encontram-se na origem da pretensão russa, segundo a qual a Roménia deveria resignar aos seus projectos de industrialização, para se transformar na «horta do socialismo europeu». Recusando-se a aceitar tal papel, a Roménia mostrou pela primeira vez aos seus parceiros socialistas não estar disposta a sacrificar-se às opiniões alheias, desde que siga os princípios que conduzem seguramente ao socialismo. Mais tarde os russos vieram a dar razão a esta posição de Bucareste.

INDUSTRIALIZAR A TODO O VAPOR

Hoje, a Roménia conta com uma indústria nacional pesada de grande envergadura. A produção de energia eléctrica passou de 17 000 milhões de kWh em 1965, para 43 000 milhões em 1969. Em 1975, esta produção está prevista para 60 000 milhões.

O país produz locomotivas eléctricas, camiões, automóveis, geradoras eléctricas e máquinas de alta precisão. A sua produção de petróleo bruto e de gaz natural é a maior da Europa. Em 1967 produziu mais de quatro milhões de toneladas de aço.

E este país que o presidente Nixon vai conhecer na sua próxima viagem. Um país com cerca de 300 000 estudantes universitários e com um esquema geral de ensino que inclui nove anos de instrução primária obrigatória e gratuita.

Nixon sabe que não vai visitar um país subdesenvolvido sob qualquer aspecto. Quando ali esteve, em 1967, como simples cidadão norte-americano, foi-lhe dispensado um acolhimento afectuoso. Neste momento, a visita do presidente dos Estados Unidos a um país socialista marca indiscutivelmente o ponto mais alto jamais atingido pela linha de coexistência pacífica. Um presidente de uma grande nação que esmaga um pequeno país socialista (o Vietname do Norte) é recebido com honrarias e aclamações noutro país socialista. O cúmulo das contradições. Deixemos, no entanto, aos historiadores o encargo da interpretação dos acontecimentos históricos desta segunda metade do século.

UMA ILHA LATINA NO OCEANO ESILAVO

A Roménia que Nixon vai visitar no próximo mês foi classificada por alguém como «uma ilha latina num oceano eslavo». Poderemos acrescentar que (exceptuando a folclórica Jugoslávia) é o país socialista mais original de todo o mundo.

Defensores inamovíveis da independência dos partidos, os dirigentes romenos têm-se revelado hábeis políticos e diplomatas.



EM CIMA: Moderno hospital recentemente inaugurado na cidade romena de Constantia. EM BAIXO: Nicolae Ceausescu, secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista Romeno e Presidente do Conselho de Estado da República Socialista da Roménia. À ESQUERDA: A Praça da União, um dos pontos de Bucareste com maior movimento.



O hotel «Trotus», recentemente inaugurado na cidade de Bacau.



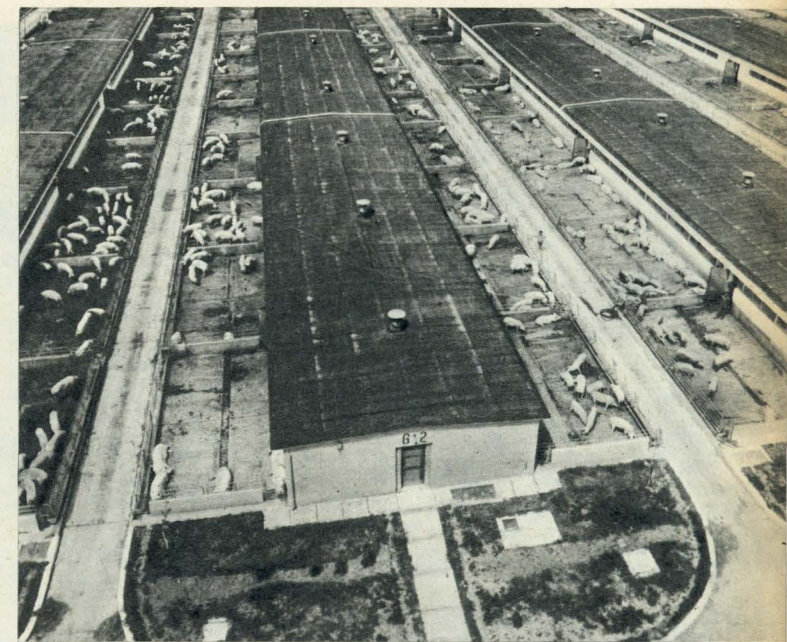
O actual chefe do estado e do partido Comunista segue as linhas-mestras da política do seu antecessor Gheorghiu-dej. No plano interno, o partido tem promovido o desenvolvimento rápido da economia do país, elevando consideravelmente o nível de vida da população. A assistência médica da Roménia é considerada uma das mais eficientes da Europa e é inteiramente gratuita, assim como o ensino. No plano externo, os dirigentes romenos procuram alinhar com a União Soviética sem abdicarem da sua independência.

Todo o romeno que se preza reclama a devolução da Bucovina e da Besarábia, anexadas pela União Soviética depois da segunda Guerra Mundial. Os próprios dirigentes do Partido Comunista não deixam de pôr esta delicada questão, ainda que indirectamente.

Nixon vai à Roménia precisamente na altura em que o país comemora as «bodas de prata» do golpe de Estado de 23 de Agosto de 1944. Prepararam-se grandes festas para assinalar o acontecimento. Pequim, que tem na Roménia um dos principais defensores dentro do bloco socialista europeu, vai ter sérias dificuldades em explicar tudo isto.

O presidente norte-americano procurará, seguramente, cavar mais uns palmos de terra no fosso que parece afastar os comunistas de Moscovo dos seus camaradas de Bucareste. Os norte-americanos são grandes mestres da intriga moderna, superando mesmo os ingleses.

Nixon visita um país comunista. Esperemos que os factos nos esclareçam melhor sobre as suas verdadeiras intenções.



EM CIMA: Numa herdade colectiva, um modelar sistema de criação de porcos. À ESQUERDA: Duas jovens numa passagem de modelos em Bucareste.

O FOGO-PRESO NASCEU EM LANHELAS



O trabalho dos pirotécnicos é, ainda, executado em regime artesanal: um picaro de barro um caixote de madeira, uma lata vazia e junto a tudo isto a habilidade das mãos.

fazer de uma curva no caminho estreito, funciona como um sinal de alarme. Robustas e antigas, caídas de branco, distribuem-se pela encosta, metidas entre pinheiros, as várias secções da oficina. Em volta, um «muro» de arame recorda os limites da zona perigosa e proibida. Nenhum porteiro. Subimos a escada de terra e pedra toscamente cavada na encosta. Passamos por enormes tabuleiros com centenas de bombas, pousados no chão, à sombra e ao ar livre. Este é o período de mais intensa actividade das oficinas de pirotecnia, dado que têm de fornecer foguetes para inúmeras festas e romarias que enchem o calendário de Verão em todo o País: «são tantas as encomendas que somos obrigados a

contratar nesta altura alguns jornaleiros, conforme as necessidades. No Inverno, porém, uma dezena de operários chega-nos perfeitamente. Praticamente temos apenas quatro meses de trabalho intenso: Junho, Julho, Agosto e Setembro».

Muitas mulheres exercem a sua actividade na oficina de fogo-de-artifício. Descontraídas. Trabalham em serviços que não são considerados perigosos. Vimo-las na cartonagem, enrolando e colando papéis importados ou nacionais com que são feitos os cartuchos ou tubos dos foguetes e das bombas. Vimo-las a «molar» as bombas, a encher de barro os tubos de papel e em outras tarefas. A parte mais delicada das operações de construir

peças de fogo está, porém, dependente dos homens. Todas as operações são manuais. Até a mistura da pólvora, que se processa numa divisão com todas as paredes negras e onde um homem movimentava o volante da bomba num esforço que se adivinha penoso através da sua máscara de suor. E será por aí, ao que nos informou o responsável pela fábrica, que vai entrar a mecanização na oficina. Na verdade, um motor eléctrico irá em breve libertar esse homem para uma tarefa mais vantajosa.

O fogo-presno nasceu em Lanhelas. É o ovo de Colombo. Madeira, pólvora, canudos, peças que giram. Tudo uma questão de imaginação. Em Lanhelas nasceu também, no capítulo do fogo-presno,

Alinham-se nos tabuleiros os cartuchos de pólvora. Parecem balas de espingarda ou fitas de metralhadora. Mas o seu uso é pacífico. O estrondo da explosão não é para matar.

o número espectacular da «batalha naval». São dois barcos que deslisam num arame e abrem fogo sobre um castelo colocado ao centro. Às vezes, no número, é incluído um avião. Tudo isto tem o aparato de decorrer em meia centenas de metros. E de durar uns minutos. Um espectáculo destes custa em média uns dois contos e leva dois dias a preparar na oficina.

«Colaboramos habitualmente nas festas do fim-do-ano da Madeira. Normalmente são três firmas que apresentam o famoso «bouquet» que assinala a mudança do ano. Seis minutos de fogo, saído de uns trinta pontos diferentes. O céu fica inundado de cores. Esse «bouquet» custa à roda de 500 contos. Ora a nossa parte, que é um terço, demora a preparar aqui na oficina cerca de um mês.»

Três meses de trabalho para meia dúzia de minutos de fogo-de-artifício. É assim esta indústria ainda artesanal, vivendo da dedicação de uns quantos, transmitida de pais para filhos como preciosa herança. Numa pequena divisão da oficina, demos uma olhadela de leigo para os saquinhos, as balanças e uma infinidade de pequenos utensílios de trabalho. É ali que está instalado o «laboratório». É ali que patrões e operários mais antigos fazem experiências, combinações de produtos, para a obtenção de novidades em pirotecnia. É ali que se arriscam. Mas nunca tiveram qualquer problema.

«Em 116 anos nunca houve um acidente nesta oficina. Nem sequer algum operário ficou sem um dedo. Arriscamo-nos todos os dias, mas procuramos sempre evitar o pior.»

Na verdade — e esse é o facto mais importante que registamos — os primeiros passos numa oficina de fogo-de-artifício impõem respeito. Nunca se sabe se um daqueles tabuleiros que estão à nossa vista, no chão ou em cima de uma mesa, carregados de peças de fogo, poderão ir pelos ares. Mas à medida que a oficina se abre, de secção para secção, mesmo que tenha o aspecto rude, confortável daquela que vimos, o à-vontade apossa-se do visitante. A descontração dos que lá trabalham tem enorme influência. Podemos dizer que brincam com o fogo sem se queimarem.

Agora o seu bilhete de identidade



Vale contos de réis...

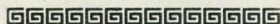
POIS SE TIVER 65 OU MAIS ANOS DE IDADE COM ELE PODERÁ VIAJAR COM UMA REDUÇÃO DE 50% NA REDE GERAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

INFORME-SE NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES OU NO DEPARTAMENTO COMERCIAL ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA — TELEF. 86 41 81

Quem é ele ?
Um homem
de preferências bem definidas
Os melhores fatos ...
Os melhores carros ...
Objectos raros ...
e os cigarros KENT
com o filtro exclusivo micronite

KENT, o cigarro americano
preferido em todo o mundo

Repr.: R. S. Contreras, Lda - R. do Telhal, 4 - B-Lisboa - Telef. 30 95 04
TRUE • NEWPORT • KENT • NEWPORT • TRUE • NEWPORT • KENT • NEWPORT



**ESTUDE
RADIO
TELEVISÃO E
TRANSISTORES**



A VIDA MODERNA EXIGE
HOMENS PREPARADOS

Em sua casa, por
correspondência, recebe
lições, ferramentas,
aparelhos de laboratório
e material para praticar.

Em pouco tempo e
economicamente será
um verdadeiro técnico.

Peça o folheto grátis à
EURORÁDIO

Av. Manuel da Maia, 32
Lisboa 1 Telef. 435 63

Nome _____
Morada _____
Localidade _____



EST. 1845



*Mais de
um século
de reputação
mundial*



ANDRIESSEN

23 DIAS DE PRISÃO POR TEREM PISADO A LUA

EXCLUSIVO

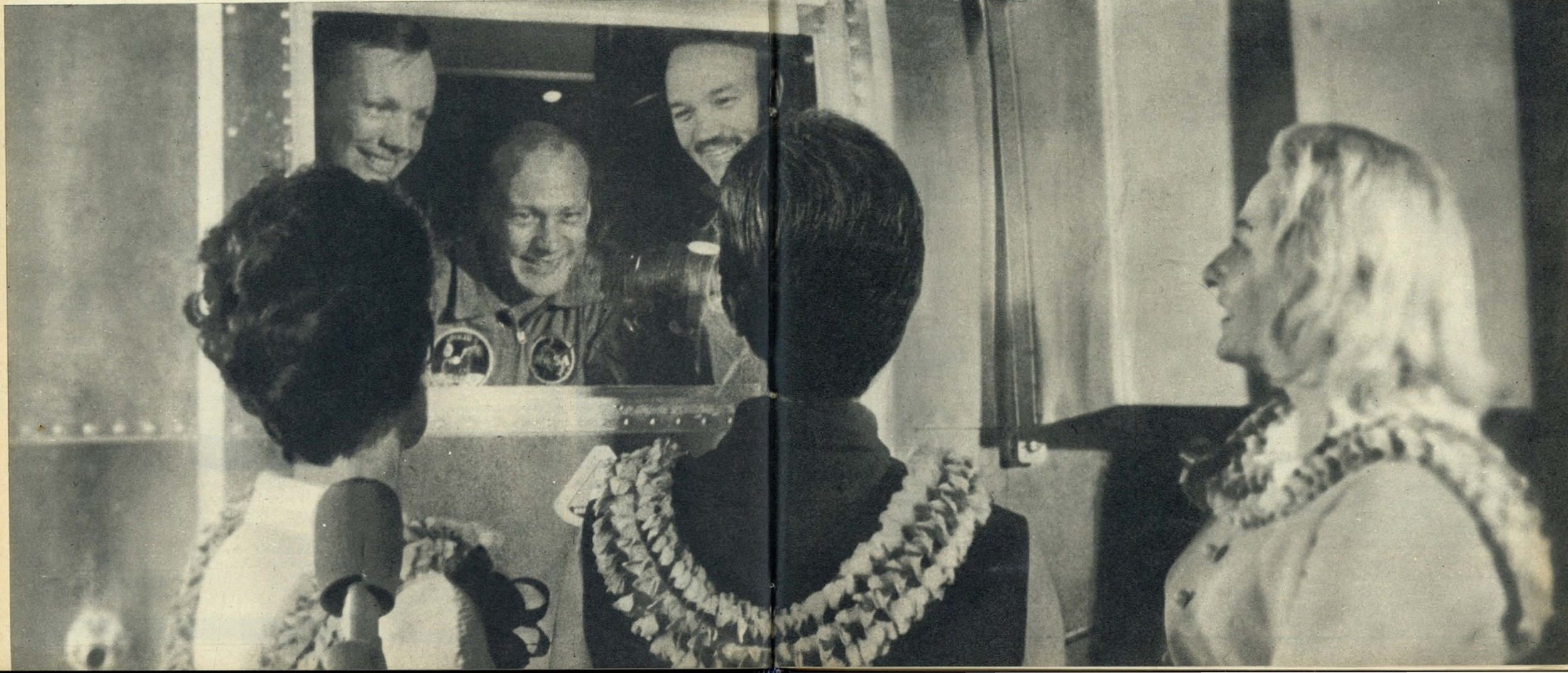


Armstrong, Aldrin e Collins, na sua «prisão» de alumínio. Note-se o bigode de Collins, que o deixou crescer enquanto andou no espaço como que para o distinguir dos seus camaradas que realmente pisaram a Lua.

Na sua provisória morada de alumínio, os homens que foram à lua continuam a quarentena de três semanas que lhes foi imposta, prevenindo qualquer hipotética importação de micro-organismos lunares. Acompanhados dum médico e dum engenheiro, Armstrong, Aldrin e Collins cumprem, assim, o que se poderia considerar uma «pena de prisão» por terem pisado a Lua ou andado nas suas proximidades, desvendando os seus segredos. Uma prisão durada, em todo o caso: não custou o «M. Q. F.» (Mobile Quarantine Facilities — assim se chama a «caravana» em que foram encerrados) meio milhão de dólares (cerca de 14 mil contos)? Antes de se completar a quarentena, os três homens não podem contactar com as famílias respectivas (mulher e filhos) a não ser através de uma pequena janela de vidro. Também os abraços e apertos de mão dos amigos e admiradores só chegarão no final. Mas a glória de terem sido os primeiros, essa já ninguém pode tirar-lhes. E a glória tem o seu preço.

SEGUE

WORLD BOOK ENCYCLOPEDIA SCIENCE SERVICE — © AG. DIAS DA SILVA - FLAMA



A QUARENTENA DOS LUNAUTAS

GANHANDO OU PERDENDO APRENDE-SE SEMPRE QUALQUER COISA

por NEIL ARMSTRONG

Só quando entrei no liceu comecei realmente a ver o que é a educação e o que ela poderia significar para mim.

Anteriormente, os meus professores da escola primária sempre me pareceram como vivendo num mundo adulto, muito seu. No liceu, os professores surgiram-me como pessoas acessíveis e camaradas. Porque o liceu de Wapakoneta (Ohio) era pequeno — os que terminamos no mesmo ano éramos 70 — as nossas relações com os professores eram muito mais estreitas do que as relações habituais nas demais escolas. Isto superou certas facilidades que nos faltavam na região. De certo modo, a nossa educação era quase «feita por medida».

Por exemplo, consentiram que eu escolhesse o meu plano de estudo das Ciências e deram-me todo o tempo necessário para isso, assim que o meu professor de Ciências, Grover Cristes, reparou no grande interesse que eu tinha pelo assunto. (Cristes reformou-se este ano, depois de 53 anos de actividade no ensino). Permitindo que eu me servisse mais tempo do laboratório e comparcesse menos nas aulas, Cristes encorajou-me e estimulou-me a trabalhar mais do que eu podia num sistema mais rígido e ortodoxo.

Como na biblioteca do nosso liceu não podia encontrar tudo o que precisava, em breve o professor de Ciências me mandava às livrarias dos colégios nossos vizinhos: Ohio State, Ohio Northern e Bowling

Green. Ai encontrei os meus centros de pesquisa, que foram também as minhas escolas. Como no liceu também não houvesse curso de trigonometria, estudei e aprofundei o assunto nas bibliotecas dos colégios, com textos recomendados pelo meu professor de matemática. Eu sabia o que queria ser.

Comecei a construir modelos de avião, logo que tive idade para ter as instruções.

O liceu de Wapakoneta ensinou-me mais alguma coisa que não se encontra em nenhum texto: perde-se com a mesma facilidade com que se ganha, mas, de qualquer forma, a experiência ensina qualquer coisa. Participei num concurso interliceus sobre Ciências, com uma turbina que trabalhava a álcool. Parecia um relógio suíço. Não trabalhou durante todo o curso. Aprendi muito ao tentar localizar o erro e corrigi-lo.

Depois de fazer o curso do liceu, inscrevi-me na Faculdade de Engenharia da Universidade Purdue, em 1947. Primeiro escolhi a M. D. T. (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), mas a reputação de Purdue, pela excelência do seu ensino na engenharia aeronáutica, bem como as suas condições, influenciaram-me, e o mesmo se passou com os meus amigos, o falecido Gus Grissom e Gene Cernan. (Cernan fez parte da tripulação da «Apolo-10» e ajudou a abrir o caminho para a Lua).

Foi chocante para mim descobrir que as relações professores-alunos que conhecera no liceu não existiam em Prudue.

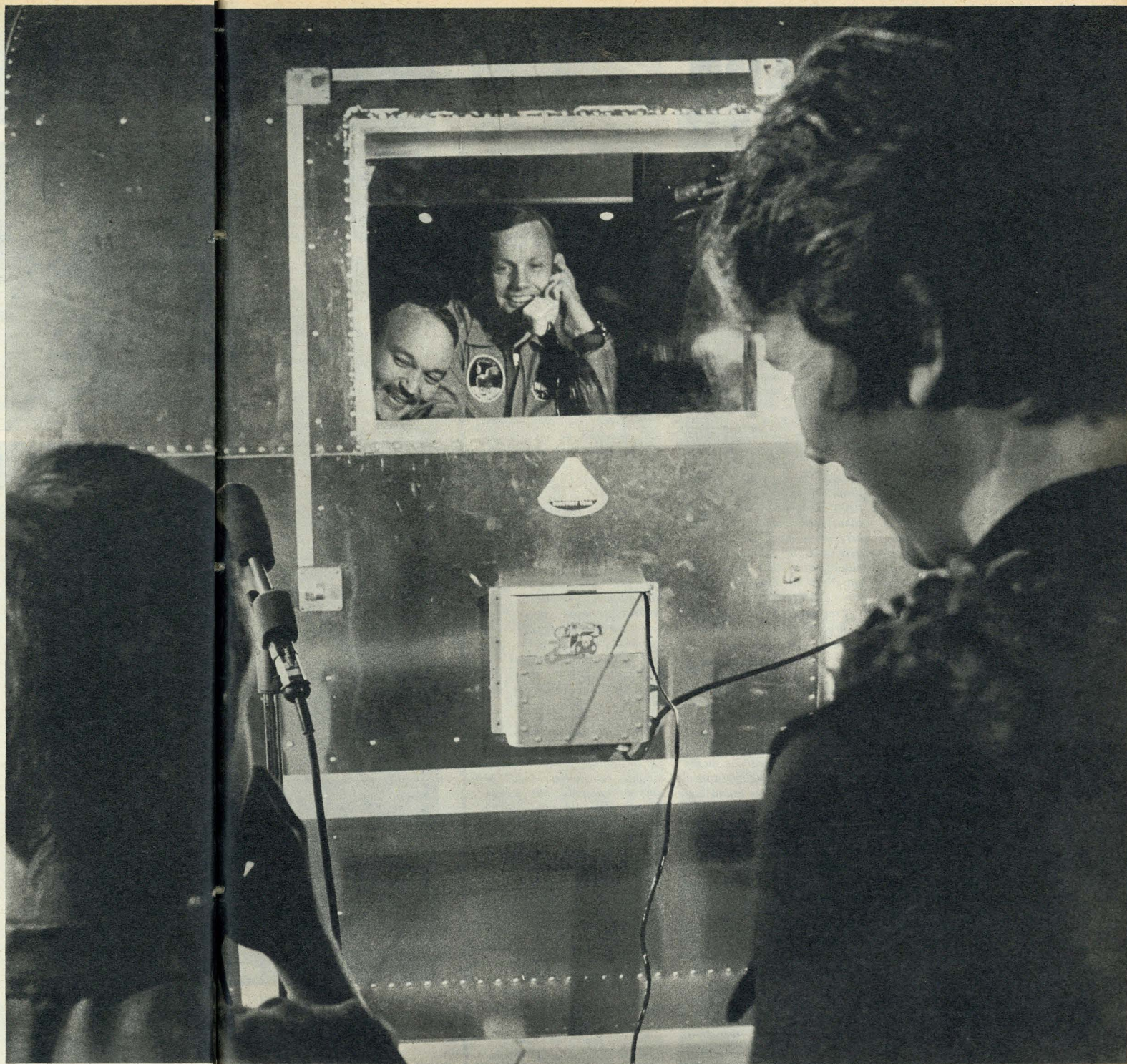
A universidade não poderia ter-se desinteressado menos pelos meus êxitos ou fracassos. Com efeito, dizia-me: «Agora és um homem. Terminares ou não o curso, depende apenas de ti».

Durante esse período, aprendi a comandar aviões ligeiros, e após dois anos de escola convenci-me que era um competente desenhador de aviões e que devia estender a minha experiência de piloto a aviões mais complexos e pesados. Para esse fim, tornei-me piloto da Armada em 1949, completei o treino de voo e desempenhei 78 missões na Coreia. Em 1952, voltei a Purdue com uma bolsa de estudo da Armada, para completar o meu trabalho como bacharelado em Ciências, e formar-me em Engenharia aeronáutica, o que aconteceu em 1955.

Nesse mesmo ano ingressei no Centro de Pesquisas Lewis, da NASA, e mais tarde transfiri-me para a Estação de Voos de Alta Velocidade, na base da Força Aérea de Edwards, como piloto de treino. Depois, em Setembro de 1962, fui seleccionado para o programa espacial da NASA.

No entanto, ainda hoje me lembro da turbina que não funcionou, em Wapakoneta. Quando, no Manned Spacecraft Center, realizámos uma experiência feliz no laboratório, mas que na prática não resulta, sei que aprendemos qualquer coisa ao descobrir o que está mal. No meu livro, ganha-se sempre qualquer coisa quando se perde. Mas é melhor ganhar logo à primeira vez.

O filho de Armstrong fala com o pai, enquanto a mãe aguarda a vez de utilizar também o microfone. Collins, ao lado chega, sorri.



Um professor de liceu e um projecto falhado para competir num concurso estudantil foram os principais factores que concorreram para a formação de Neil Armstrong, o primeiro homem a pousar na Lua. É isso que ele conta num artigo que escreveu para um livro sobre educação e que publicamos nestas páginas.

SEGUE

A QUARENTENA DOS LUNAUTAS

MENSAGEM PARA OS HIPPIES DE UM DOS ASTRONAUTAS DA APOLLO 11

por MICHAEL COLLINS

Sempre que encontro um jovem incerto quanto aos seus planos educativos, lembro-lhe um velho adágio que ainda mantém o seu valor em 99 por cento dos casos: «Se não consegues fazer-lhes morder o pó, junta-te a eles.»

«Eles» são evidentemente os adultos. Quer se queira quer não, e quanto ao futuro previsível, são os adultos quem determina o êxito (ou a falta dele) da maioria da juventude em início de carreira. São os adultos que procedem ao assalariamento. Muitos deles aprenderam a partir da experiência. Portanto, por que não tirar partido dessa experiência? Eles estão convencidos de que uma boa educação é precisa para um bom trabalho. É tão simples como isso e, o que é mais, os adultos podem prová-lo pelos registos.

Os dias do self-made man, com educação de autodidacta (na sua «escola» de uma sala só nas águas-furtadas) e montes de senso comum e coragem, estão largamente ultrapassados nesta era tecnológica. Mesmo uma educação liceal, outrora tida por adequada, já não é suficiente para assegurar um emprego do último grau, em muitas instâncias.

Quando me perguntam se isto não é submeter-se uma pessoa ao mundo dos adultos, a minha réplica é mais ou menos a seguinte: «Vê que, dentro de poucos anos, tu serás também um adulto. Ficarás com a tua instrução pelo Liceu enquanto o teu melhor amigo seguiu para a Universidade. Serás empregado de um armazém de secos e molhados enquanto ele subirá à presidência de um banco. E isso virá a ser um golpe de 365 dias por ano no teu orgu-

lho, todos os dias, cada dia. A mesma coisa acontecerá com o resto dos teus amigos que não se tenha submetido».

Se o marginal em potência continua a resistir, pergunto-lhe que planos tem em vista quanto a constituir família e como ele espera educar os seus próprios filhos. Como se sentirá quando puder apenas partilhar um modesto lar num arredor economicamente subdesenvolvido, enquanto a família da mulher e os seus amigos vivem numa zona muito mais confortável?

Frequentemente, deparo com o argumento de que grandes carros e casas são meras possessões materiais, ostentações vulgares da «sociedade de consumo», etc. É inteiramente verdade, mas aqueles são os critérios pelos quais um mundo adulto julga os seus pares, e esses padrões parecem estar para lavar e durar na nossa sociedade. O marginal aprenderá do modo mais árduo que não se pode combater todas as instituições ao mesmo tempo, a não ser que se queira terminar por varredor dos respectivos corredores.

Mesmo aqueles que frequentaram a Universidade depressa aprendem que têm de continuar a estudar para se conservarem nos empregos que conseguiram. Tudo acontece com demasiada rapidez na actualidade e, quer se trate de um homem de negócios ou de um cientista, cada um tem de manter-se ao par dos mais aptos para se manter no local da acção.

Mas, para retornar à minha ideia original, devo sublinhar que são os adultos que fazem o assalariamento. São os adultos que promovem e seleccionam o prometedor jovem cien-

tista e o jovem repórter e lhes dão possibilidades de progresso. A sua insistência numa instrução ao mais alto grau não é mero capricho; é toda uma filosofia de vida muito considerada e que requer maturidade que só a educação pode fornecer. De outro modo, o porteiro seria consultado nas decisões da empresa e o general pediria ao soldado o seu conselho sobre estratégia.

A despeito disso, muitos argumentam que os bons empregos não requerem educação universitária, são fáceis de encontrar e pagam bem. Para esses, a minha rejeição é mais ou menos a seguinte: «É verdade o que dizes e alguns dos empregos a que te referes pagam algo de semelhante aos salários de funções executivas, como, por exemplo, as dos capatazes dos altos fornos de uma siderurgia. Mas gostarias tu de fazer exactamente o mesmo trabalho em todos os dias da tua vida, isto é, uns 40 anos dela? Quando não há mudança não há desafio ou aventura. Não esqueças de que levará muitos anos da tua vida de adulto para alcançar essa espécie de trabalho responsável.»

A juventude pode dizer que não é bom confiar em alguém com mais de 30 anos mas — quer queira quer não — ela não tem outra opção se quiser viver uma vida inteira e compensadora e, com o tempo, tornar-se adulta com maturidade, precavida contra o facto de que os jovens sempre tiveram e sempre têm de aprender um bom bocado antes de as rédeas da governação do mundo lhes poderem ser passadas sem perigo e com toda a responsabilidade.

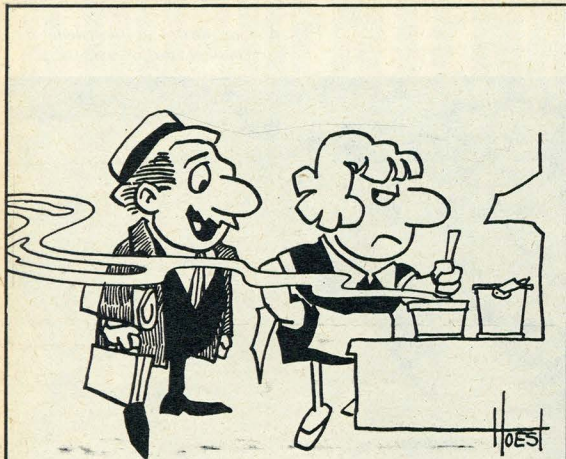


Enquanto fala com o marido, Joan Aldrin procura tocar-lhe, através do vidro do «M.Q.F.»...

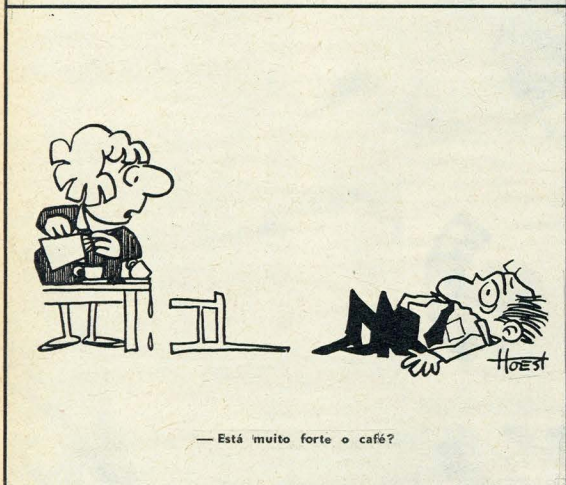


A foto ilustra a ansiedade da mulher do astronauta.

A separação das famílias terá sido uma das maiores provações para os astronautas, no regresso da sua missão. Mas isso são «ossos do ofício», que a História não registará quando recordar os modernos Colombos que trouxeram a Lua para o convívio mais íntimo da Terra. Entretanto, aguardando o dia da liberdade, os três homens jogam às cartas, ao xadrez e às damas, ou vêem o seu programa favorito de TV. Também o solo lunar lhes tem merecido estudo atento, em conjunto com o engenheiro que os acompanha na quarentena. Mas em breve se abrirão as portas da prisão e, então, haverá festa, ainda maior do que até agora.



— Cheira mesmo bem! O que é que hoje aconteceu de errado?



— Está muito forte o café?



— Não sei se te hei-de dar um casaco de peles ou um relógio. Por isso aqui tens 100\$00 para comprares o que te apetecer.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															
14															
15															

PROBLEMA N.º 976

HORIZONTAIS: 1 — Fraqueza. 2 — Cidade e porto da Lituânia; finório. 3 — S.q. do «antimónio»; ténues; solitários; perseguida. 4 — Jogo de cartas; nome dado ao congro quando jovem; conhecer. 5 — Cmilão; beleza de colorido; transporte. 6 — Espécie de canoa escavada de um tronco; sem valor; dificuldade. 7 — Primeiro nome de uma prestimosa fundação filantrópica; segue; mofa. 8 — Forma aldeamento de; tombara. 9 — Sufixo designativo de profissão; rio da Suíça; roubarei. 10 — Pron. pass. (pl.); nadas; Abril (francês). 11 — Fileiras; transformar em seco; nome de uma marca de automóveis. 12 — Triturar; esmagam; Alemanha-Espanha-Turquia (iniciais). 13 — Plural de uma vogal; possuir; chupem; estrépido de desmoronamento. 14 — Assolar; concessor. 15 — Vereação.

VERTICAIS: 1 — Arbitrário. 2 — Cidade portuguesa; rebolas. 3 — Sua Majestade; mineral amorfo; chiste; pronome pessoal. 4 — Bilis; mentira; satanás. 5 — Escolhas; corajoso; tornei a ler. 6 — Transportam; entes racional (abrev.). 7 — Fêmea do elefante; grande quantidade; graça. 8 — Coloque; ruborizam-se. 9 — Prefixo; dialecto francês; acasalada. 10 — Defeito; morder com raiva; ramificação. 11 — Herdades divididas por marcos; partida; calculei. 12 — Relativo ao nariz; encolerizava; modelc (abrev.). 13 — Pronome pessoal; amor; distribui por ruas; s.q. do «rádios». 14 — Transportar; ave palmípeda muito robusta, do Norte. 15 — Verosimilhança.

Solução do problema número 975: Aderi — floresces — rolos — ricas — ore — beato — Adas — cura — o — relegar — datar — ra — magos — lanosa — ido — mar — doba — Zeca — smatóricos — arara — san — mirre — mercenário — oram — aros — fiz — are — condês — tires — aa — olaia — recolar — d — vida — rica — obolo — Ava — beber — segar — lamuriara — orara.

**RAPARIGA
UM CURSO PARA TI!**

A Escola de Enfermagem «Rainha Santa Isabel» pretende formar Enfermeiras que, sendo tecnicamente competentes, saibam dar aos problemas que se lhes deparam soluções cristãs ...

Rua Alexandre Herculano, 20
COIMBRA

NIVEA

Bronzeadores

Formidável! O bronzeado Nivea, saudável e natural ...

Para peles secas:
Nivea Óleo Solar com
extracto de nozes bronzeia
rápida e eficazmente.
Protege das queimaduras
solares. Mantém a
elasticidade e macieza da
pele devido aos óleos
especiais que contém.



Para peles gordurosas:
Nivea Banho Solar,
leite não gorduroso que
protege e cuida
eficazmente mesmo as
peles mais sensíveis,
dando-lhes um bronzeado
natural e duradouro.

com Nivea ao ar e ao sol

a importância do grão de café



PROMO-C-65 14



puro na plantação! puro na chávena!

O GRÃO GUARDA INTACTO ATÉ AO ÚLTIMO
INSTANTE O SEU TESOIRO DE AROMA
E DELICADO PALADAR.
E SÓ O GRÃO GARANTE A VERDADE E A
PUREZA DO SEU ESTÍMULO PREFERIDO.

beba café puro! exclusivamente!

**CAFF
UNIT L**

